

Tripartida de Lisboa vai continuar na Cidade do Cabo

Moçambique recusa corpo expedicionário em Cahora Bassa

O mau acolhimento prestado pela delegação moçambicana à proposta portuguesa de criação de um «corpo especializado de manutenção» das linhas de transporte de energia — entendido como «uma espécie de corpo expedicionário» por alguns dos seus membros — terá sido um dos aspectos relevantes das históricas negociações tripartidas que ontem se concluíram em Lisboa. Um outro aspecto que sobressaiu na reunião e que assume especial importância para Portugal foi o da «grande abertura» com que os representantes de Maputo e de Pretória terão aceite a posição portuguesa relativa à co-responsabilização dos

seus países, relativamente aos enormes encargos financeiros que Portugal ainda tem que suportar, por via da construção da barragem. Um terceiro ponto a destacar refere-se à recusa por Portugal em participar em quaisquer projectos de alargamento de Cahora Bassa. Por outro lado, os delegados do Governo português pediram um aumento das tarifas de 200% que vai ser analisado pela África do Sul. As negociações, que parecem ter correspondido às expectativas de todas as delegações, prosseguem na Cidade de Cabo dentro de um mês. Pág. 4



Louisa Nell, Antonio Almeida e Antonio Branco na assinatura

Luanda, Pretória e Washington reunidos em Lusaca

Forças americanas e cabo-verdianas na fronteira entre Angola e Namíbia?

Os Estados Unidos e Cabo Verde poderão integrar uma força conjunta que supervisaria um eventual cessar-fogo ao longo da fronteira entre Angola e a Namíbia, segundo fontes oficiais de Maputo, citadas pela ANOP. Esta notícia coincide com o início, hoje em Lusaka, de contactos entre Angola, África do Sul e EUA, contactos estes programados para durarem alguns dias. As de-

legações dos três países são chefiadas por Alexandre Rodrigues, ministro do Interior de Angola, Roelof Botha, ministro dos Negócios Estrangeiros da África do Sul, e Chester Crocker, subsecretário adjunto para os Assuntos Africanos do Departamento de Estado de Washington.

Págs. centrais

Diário de Lisboa
**TER
ESCREVER**



O lado esquerdo da noite

Um dos últimos romances de Baptista-Bastos, «Viagens de um pai e de um filho pelas ruas da amargura», é hoje um dos temas centrais do suplemento literário «DLler/escrever». Analisa o livro Joaná Ruas, sob o título «O lado esquerdo da noite». Outra colaboração de interesse preenche o suplemento.



Durante as operações de rescaldo já ao fim da manhã

Esta manhã: milhares de contos de prejuízos

Fogo destruiu serração em Alcântara

Uma serração situada na Quinta Graciete (Rua Maria Pia, 290), em Alcântara, ficou esta manhã reduzida a escombros, devido a um incêndio detectado cerca das 5h30, cujas origens ainda não tinham sido apuradas até à hora do fecho do nosso

jornal. As chamas destruíram máquinas e toda a matéria-prima existente nas instalações, causando prejuízos avaliados em milhares de contos, só parcialmente cobertos pelo seguro.

No combate ao sinistro participaram 70 homens

pertencentes ao Batalhão de Sapadores Bombeiros e aos Voluntários de Campo de Ourique. A ocorrência foi registada pela 4.ª Divisão da PSP (Esquadra do Calvário) mas as investigações irão decorrer a cargo da Polícia Judiciária.

q opinião dos outros

DIÁRIO POPULAR

«(...) Foi, finalmente, aprovada a Lei da Despenalização do Aborto. A Assembleia da República estabeleceu, por maioria de votos, a legalidade do projecto socialista. E, embora possa dizer-se que uma vasta polémica suscitada em torno do aborto terminou, deve acentuar-se que, de facto, a decisão maioritária dos deputados da AR não pôs ponto final nesta questão. Ela continuará, apesar de tudo, a justificar alguns comentários, entre eles, o mais recente — e aliás repetido — o do dr. Salgado Zenha, que insistiu em que deve ser feito um referendo. Já aqui — e assumo, mais uma vez, posição pessoal nesta matéria — eu sublinharia não ser compreensível que a população do País não fosse consultada sobre um tema que tão íntimo e concretamente a interessa. Não bastam as sondagens que, num processo assim melindroso e de um tão profundo envolvimento como este, são demasiado incoherentes para nos dizerem o que verdadeiramente pensa a população portuguesa. O facto de no maior órgão da Comunicação Social, a TV, a despenalização do aborto não ter sido discutida, induz a concluir que houve o receio de uma ressaca eventualmente desencadeada por um tema como este. Os grandes problemas, porém, são para se discutir e não para serem desligados do público, se, como acontece neste caso, eles verdadeiramente o afectam (...)»

de Pacheco de Andrade
15-2-84

CAPITAL

«(...) Já numerosas vezes escrevemos aqui que aceitamos uma solução claramente presidencialista como um sistema de democracia possível. Tal sistema exige que o PR seja o autêntico chefe ou responsável do Executivo e o Parlamento um órgão de fiscalização e limitação permanente do poder. Isso é claro, é uma proposta digna e obriga a fazer uma Constituição inteiramente nova. O País deve claramente optar por um sistema ou por outro. Mas não é intelectualmente honesto querer curar os efeitos da instabilidade, da falta de autoridade do Estado, multiplicando os pontos de atrito e os conflitos inevitáveis de poder, ajeitando a figura presidencial com mais uns tantos poderes para desenhar um figurino à medida da ambição ou do desejo de um novo candidato à Presidência da República.

O que acima de tudo se evidenciou nesta nova ofensiva interna ao PSD de conquista do poder foi única e infelizmente um pensamento nulo e uma pura política de pessoas. Pode ser que tenham razão e que sejam eles os melhores. Mas para que isso se transforme numa crença generalizada parece necessário um esforço de construção e definição política, a apresentação coerente de um sistema constitucional, de uma teoria do desenvolvimento e do poder político, numa palavra, de algo mais do que a promessa indefinida e pálida de um líder que nunca até hoje se quis comprometer.»

do Editorial
15-2-84

Diário de Notícias

«(...) Terá a Banca nacionalizada, ao longo destes anos, cumprido a sua missão? Admitamos que o tentou fazer. A verdade é que, por razões diversas, das quais em si não serão culpados, alguns bancos nacionalizados mostram-se desequilibrados e não gozam de boa saúde. Uma reestruturação que nunca chegou a ser realizada, uma adaptação que nunca chegou a ser feita e uma orientação que nunca chegou a ser claramente determinada pelos sucessivos Governos provocou distorções no sistema. Somou-se a isto o mau resultado da dança dos gestores, nem sempre nomeados por critérios de competência. A Banca nacionalizada acumula hoje centenas de milhões de contos em mora ou créditos de cobrança duvidosa.

Poderá a Banca nacionalizada concorrer com a futura Banca privada? Evidentemente que sim, desde que, revisto o sistema financeiro, o Governo lhe consinta idênticas condições de eficácia. Mas será o momento particularmente aliciante para a constituição de bancos privados comerciais e de investimento? Conhecendo-se a situação crítica da economia e das empresas portuguesas, como e em que segmentos do mercado irão operar os bancos privados?»

do Editorial
16-2-84

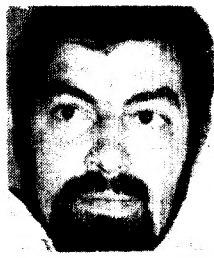
Tempo

«(...) Em vez de se discutir a sorte de milhares de operários da Lisnave que há muitos meses não recebem salários completos e se encontram ameaçados pela fome, as atenções concentram-se na candidatura do dr. Mota Amaral, regada a amplos ágapes por Aveiro e Lisboa. O dr. Mário Soares por seu turno viaja rapidamente para Moscovo e prepara-se para embarcar para Nova Iorque e Washington. Os problemas de fundo não se enfrentam de acordo com um plano que incluía uma série de grandes reformas. Há cinquenta anos atrás, a Noruega era um país mais pobre do que Portugal e é hoje um dos países mais ricos da Europa industrializada. Um operário da Lisnave dizia-nos há dias, amargurado pelo desespero de não ter salário desde há um ano: Onde estão as leis que desenvolvem a agricultura e que facilitam a pesca?

Efectivamente, continuamos à espera das grandes medidas estruturais, embora alguma coisa se vá conseguindo com este Governo. Não pode deixar de assinalar-se a criação do Seguro de Desemprego e do ajustamento das rendas de casa, que o «Tempo» anunciou em primeira mão a semana passada e constituem medidas de correcção social finalmente implementadas. A criação do Seguro de Desemprego pode aliviar muitas tensões e constitui um grande passo em frente no sentido de se criar um mecanismo capaz de equilibrar o meio social, enquanto não for reestruturado de forma definitiva o plano de recuperação da nossa economia. Os portugueses precisam de trabalhar mais e mais horas e de forma mais eficaz. Se não for assim, caem de fome e lançam as bases de uma integração europeia dependente que nos lançará, mais cedo ou mais tarde, nos braços da vizinha Espanha (...)»

Do Editorial
16-2-84

PEDRO
CID



Relação tensa entre FMI e interlocutores nacionais

• Novamente em causa a alienação de 14 a 17 toneladas de ouro

Não houve nenhum progresso nas negociações entre o Governo Português e a delegação do Fundo Monetário Internacional. Ao contrário a delegação do FMI fez saber às autoridades portuguesas que a sua única «cedência» é aceitar a prorrogação por dois meses da Carta de Intenções assinada em 1983 nos seus exactos termos, ou seja sem modificar o conteúdo fortemente restritivo. A decisão de opção do FMI foi tomada após uma consulta com a sede em Washington, embora tenha de ser formalmente comunicada quando voltar a Lisboa, durante o mês de Março.

A informação foi recolhida junto de meios diplomáticos da nossa capital ligados às capitais dos países ocidentais e confirmada informalmente ao jornalista por meios próximos do Ministério das Finanças e do Banco de Portugal.

De resto, as autoridades financeiras mostram-se devesas preocupadas com a situação. Manter a Carta de Intenções tal como foi assinada em 1983, significa que o ano em curso vai ter um crescimento económico negativo, que continuará a política de austeridade e de rigor, sem a menor possibilidade de abertura e relançamento do investimento.

Os mesmos círculos confirmaram-nos que a delegação do FMI partiu agastada com as autoridades portuguesas e perplexa com os interlocutores que o Ministério das Finanças lhe enviou. Com efeito, o ministro Ernâni Lopes não recebeu a delegação, os elementos solicitados pelo FMI para avaliar o cumprimento da Carta de Intenções foram ou sonnegados ou tardiamente facultados. Aliás, ainda antes desta sua última deslocação a Lisboa, a chefe da delegação do FMI escrevera ao ministro das Finanças uma carta de desagrado pelo modo como estava a ser posto em causa em Portugal o prestígio da instituição.

Por outro lado, apesar dos desmentidos do Banco de Portugal e de alguns membros do Governo de não terem sido previamente informados, parte das nossas reservas de ouro, num montante entre 14 e 17 toneladas, foram recentemente alienadas. As múltiplas diligências que pudemos fazer, mesmo com base em elementos absolutamente fidedignos, oriundos de algumas praças financeiras europeias, vão no sentido de confirmar que o Banco de Portugal, seguindo directrizes concretas do Ministério das Finanças, procurou negociar empréstimos que pudessem, a um tempo satisfazer o serviço dos juros da dívida e a amortização de alguns empréstimos. Essas negociações só puderam ser levadas a cabo, em parte, pela garantia-ouro de parte das nossas reservas. Portanto, ainda que formalmente, o Banco de Portugal possa negar a venda de ouro, a verdade é que existe neste momento uma afectação de algumas toneladas das nossas reservas e é quase certo que essa afectação se traduzirá na sua perda, mais ou menos meses. Aliás, obtivemos ainda de várias fontes estrangeiras uma informação que não podemos confirmar junto das autoridades portuguesas ou seja de que o Governo de Lisboa só terá encontrado disponibilidades para pagar até 31 de Março metade dos 40 milhões de dólares que se vencem nessa altura e que em relação à outra metade foi solicitada aos credores uma moratória de 180 dias.

Como quer que seja, a situação económica e financeira do País afunila-se cada vez mais, tendo em conta as verbas astronómicas que se torna imperioso liquidar, quer em função dos juros, quer de amortizações. O Governo terá, inevitavelmente de continuar a tomar medidas cada vez mais restritivas. A abertura de linhas de crédito para o investimento não se poderá efectuar. Em qualquer dos casos, a verdade é que o País está deficientemente informado sobre essa realidade e o Executivo não pode mais silenciar essa situação alarmante. A interpelação que hoje começa na Assembleia da República,

com a presença (e o discurso) de Ernâni Lopes pode ajudar a fazer alguma luz sobre este inquietante assunto.

Situação política consumadas as fracturas no PSD

A apresentação pelo prof. Mota Pinto de uma proposta de alteração aos estatutos onde se propõe, nomeadamente, a eliminação da eleição uninominal do secretário geral, provocou ontem diversas discordâncias no seio da Comissão Política, mesmo entre aqueles dirigentes que têm vindo a ser apoiantes firmes do actual líder. Criticou-se, em particular, a oportunidade política da apresentação de tais alterações estatutárias. No entanto, o que é importante é que ontem ficou marcada a ruptura, ou, pelo menos, um distanciamento maior entre Mota Pinto e António Capucho. Ficou também mais visível a fractura declarada entre Mota Pinto e Mota Amaral, sendo certo que, apesar do fôlego que mostra ter o líder açoriano, a máquina do partido (alguns dos homens que a conhecem bem) afirmam, (com algum pesar?) ser forçoso reconhecer que, neste momento, Mota Pinto desfruta de vantagem e pode vir a ganhar o congresso. Talvez seja uma vitória pírrica, mas, formalmente uma vitória. Todavia, uma vez que Mota Amaral conseguiu atrair à sua causa algumas figuras de grande prestígio no interior do aparelho e sobretudo junto das bases (Loureiro Borges, Fernando Amaral, Lurdes Breu, Britaldo Rodrigues e João Salgueiro) e, por outro lado vem afirmando que apresentará uma lista para a Comissão Política, os dados podem vir a alterar-se. É, por isso, que alguém dizia que os resultados do Congresso de Braga são uma incógnita em que o apostador que não gosta de correr riscos terá de fixar-se numa «tripla», onde nem o empate (ou seja a negociação no próprio congresso) está de todo excluída, embora pareça, como se disse, cada vez mais difícil. Outro dado interessante é o apoio que o grupo de Mota Amaral se presta para afirmar publicamente a António Capucho, que é, mau grado os que o atacam, um dos homens mais poderosos e politicamente mais hábeis do Partido. É ele o homem que dá conteúdo e peso político a um cargo que formalmente quer que seja meramente administrativo... Mota Amaral (ou alguém por ele) prepara uma declaração afirmando que continua a apoiar a eleição uninominal do secretário-geral e que António Capucho deve manter-se nesse cargo. De notar também que, apesar de tudo, Mota Pinto chegou a convidar António Capucho, desde que este, obviamente, concordasse em ser eleito numa lista conjunta dos órgãos nacionais.

O silêncio do presidente

A evolução política está também pendente em larga medida da actuação do actual Presidente da República, cujo silêncio é total, um mês após o discurso de Coimbra.

O general Eanes foi há dias consultado pelo Governo quanto aos funerais de Andropov. Mário Soares só decidiu ir a Moscovo depois de Ramalho Eanes ter declarado que entendia não ser o representante do Estado Português.

Sabe-se que tem havido reuniões infundáveis, movimentações de diversa índole dos chamados «homens do Presidente». Que há projectos delineados e definidos. Falta porém o motor de arranque, ou para se ser mais prosaico, a mão que accione o motor de ignição... Com alguma razão, Alfonso Usia publicava a semana passada um texto crítico no «Cambio 16» de Madrid em relação ao general Eanes onde se dizia que «hoje, o Presidente de Portugal é notícia, precisamente porque não é notícia nenhuma».

Será que é assim mesmo? Para a gestão do tempo de intervenção concorrem factores diversos, mas nas hostes presidencialistas vai surgindo outra vez um enorme cansaço desta espera interminável.

Milhares de trabalhadores exigem pagamento dos salários em atraso

A grave situação dos salários em atraso leva hoje à rua muitos milhares de trabalhadores em vários pontos do País, entre os quais Lisboa e Porto, numa jornada de luta promovida pelo movimento sindical unitário e que visa também o desbloqueamento da contratação colectiva. Das onze concentrações convocadas para esta tarde, seis ocorrem em Lisboa e uma em Porto, havendo ainda outras acções de esclarecimento e luta em diversas localidades.

As principais concentrações realizam-se cerca das 18.30 h em frente à Assembleia da República, em Lisboa, e na Praça da Liberdade, no Porto.

«Caiu definitivamente a máscara da concertação social do Governo» PS/PSD, sublinha a CGTP-IN, num comunicado em que apela à participação massiva dos trabalhadores na acção de hoje.

O documento refere que, a comprová-lo está «a violência inédua que se abateu no passado dia 9 sobre os trabalhadores da margem Sul, que lutavam no exercício dos seus direitos legais e constitucionais». E acrescenta que «essa brutal intervenção da GNR só é comparável à que provocou dezenas de mortos e feridos no 1.º de Maio de 82 no Porto».

A Comissão Executiva da

CGTP-IN, que diz ter feito um balanço das inúmeras lutas em curso pelo pagamento dos salários em atraso, interroga-se se não haverá excessiva permissividade no comportamento de um Governo que permite este «escândalo» e dos «despedimentos massivos e selvagens em empresas públicas e privadas, o uso e abuso de dinheiros do Estado através de gestores corruptos e incompetentes (...), a acumulação impune das dívidas do patronato à Previdência e da retenção de quotas sindicais, o recurso sistemático à intervenção policial contra os trabalhadores em luta, etc.».

Para além dos cerca de 150 mil trabalhadores sem salários, mais de um milhão vêem o seu poder de compra gravemente degradado, em consequência do bloqueamento exercido pelo patronato à

mesa das negociações contratuais.

As acções

A concentração desta tarde em frente à AR, foi convocada pelas Unidades de Sindicatos de Lisboa e Setúbal (USL e USS) e visa não só exigir medidas concretas para a solução do problema dos salários em atraso, como também apoiar a interpelação que os deputados do PCP vão hoje fazer ao Governo no Parlamento, sobre esta candente situação.

Só no distrito de Lisboa, os trabalhadores que não recebem salário são cerca de 25 700, entre os quais se contam muitos casos dramáticos, de fome e miséria, com repercussões familiares e na economia regional.

A concentração da capital norte-nordeste, marcada para as 18 horas pela União dos Sindicatos do Porto (USP) realiza-se na Praça da Liberdade e será seguida da entrega ao Governo Civil de um documento sobre a situação, que também ali atinge cerca de 25 mil trabalhadores, a quem o patronato deve mais de um milhão de contos.

Outras acções estão previstas para os distritos de Aveiro, Évora, Faro e Santarém.

A nível de sectores, estão tam-

bém convocadas para hoje várias acções, entre as quais a concentração, às 17 horas, frente à sede de uma das associações patronais, em Lisboa, dos trabalhadores da construção civil. Estes trabalhadores, que hoje estão em greve, a nível nacional, reclamam o início das negociações de revisão da matéria salarial do CCTV.

Também os trabalhadores da metalurgia e metalomecânica paralisam ao fim da tarde, por um período de cinco horas, em todo o País, em luta pelo seu CCTV, que não é revisto desde 1981 e pelo início da revisão da matéria salarial. Em Braga a paralisação neste sector ocorre amanhã. Os metalúrgicos concentram-se às 16.30 h, junto à sede do Governo, na Gomes Teixeira. Os trabalhadores da Siderurgia Nacional, por seu turno, concentram-se junto ao edifício do conselho de gerência, em Lisboa.

Dirigentes, delegados e activistas sindicais do sector químico e farmacêutico deslocam-se às 16 horas ao Ministério do Trabalho (MT) para exigir o desbloqueamento da contratação colectiva e o pagamento dos salários em atraso. Por seu turno, os trabalhadores da Quimigal deslocam-se ao Ministério da Indústria.



Wanda Ramos

Da condição de escritor, dos impostos, ou da discriminação pelo Estado

EM tempos que já lá vão, tantos quantos a memória dos hoje vivos de todas as idades não abarca, recuados no infinito para trás de nós a perder de vista, contados por mais séculos que os dedos das duas mãos e dos dois pés, nesses tempos desafiados um a um desde então até há bem pouco, o intelectual, ou quem quer que se desse à laboração do espírito e das coisas do pensamento, aquele que, fixada a escrita entre os vários povos, se dedicasse a entrever esquemas filosóficos, de vida, cosmogônicos, conceptuais; e remanesse contra a maré e urdisse e divulgasse uma diferente concepção do mundo coevo, fosse ele por isso endeusado ou lançado em masmorras ou lido — esse, dizia, era um ser à parte, à margem dos que prosseguiram o seu quotidiano de sobrevivência em sociedades mais ou menos hierarquizadas; autocráticas ou permissivas.

E assim foi acontecendo sempre, e sempre esse punhado ao longo dos séculos de história encontrou barreiras, anátemas, descrença, desconfiança, sempre o faziam afundar-se na escória social, nessa multidão de párias, de leprosos, de mendigos. E, também, formas de religião estavam subjacentes e contribuíam para essa sua condição, a coberto das práticas mágicas e propiciatórias, da função sacerdotal ou da observação dos astros, do rito ou da actividade pedagógica, da filosofia da natureza ou da ética; da astrologia ou da descoberta da gravidade e do heliocentrismo.

E por isso Sócrates bebeu cicuta; Giordano Bruno, Savonarola, morreram queimados; Galileu abjurou para escapar à fogueira; por toda a Europa inquisições de diferente cariz religioso perseguiram como heréticos os homens de pensamento avançado; Marco Polo, aventureiro e viajante, terá sido condenado a retirar do seu livro tudo quanto fosse descrições de povos e civilizações inconcebíveis para os cérebros antolhados e eurocentrados das comunidades fradesas de então.

Os pensadores eram seres à parte, e até nos conventos, debruçados sobre imensos pergaminhos que preenchiam minuciosamente e iluminavam, detentores exclusivos da sabedoria do mundo conhecido em sociedades de obscuridade e ignorância, constituíam castas — e esse a quem nós hoje chamamos **intelectual** vivia arredado domando dos demais, objecto de desconfiança, de chacota ou, mais raramente, de disfarçada admiração; sujeito iluminado e bafejado pelo génio, pela diferença, foi simultaneamente pária e impulsionador das forças do progresso, sem que as sociedades o reconhecessem.

Que condição a nossa?

E tudo isto, a que propósito vem? Tenho andado a cima sobre qual é a nossa condição, do escritor, hoje em Portugal. Ouvindo daqui e dali, participando o melhor que posso na defesa dos seus direitos e numa definição justa dos seus deveres, constatando os comportamentos que se opõem a um seu estatuto e à assunção pela sociedade da sua existência; verificando o apagamento de que é generalizadamente

objecto nos grandes **mass media** — estes mais apegados ao escandalozinho político, à publicitação de destinos apocalípticos para a humanidade, ao endeusamento da mediocridade e das incompetências —, o entreacotovelamento que lhe impõe, insidiosamente, a marketingização do seu papel; ouvindo o escritor expressar as muitas dificuldades com que depara na batalha que trava, penso que, ao menos, lá foi esforcadamente ganhando um lugar, já que, no mínimo, acabou por lhe ser reconhecida certa cidadania, deixando de ser posto à margem. Pelo contrário, as sociedades foram aceitando, mais ou menos abertamente, a sua incomodidade, arranjaram formas de cabimento para as suas capacidades, atribuíram-lhe papéis, composturas, posturas, manifestaram que deles esperavam isto e mais aquilo, mas não, claro, aqueloutro.

Uns chegaram a ministros, a presidentes de um país, embora, no geral, não fossem as qualidades da sua escrita, a preeminência da sua obra literária, que terão ditado a necessidade de que regessem os destinos dos seus povos, mas sobretudo uma manifesta aptidão para governar, a casualidade de terem desempenhado papel de relevo em momentos de crise ou, convenhamos, alguma esporádica generosidade que as sociedades são por vezes capazes de expressar — a generosidade que está em fazerem dos seus poetas os seus profetas; e dos seus pensadores guias dos homens.

E, aceitando-os as sociedades, segregaram ao mesmo tempo as formas mais angustiosas que a qualidade de escritor pôde assumir — de ser marginal e escarnecido e perseguido pasoso a ser imprestável (por motivos interesseiros, como veremos); mas não, ó céus, pela sua arte, pela sua utilização desse utensílio privilegiado que são as palavras, pela mensagem que julga ser capaz de transmitir.

Não, nas comunidades já não desinformadas as informadas dos nossos dias, eles foram tornados braços, cérebros arregimentados, reses de um rebanho incomensurável — ou seja, dissolveram-se na multidão dos burocratas, dos intermediários entre isto e aquilo, dos tecnocratas. A escrita, persistem em praticá-la a horas mortas, como se de actividade culposa se tratasse, no momento em que todos retemperam forças.

É que cidadãos de pleno direito foram tornados também os escritores, na medida em que exercem os seus direitos cívicos, têm opinião, são elegíveis e eleitores, contribuem para o bem-estar do país com o seu trabalho — só que o seu trabalho não é, reconhecidamente, a escrita, qualquer forma de escrita, nem a sua ferramenta são as palavras. E também eles foram tornados um número, uma etiqueta, um bilhete de identidade intransmissível, um cartão profissional (mas não de escritor), um número de contribuinte. E aqui é que a porca torce o rabo. (segue)

Onde a palavra «escritor»?

Se não vejamos: neste fim do mês de Janeiro de 1984, neste país recém-inaugurado para os milagres do marketing e da informática e que todos querem pressurosa-

mente ver fazer parte da outra Europa, dessa Grande Europa da abundância e do bem-estar cuja chave de ouro é a CEE, ao procurar cumprir de forma igualmente pressurosa os meus deveres de cidadã de pleno direito, pagando o imposto profissional (que, como julgo que todos sabem, é o rendimento que ao Estado advém por ser imposto aos que a contragosto trabalham onde não deviam, ao arrepio da sua consciência, competência ou vocação), e desejando competentemente preencher a **declaração modelo n.º 1**, dou comigo à procura, no Código do Imposto Profissional — livro facinoroso e meandroso publicado para o efeito — de item ou rubrica, ou cláusula onde coubesse eu enquanto ganhadora, para utilizar a fórmula da dita declaração, normalizada, de «direitos de autor sobre obras intelectuais».

Ora, apesar de a expressão «obras intelectuais» estar consagrada até na declaração do Imposto Profissional que se compra em qualquer esquina da cidade, não vejo no referido Código a palavra «escritor». Pensei: obstará o meu vocabulário estorçado, tê-la-á o léxico vigente rejeitado sem que eu desse por isso, ao abrigo de algum novo acordo para a CEE ou com o FMI? É que lá vi, por lá vir, na **Tabela das actividades exercidas por conta própria, a que se referem os artigos 2.º, alínea c), e 10.º do Código do Imposto Profissional e o Artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 183-D/80**, um rol ou lista para as referidas actividades que enumera 66, nomeadamente, além das chamadas profissões liberais já clássicas (advogados, médicos, etc.): «cavaleiros e castradores de gado», «astrólogos e parapsicólogos», «vedores», «parteiras», «afinadores de instrumentos musicais e de precisão», etc., etc.

E agora? E eu que havia ganho uns míseros tostões nessa mesma actividade de escritor; e eu que julgava que essa actividade é tão importante como ser tradutora, que é aquilo que sou o dia todo, por mor do ganha-pão, ou como ser artista plástico, ou como ser outras infindas coisas ciosamente discriminadas no referido Código!

E pensei para comigo: não é que para mim, cidadã em país de liberdade de pensamento, e pagante de impostos como os outros, é tanto ou mais importante essa coisa que faço com as palavras que fiz as minhas do que aquilo que produzo com as palavras fornecidas em outras línguas, palavras que antes foram de outros que não conheço de parte alguma e vivem em Inglaterra, em França, em Itália? E hei-de eu pagar um imposto sobre direitos de autor quando me não reconhecem no país, por anquilosamente, distração ou incompetência ou o que seja, a minha profissão — condição de escritora? Hei-de eu pagá-lo quando o Estado me não reconhece aquilo que **produzo** com as minhas palavras e aquilo que **quero** produzir, ao mesmo tempo que exara que as palavras dos outros por mim decifradas, ou seja, a actividade de **tradutor profissional, já é coisa digna de ser arrolada?** (Sobre esta última frase espero não haja mal-entendidos, pois é reco-

nhecida a minha dupla qualidade de **escritora-tradutora, aliás, assumida, e se sabe quanto também o tradutor profissional é vítima das mais gritantes injustiças.**)

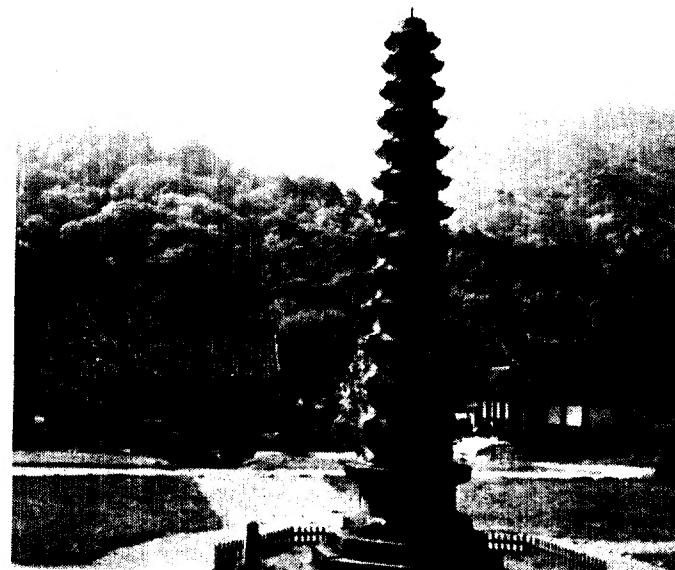
E vá de pensar: ao menos, já que o Estado me suga, me deseja — embora desdenhosamente nos não assegure forma idêntica à dos outros cidadãos de nos garantir a saúde e o sossego na velhice — ao menos, pensei eu, já que o tal Código regula, sem piedade, aquilo que havemos de pagar até ao último tostão, que nos deixe **caber no sítio que nos é devido. E se no Código do Imposto Profissional não aparece a rubrica escritor** (uma das actividades sobre que incidem os direitos de autor), não há dúvida de que o Estado incorre numa contradição de facto, pois nos chupa uma percentagem sobre os direitos de autor, mas não nos reconhece como **autores** de obras literárias, ou seja, escritores.

Determinadas despesas

Mais ainda: o exercício de uma actividade por conta própria obriga a determinadas despesas, facto que é reconhecido tanto no Código do Imposto Profissional como na dita declaração modelo n.º 1 onde há uma rubrica para o efeito; a percentagem estipulada para essas despesas é deduzida do rendimento proporcionado pela actividade (cas., para não ir mais longe, dos artistas plásticos), pelo que o Imposto Profissional incide sobre a receita líquida do exercício da actividade. Mas, no caso dos **direitos de autor sobre obras intelectuais** aplicados ao escritor, o mesmo já não acontece: não é reconhecida percentagem alguma ao **escritor**, por isso este, e só este, não pode deduzir quaisquer despesas decorrentes de escrever os seus livros, incidindo portanto o **total** da sua receita. Donde se conclui que, no **pensamento clarividente do Estado**, o escritor é um cidadão de pleno direito **privilegiado**, pois não precisa de fazer despesas com a sua actividade. Assim, terá de escrever na rua, de pé, e de inscrever os seus poemas ou romances, etc., no ar e no vento, que são matéria cuja utilização não se paga ainda; e terá de prescindir do lápis, da esferográfica ou da máquina de escrever, pois lhe bastam decerto os dedos e as unhas; e pode e deve ser **analfabeto**, porque as despesas que costumam fazer — papel, lápis ou caneta, fotocópias, dicionários, investigação histórica ou outra — não passam de um capricho a que **deve** renunciar. E assim sucessivamente.

Pós-escrito: expendido todo este arrazoado, de orelha murcha o digo, envergonhada comigo própria, deitando-me sobre a madrugada que já invade a cidade, adormeci, e lá estive eu, hoje várias horas na bicha para pagar o sonogado ao rendimento de uma actividade de que abusivamente me aposei, porque parece que não existe.

*A declaração modelo n.º 1 é o nome pelo qual se designa o formulário de Finanças para as Repartições de Finanças das autarquias locais que o contribuinte que trabalha por conta própria tem de preencher para efeitos de Imposto Profissional.



Da maravilhosa paisagem coreana: Monte Miogjangsan, na Coreia do Norte, visto do templo Bongjosa

Mais uma proposta de diálogo

Domingos Lopes(*)

UM dos conflitos mais explosivos nas relações internacionais é o que opõe a RDP da Coreia à ocupação militar pelos EUA do Sul da Península e consequente divisão artificial do país.

— Na fase final da guerra as tropas dos EUA que desembarcaram no Sul da Coreia para desarmar os japoneses transformaram-se num exército de ocupação e de repressão aos movimentos democráticos e patrióticos que nunca aceitaram aquela ocupação a divisão de um país com um só povo, uma só língua e uma só cultura e a fascização da parte Sul da Coreia. As tropas soviéticas que haviam ocupado o Norte do país retiraram-se, pouco tempo depois, a pedido do governo da RDP da Coreia presidido por Kim Il Sung.

Não é nosso objectivo fazer o historial destes anos difíceis para o conjunto do povo coreano. Lembremos, entretanto, que em Junho de 1950 os EUA desencadearam uma guerra contra a RDP da Coreia. Ao fim de 3 anos foram obrigados a reconhecer que não eram capazes de alcançar o seu objectivo: destruir o jovem poder socialista do Norte do país.

De então para cá, os EUA mantiveram e aumentaram os seus efectivos militares no Sul. Ali instalaram sofisticadíssimas armas incluindo nucleares. Sucessivos governos da chamada Coreia do Sul «made in USA» impuseram a repressão e o terror aos patriotas do Sul da Coreia que nunca deixaram de lutar pela democracia e a reunificação pacífica da Coreia. Centenas de milhares de coreanos foram assassinados ao longo destas três décadas de anos. Ainda estão frescas na memória as imagens terríveis que correm o mundo mostrando a ferocidade da repressão das autoridades fascistas em Kuangju (cidade do Sul da Coreia) para abafar a revolta estudantil e popular pela liberdade e a democracia naquela cidade.

Carter durante a sua campanha eleitoral prometeu retirar parte das tropas ianques do Sul da Coreia, mas acabou por aumentá-las.

Ronald Reagan, igual a si próprio, à semelhança do que vem pregando e fazendo no Plano, na sua histeria belicista, não só conseguiu que o Japão aumentasse significativamente o seu orçamento militar, como pôde de pé na prática uma aliança militar tripartida entre os EUA, o Japão e a Coreia do Sul. Na sua visita ao Japão e à Coreia do Sul Ronald Reagan garantiu o seu apoio aos ditadores de Seul (capital da chamada República da Coreia).

Os intentos agressivos desta política estão bem patentes nas manobras militares de grande envergadura que se vão iniciar

no Sul com o título «Team Sprite 84» com a simulação de o desencadeamento da guerra contra a RDP.

A comunidade mundial (Assembleia Geral das Nações Unidas), o Movimento dos Não Alinhados em numerosas resoluções têm exigido a retirada das tropas estrangeiras da Coreia, como ponto «sine qua non» para se proceder à reunificação.

Dezenas de propostas feitas pela RDP para se encetar o diálogo e posteriormente aprofundá-lo, entre as partes interessadas no problema com o objectivo da reunificação têm sido sistematicamente combatidos pelos EUA e governantes sul-coreanos.

Recentemente, a 10 de Janeiro, uma nova proposta foi feita pela RDP. Em que consiste? Tendo em conta a deterioração da situação na região, a concentração de tropas dos EUA possuidoras de milhares de armas nucleares, incluindo segundo a RDP, mísseis Pershing II e Cruzeiro, é imperioso atenuar a tensão, iniciar um diálogo entre as três partes mais interessadas, com o objectivo de chegar ao objectivo de todas as coreanas e de todos os coreanos: viver no seu país reunificado. Diálogo tripartido propõe por isso a RDP.

A proposta da RDP resultante da reunião conjunta do Comité Popular Central e do Comité Permanente da Assembleia Popular Suprema da RDP da Coreia considera que... «a garantia de paz na Coreia só pode ser uma realidade depois da retirada das tropas dos EUA da Coreia do Sul, segundo o acordo de paz a assinar que substituiria o actual armistício... Asseguraremos todas as condições para a manutenção da paz duradoura na Coreia e os EUA poderão retirar honrosamente as mãos da Coreia sem prejudicar a sua honra e os seus interesses».

Na carta enviada ao governo e ao Congresso dos EUA pode ler-se...

«...Consideramos que se o governo dos EUA deseja sinceramente a paz, deve por-se em contacto connosco e as autoridades sul-coreanas que são a outra parte responsável pelo agravamento da tensão na Coreia, e efectuar negociações encaminhadas para solucionar pacificamente o problema coreano».

Na carta enviada às autoridades do Sul da Coreia afirmando que se estalar uma nova guerra na Coreia, será desta vez nuclear, o que a todo o custo deve ser evitado. Por isso se impõem as conversações.

A bola está do lado dos EUA e das suas marionetes. O desprezo pelo diálogo e o prosseguimento do agravamento mostrará ao mundo a política hegemónica dos EUA.

(*) Vice-presidente do Comité Português de Apoio à Reunificação Pacífica da Coreia



Diego Carcedo despediu-se dos amigos portugueses

Diego Carcedo, que durante vários anos, após o 25 de Abril, desempenhou as funções de delegado e correspondente da Televisão Espanhola em Portugal, e que acaba de ser designado para idêntico cargo em Nova Iorque, ofereceu ontem um «cocktail» de despedida, no Clube dos Empresários.

Estiveram presentes não só inúmeros camaradas de profissão como figuras políticas conhecidas, militares do 25 de Abril, como Otelo Saraiva de Carvalho e Vasco Lourenço, empresários e personalidades de relevo na vida portuguesa.

O embaixador de Espanha, que também assistiu ao «cocktail» vai também homenagear Diego Carcedo.

Entretanto, já anteontem a Es-

toril-Sol havia oferecido um jantar de homenagem a este grande profissional de Televisão, que durante a sua permanência em Portugal foi exemplar na forma isenta e objectiva como soube levar até aos telespectadores espanhóis a realidade portuguesa, mesmo nos períodos política e socialmente mais conturbados.

Pela nossa parte, a melhor homenagem que podemos prestar a Diego Carcedo é sublinhar que ele foi um dos grandes nomes da Imprensa estrangeira que passaram por Portugal. O seu trabalho ao longo destes anos foi um raro exemplo de profissionalismo e independência.

Idêntico sucesso lhe desejamos nas suas novas funções em Nova Iorque.

O primeiro será em Março

PPM prepara congressos no continente e nos Açores

O Partido Popular Monárquico vai realizar em breve dois congressos: um extraordinário a nível nacional (ainda sem data marcada) e outro dos populares monárquicos dos Açores, na Ilha Terceira.

O Congresso dos açorianos, agendado para os dias 17 e 18 de

Março, é o primeiro do PPM naquela região autónoma, pretendendo «relançar o movimento monárquico no arquipélago, quando se vê com perplexidade os dispartes cometidos pelo Governo Regional dos Açores, em matéria de obras públicas», disse uma fonte popular-monárquica.

Ao nível europeu

Instituto do CDS relaciona-se com Conselho dos Municípios

O Instituto Fontes Pereira de Melo, instituição ligada ao CDS, acaba de estabelecer relações de cooperação e intercâmbio com o Conselho dos Municípios da Europa, com sede em Paris.

Em comunicado, aquele instituto faz referência à mensagem que

recebeu do secretário-geral do Conselho dos Municípios da Europa, Thomas Philippovich, na qual se sublinha a importância da participação de eleitos locais portugueses no conjunto das actividades europeias relativas aos municípios.

Antes de deixar Moscovo

Soares convidou Gromyko para visitar Lisboa

Mário Soares, que ontem regressou de Moscovo, onde assistiu ao funeral de Andropov, revelou à chegada que tinha, de novo, convidado o ministro dos Negócios Estrangeiros da União Soviética para se deslocar a Lisboa.

O Primeiro-Ministro português considerou que os discursos dos «leaders» soviéticos durante as cerimónias assumiram um tom de

«realismo e moderação» e que deles transpareceu «um desejo de paz a realçar».

Soares, que manteve contactos com o primeiro-ministro soviético disse que, da parte dos dois povos, existe o desejo de incrementar as relações não só ao nível económico, como político e social.

Terminaram as negociações sobre Cahora Bassa

Moçambique recusa «corpo expedicionário» para garantir segurança da barragem

— Portugal propôs aumento de 200% nas tarifas da electricidade

O governo sul-africano vai estudar a proposta portuguesa de um aumento de 200% nas tarifas da energia eléctrica de Cahora Bassa, enquanto que os problemas de segurança que condicionam o funcionamento da barragem vão continuar a ser debatidos no âmbito da Comissão Mista Moçambique/África do Sul sobre segurança na zona.

A sugestão dos negociadores portugueses de criação de um «corpo especializado de manutenção» não recebeu acolhimento favorável da delegação moçambicana. Em contrapartida, o projecto de alargamento de Cahora Bassa não contou com o apoio português e nem sequer chegou a ser discutido em profundidade. Por outro lado, os negociadores portugueses conseguiram progressos significativos na sua estratégia de co-responsabilização da R.A.S. e da R.P.M., no que respeita aos encargos financeiros decorrentes da construção da barragem, que até aqui têm sido exclusivamente suportados pelo Estado português. Finalmente, foi decidido prosseguir a análise de todos estes problemas numa próxima reunião a efectuar a 13 de Março, na Cidade do Cabo na África do Sul.

Esta a súmula dos resultados das importantes negociações tripartidas que ontem e anteontem se realizaram em Lisboa, sobre Cahora Bassa.

De acordo com o comunicado final conjunto distribuído durante a sessão de encerramento das conversações, realizada ontem ao fim da tarde, no Palácio das Necessidades, «as deliberações foram caracterizadas por um espírito positivo e construtivo».

O documento, de apenas doze linhas, acrescenta que «foram discutidos vários aspectos dos acordos existentes à luz das alterações que vêm ocorrendo na África Austral, tendo as delegações decidido apresentar algumas propostas aos respectivos governos para consideração». A terminar, afirmam-se que foi marcado um novo encontro para o próximo mês, na Cidade do Cabo, e sublinha-se que «as delegações reconheceram que, para a realização de qualquer novo acordo relativo ao empreendimento de Cahora Bassa, era fundamental que fosse alcançada a paz na região».

«Finalmente no bom caminho»

Na sessão de encerramento os chefes das três representações governamentais regozijaram-se pela forma «franca» como as questões foram debatidas e pelo «espírito construtivo» que dominou as conversações. António de Almeida, secretário de Estado do Tesouro português e chefe da delegação portuguesa, considerou que «não chegámos ao fim dos trabalhos», mas sim, e «felizmente», «começamos os nossos trabalhos».

A afirmação referia-se, obviamente, às possibilidades de diálogo que ficaram abertas com a reunião de Lisboa e ao facto de o problema de Cahora Bassa ter começado, finalmente, a ser discutido pelos interessados num «clima de grande franqueza e objectividade».

Cahora Bassa foi a causa próxima — sustentou — de um encontro de três Estados que, sem abdicarem da sua identidade e independência, procuram caminhos para a ultrapassagem das dificuldades que condicionam aquele projecto.

Mas, para lá das declarações formais em que as três partes foram unânimes, quanto às boas perspectivas de resolução do problema, reinava ontem nas Necessidades um clima de entendimento que nem as insuperáveis divergências políticas que separam Portugal e Moçambique do país do «apartheid» conseguiram iludir. Agora estamos, finalmente, no bom caminho, dizia-nos alguém próximo da delegação sul-africana. Correu



tudo bem, estamos satisfeitos, confessavam-nos membros destacados da representação moçambicana.

Quanto a Portugal, foi um dos responsáveis pela delegação portuguesa que nos afirmou: conseguimos progressos em domínios em que não esperávamos ir tão longe.

As discussões articularam-se durante estes dois dias à volta de três grandes temas: segurança, redefinição das condições de envolvimento dos três parceiros e revisão das tarifas.

Não precisamos de «forças expedicionárias»

No campo da segurança das linhas de transporte de energia, as conversações foram marcadas pela proposta portuguesa de criação de um corpo especializado de manutenção e pela existência paralela de negociações bilaterais entre Moçambique e a RAS.

A ideia da instituição daquele «corpo», avançada no próprio discurso inaugural da conferência por António de Almeida, terá sido pura e simplesmente posta de parte, já que os moçambicanos a entendem como incompatível com a forma como encaram o problema da segurança da barragem.

Segundo fontes de Maputo, o que está em causa é a segurança de toda a região e a solução terá que ser encontrada pelos próprios países da zona. Trata-se, garantiram-nos as mesmas fontes, de criar condições de paz no subcontinente, e o assunto está a ser analisado em sede própria.

Ao que sabemos a proposta portuguesa não caiu bem na delegação moçambicana a quem não terá passado despercebida a analogia que facilmente se poderia estabelecer entre corpo de manutenção e corpo expedicionário, expressão esta que foi utilizada por pessoas próximas daquela delegação.

Por outro lado, e apesar de todas as partes considerarem a questão da segurança e da paz na região como fundamental — tal como se afirma no próprio comunicado conjunto — a negociação relativa ao tema segurança esteve condicionada pela existência de conversações formais entre Pretória e Maputo sobre esse tema. Fontes portuguesas insistem que, neste domínio, nunca poderiam ser obtidos grandes resultados em Lisboa, já que existe uma Comissão Mista Moçambique-África do Sul e que estes países entendem que o problema da segurança lhes diz essencialmente respeito a eles.

Além disso, recorde-se, que das delegações não faziam parte quaisquer membros com responsabilidades na área da defesa.

A questão militar constitui no entanto o cerne do problema e a «solução ideal», para a barra-

ser liquidados, em juros e amortizações de capital, até ao ano 2003.

Se as tarifas forem aumentadas, mas se as sabotagens até aqui efectuadas pela Resistência Nacional de Moçambique, com o apoio da África do Sul, continuarem, o projecto continuará a não proporcionar qualquer espécie de receita e Portugal continuará a pagar sozinho.

Se forem criadas condições de segurança e as tarifas se mantiverem aos níveis actuais, que datam de 1977, os prejuízos serão menores mas continuaremos a ter que pagar um vultuosa factura anual.

Daqui resulta que, para Portugal, o que importa é que haja paz e que as tarifas sejam aumentadas. A proposta apresentada pela delegação portuguesa aponta para um aumento de 200% e os sul-africanos comprometeram-se a estudar detalhadamente o as-

sumo. Para isso pediram que lhes fossem comunicados todos os dados existentes relativos à estrutura de custo do produto que compram a Cahora Bassa e às contas do empreendimento.

Mas os negociadores portugueses previram igualmente a possibilidade de nem haver paz, nem aumentos, e terem que pagar tudo a partir do Orçamento Geral do Estado. A estratégia perseguida foi a de conseguir obter a co-responsabilização da África do Sul e de Moçambique no que respeita aos encargos assumidos por Lisboa com a construção da barragem.

E aqui é que parece que António de Almeida terá tido mais motivos para satisfação com as negociações desta semana.

Foi exactamente no sentido de levar a RPM e a RAS a aceitarem a sua quota parte de responsabilidade na dívida existente que a delegação portuguesa obteve mais progressos, garantiu-nos um dos seus membros.

De acordo com o secretário de Estado do Tesouro português e com os chefes das duas outras delegações todas as propostas apresentadas em Lisboa, vão ser cuidadosamente analisadas pelos respectivos governos.

Na reunião de Março, na cidade do Cabo, poderão ser dados novos e decisivos passos na resolução do problema e assinado um acordo bem mais consistente do que os documentos de intenção rubricados em Lisboa. Tudo depende, fundamentalmente da evolução do diálogo Pretória/Maputo e dos jogos de influência das grandes potências na área.

A terminar refira-se que a delegação portuguesa deu claramente a entender aos seus parceiros que não tem qualquer interesse em se envolver em quaisquer projectos de alargamento de Cahora Bassa que, em princípio interessariam a Moçambique e à África do Sul. Quem é que ia pagar? — interrogaram ontem alguns membros da nossa delegação.

José António Cerejo

a paladra com...

O debate sobre a despenalização do aborto

Vasco Riobom *

Venceu felizmente a razão no debate da Assembleia da República. Porque a mulher deve poder escolher livremente as condições em que deseja realmente ser mãe! Até porque, só desta forma o será plenamente! Humanamente se assumindo a si própria.

Que significa isto de «assumpção humana»? Ou «consciente»?

A possibilidade de uma escolha consciente dessa maternidade. Assim, embora englobando em si apenas três escasas possibilidades, a lei desenvolver-se-á — caso seja constitucionalmente promulgada, três valiosas opções de índole médico-sociológicas. A saber:

I) Evitar — na medida do possível, claro está — que nasçam seres vivos monstruosos. Cujo destino, incerto, não acatará quaisquer benefícios nem aos progenitores, nem à criança-monstro, nem à sociedade. Porque, aos pais, será apenas motivo de preocupações. A si mesma, fonte de sofrimento infinito. E à sociedade, motivo de transtorno, já que não poderá assumir a razão, condição «sine qua non» da vida social. Até porque a vida social é feita de possibilidades produtivas e benefícios. E às possibilidades de tais indivíduos geneticamente inváveis, isto é, desprovidos de razão e, por conseguinte, da humanidade do homem, que reside na razão e no sentimento, lhes é vedada, que — dando-se em situação ontogenética inferior, própria dos seres vegetativos.

II) Evitar que na escolha entre um «ser problemático» por que ainda indefinido tanto como ontogeneticamente, isto é, tanto em redução às suas possibilidades de assumir as características da espécie como as da «diferença individual» que caracterizam o ser humano, racional e responsável, que merecerá a cidadania, se opte pela «carta» em branco, que é o feto humano! Em vez de o fazermos pelo indivíduo diferenciado, que é a mãe!

III) Evitar que o produto da conjugação de um espermatozóide intruso — no caso de violação — proveniente de um qualquer criminoso irresponsável, torne viável um óvulo de uma mulher livre, de uma cidadã. Até porque, muitas vezes os «violadores» são criminosos inconscientes, isto é, seres não dotados das características da cidadania. Já que, se o fossem, não se comportariam como criminosos. E por isso mesmo, autôres de «violência sexual»! Agindo, é claro, de modo inconsciente, que privará as suas «amantes de ocasião» de toda e qualquer opção livre e consciente de procriarem!

Sendo assim, uma tal procriação violenta e indesejada torna a mulher numa «fêmea coberta», como sucede entre os animais irracionais, com as agravantes de nem sequer uma tal coacção tomar em consideração as características genéticas dos progenitores de tal «cria»! Como sucede as mais das vezes, hoje em dia, com os criadores de gado! Ora, uma tal violência vai sem dúvida — as mais das vezes, claro está, inibir a tal «fêmea co-

berta» de poder normalmente amar o seu filho, indesejado! Situação que, psicologicamente, se traduzirá por uma rejeição mental da maternidade! E ninguém dotado de um mínimo de cultura, o que uma tal situação implica, não só para a futura mãe como para a criança nascitura! Que, antes de o serem, se tornam inimigos, mutuamente. Porque toda e qualquer coacção neste sentido vai destruir, na mulher grávida, aquelas características que definem as mães na espécie humana! E vai, porque reduz a mulher a um «útero grávido», para cuja gravidez, sua mente, isto é, sua razão e sentimento, não contribuirão de modo nenhum! Tornando assim a mulher numa fêmea coberta, e a criança numa cria gerada e parida!

Que objectam a este projecto de lei os seus detractores? Apeenas o velho mito «não provado» e ontológico da imortalidade da alma!

Quando é que a alma é «injectada» no nascituro? No momento do coito fecundo? Na penetração do óvulo pelo espermatozóide? Na mórula, na gástrula, na blástula? No feto dotado de características ontogenéticas humanas após os quatro meses de gravidez? No momento do parto? Ou no aparecimento da razão?

Ninguém sabe responder a esta pergunta! Até porque não há «tecólogos» capazes de o dizerem concretamente! Por conseguinte, em nome da «humanidade do homem», seja bem vinda esta lei!

* Fis'atra dos HCL

Amândio de Azevedo e Ernâni Lopes vão a S. Bento

PCP interpela o Governo sobre salários em atraso

Iniciou-se esta manhã na Assembleia da República a discussão de uma interpelação ao Governo proposta pelo Partido Comunista.

O requerimento do grupo parlamentar do PCP pretende a abertura de um debate de política geral centrado predominantemente sobre os salários em atraso «como manifestação mais característica e mais chocante de toda a política social do Governo».

Esta é a terceira iniciativa dos comunistas sobre o mesmo tema, depois da apresentação de um voto de protesto em Outubro do ano passado e de um projecto de lei em Novembro.

No hemicycle de S. Bento tem-se considerado unanimemente que o problema dos salários em atraso assume especial relevância social e por isso tem de ser resolvido.

Em Outubro, quando do voto de protesto do PCP, que foi rejeitado (só recolheu os votos favoráveis do PCP, do MDP e da UEDS), o social-democrata Silva Marques justificava a oposição do seu partido ao voto porque «a esta Assembleia falta a coragem para assumir actos concretos», defendendo ao mesmo tempo que o Parlamento deve ter uma acção mais eficaz, «desde logo procurando pôr cobro aos casos de corrupção que se criam di-



Amândio de Azevedo: um Ministério sem iniciativa

rectamente sobre sonegação dos salários aos trabalhadores».

Em princípios de Novembro do ano passado, o Partido Comunista avança com um «acto concreto» — um projecto de lei discutido nessa altura defendia, em síntese, que os trabalhadores com salários em atraso deveriam receber uma subvenção equivalente ao salário líquido a ser paga através do Fundo de Desemprego.

Os comunistas acusavam empresários de, alegando a existência de dificuldades, não pagarem os salários, depositando o dinheiro para receber juros com que financiavam os seus investimentos, chegando mesmo a distribuir lucros. E, salientavam, que quando um empregado que se apropria de valores da empresa é punido com prisão até três anos, enquanto que o empresário que, com fraude, fica com os sala-

rios dos trabalhadores, paga uma multa de dois a quatro contos.

O projecto de lei foi rejeitado pela maioria. Para além de razões de fundo, relacionadas com o funcionamento do sistema económico (o Estado não deve substituir-se às empresas, senão estas teriam um incentivo para não cumprir as suas obrigações), argumento de peso da maioria foi a promessa do ministro do Trabalho de tomar medidas.

Três meses depois, apenas uma tímida acção foi encetada pelo Ministério do Trabalho — os «sem salários» podem receber o subsídio de desemprego quando as empresas estiverem paralisadas. Mas estes casos, acusa o PCP, são ínfimos. A maioria das empresas labora, mas não paga a quem trabalha.

Cento e cinquenta mil trabalhadores em 450 empresas têm hoje salários em atraso no valor de cinco milhões de contos.

Três ministros irão ao Parlamento defender-se e defender o Executivo — Ernâni Lopes, Amândio de Azevedo e Almeida Santos.

Mas as estatísticas são dificilmente desmentíveis. E, perante a ameaça de fome, as justificações podem ser inúteis.

José Manuel Vilaça



REVISÃO DAS TABELAS SALARIAIS PARA A CONSTRUÇÃO E OBRAS PÚBLICAS

A ANEOP, Associação Nacional de Empreiteiros de Obras Públicas surpreendida pela marcação de uma concentração frente à sua sede a empreender durante a tarde do dia 16 FEV., integrada na greve desse dia para o sector da Construção e Obras Públicas acha dever esclarecer o seguinte:

- 1) Em 3 NOV. 83 receberam as Associações do sector uma proposta de revisão das Tabelas Salariais do C.C.T.V. em vigor.
 - 2) Em 7 DEZ. 83, na primeira reunião com os Sindicatos, as Associações fazem entrega de um documento sobre a situação do sector que conclui pela inviabilidade de desde logo poder contrapor-se uma proposta da sua parte antes que o Governo estabeleça uma definição da política para o sector.
 - 3) Em 21 DEZ. 83 nova reunião com os Sindicatos faz o ponto da situação das últimas medidas do Governo para o Sector, constando o progressivo agravar da situação das empresas.
 - 4) Em 9 JAN. 83 em reunião no Porto, dada a manutenção da situação da gravíssima crise do sector, requereram as Associações Patronais em documento justificativo o prazo de 30 dias para o reatar das conversações, tendo ficado acordada a data de 14 FEV. para uma reunião na Federação dos Sindicatos em Lisboa.
 - 5) A 13 JAN. pedem os Sindicatos a conciliação do Ministério do Trabalho, sem prévia consulta das Associações, que a 8 FEV. neste Ministério comparecem para afirmar o decurso das negociações directas ainda não interrompidas, com reatamento a 14 FEV. conforme tinha sido acordado e naquele departamento governamental foi reafirmado.
 - 6) Dia 13 FEV. foi a ANEOP surpreendida pelo pré-aviso de greve para 16 FEV. o que não compreendeu tanto mais que se vislumbrava a possibilidade do assunto ficar rapidamente resolvido.
 - 7) Finalmente a 14 FEV. o Ministério do Trabalho convoca por telegrama a ANEOP para uma reunião de conciliação no dia 22 FEV. na qual se fará representar à mesa das negociações.
- A greve geral do dia 16 FEV. e concentração/manifestação em frente da ANEOP, afiguram-se-nos pois totalmente injustificadas, para tanto não tendo havido por parte da ANEOP e demais Associações quebra do normal processo de negociação contratual, exemplo do que desde há vários anos tem acontecido.

A Direcção da ANEOP

Curso em Inglês para Secretárias executivas

A Cambridge School tem o prazer de anunciar a abertura de um Curso em Inglês para Secretárias Executivas, a iniciar brevemente. Para mais informações, contacte a Cambridge School, na zona mais próxima da sua residência ou local de trabalho.



cambridge school

Lisboa: Av. da Liberdade, 173-3º — Tel. 53 3473 — 1200 Lisboa
 LISBOA: AV. DA LIBERDADE, 173-1º — TEL. 55 47 80 - 55 47 89 — 1200 LISBOA
 LISBOA: AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-1º DIR. — TEL. 88 45 44 - 89 96 01 — 1000 LISBOA
 BENFICA: EST. DE BENFICA, 729-5º DIR. — TEL. 70 43 29 - 70 36 38 — 1500 LISBOA
 ALMADA: PRAÇA DO M.F.A., 12-1º — TEL. 276 02 34 - 275 32 18 — 2800 ALMADA
 PORTO: RUA DUQUE DA TERCEIRA, 381-1º — TEL. 56 03 80 - 56 11 30 — 4000 PORTO
 COIMBRA: PRAÇA DA REPUBLICA, 15 — TEL. 3 49 69 - 2 92 85 — 3000 COIMBRA
 CAMBRIDGE EXECUTIVE SCHOOL
 LISBOA: AV. DA LIBERDADE, 173-4º — TEL. 4 13 52 - 57 60 30 — 1200 LISBOA

A Câmara de Braga depois do regresso de Mesquita Machado

APU denuncia novas ilegalidades

PORTO, 16 — Em conferência de imprensa, em Braga, os representantes da APU voltaram a reclamar «a urgência e a necessidade de uma sindicância a todos os serviços da Câmara local, em nome dos interesses do município e da dignidade da autarquia e da cidade», acusando os serviços e, concretamente, o presidente da edilidade, Mesquita Machado, de cumplicidade e ilegalidade numa série de casos ligados a projectos urbanísticos do concelho.

A APU bracarense, que defende, inclusivamente, dever a sindicância ser acompanhada da dissolução da Câmara, renovava assim as suas acusações já formuladas em Outubro último, quando Mesquita Machado se preparava para abandonar o lugar de secretário de Estado do Fomento Cooperativo e regressar à Câmara, acrescentando que, desde então, o compadrio e a corrupção nos serviços não diminuíram. A APU, nomeadamente pela voz do seu vereador eng. Casais Baptista, afirmou que «continuam de pé a veracidade dos factos por nós apresentados em Outubro último» e que o próprio boletim municipal, «onde Mesquita Machado gas-

tou o dinheiro dos municípios em defesa de interesses próprios e partidários», não foi capaz de os abordar ou desmentir.

Por outro lado, disse-se também na conferência de imprensa, «igualmente se confirmou a afirmação feita de que a vinda de Mesquita Machado se destinava a apagar o fogo e a tentar não só controlar os acontecimentos, como também a limpar a sua imagem». Para tanto, acusa a APU, Mesquita Machado procedeu a uma «reestruturação» que, na realidade, só serviu para «uma maior concentração de poderes nas suas mãos» e impedir, por outro lado, o acesso e o conhecimento do que se continua a fazer nos serviços camarários da construção e urbanismo.

A APU continua ainda à espera de actas e de documentos solicitados para comprovar novas acusações de ilegalidades e compadrio nos serviços e refere ainda que, em Braga, «se intensificou a perseguição a pequenas obras (galinheiros, garagens, pequenas oficinas...) com o intuito de deitar poeira nos olhos da opinião pública, enquanto continuam a passar, com as maiores ilegalidades, grandes construções, loteamentos e ou-

tros empreendimentos de grande envergadura».

A APU entregou dois processos na auditoria administrativa do Porto, um sobre a adjudicação da elaboração de um caderno de encargos para a informatização dos serviços da Câmara e outro relativo ao Centro Comercial de Santa Cruz, onde se pede a anulação das deliberações tomadas. Sustenta ainda a APU que a inspecção em curso na Câmara de Braga é uma inspecção ordinária e que deve ser transformada em sindicância.

Quanto aos casos referidos na conferência de imprensa salientam-se o «escândalo dos Granjinhos» onde se violaram as condições da hasta pública, não foram pedidos pareceres e se iniciaram trabalhos sem qualquer licença. Referiu-se depois o caso do plano de pormenor do Campo da Feira onde também não foram pedidos pareceres obrigatórios e onde quem comprou nem sequer pôde construir legalmente. No loteamento da Quinta do Cedro, junto a Montariol, o arquitecto consultor da Câmara deu o dito por não dito e deferiu uma pretensão ilegal frisando que o seu parecer «não constitui precedente para as áreas vizinhas». Diz a APU que o

arquitecto só dava as «benesses» para alguns...

A APU considera escandaloso, igualmente, o caso do processo «Afonso e Domingos, Ld.» onde o projecto de quatro pisos passou para sete pisos e onde a denúncia feita por uma autoridade camarária, quanto a esta ilegalidade, foi pura e simplesmente esquecida. A APU referiu depois os casos da firma «Rodrigues e Névoa» onde o loteamento aprovado de 200 habitações se transformou num loteamento de 348 habitações com a passagem de um alvará fraudulento e ainda casos manifestamente escandalosos de embargos não cumpridos em prédios de construtores já conhecidos dos bracarense pela teia de compadrio em que estão envolvidos os seus projectos. Há ainda deferimentos tácitos a permitir ilegalidades, alterações de hastas públicas, implantações fraudulentas com ocupação de áreas do domínio público, fugas ao fisco, etc. Em todos estes casos, a APU citou exemplos que constam de um extenso documento fornecido aos jornalistas.

J. G. B.

Patrulha do porto de Setúbal alvejada por pescadores furtivos

Uma patrulha da Capitania do porto de Setúbal foi alvejada a tiros de caçadeira quando procedia, na noite de ontem, à remoção de duas redes, tipo «mosquiteiro», que tinham sido amarradas por pescadores furtivos junto à ponte de caminho-de-ferro de Alcácer do Sal.

Os marinheiros, que se deslocavam numa lancha da Armada, não ficaram feridos, tendo reposto com tiros de intimidação das suas espingardas «G-3».

Dias antes uma outra patrulha, em serviço de vigilância ao estuário do Sado, tinham igual-

mente apreendido naquela zona várias redes ilegais.

As redes continham cerca de duas toneladas de peixe, todo morto, de tamanho milimétrico, e pertencente a espécies ainda imaturas.

Segundo declarações do co-

mandante do porto de Setúbal, capitão-de-fragata Alexandre da Silva Anacleto, as redes apreendidas, utilizadas por norma no rio Mondego, para apanha de meião, são altamente nocivas para todas as espécies existentes no estuário do Sado.



Melo Egídio vai ser condecorado amanhã

O Presidente da República vai condecorar amanhã o general Melo Egídio, com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo. A cerimónia realiza-se às 17.30 no Palácio de Belém.

A Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo é atribuída a personalidades que prestam «relevantes serviços ao País em diversas áreas».

Ontem o vice-Primeiro-Ministro e Ministro da Defesa, Mota Pinto recebeu o general Melo Egídio que lhe foi apre-

sentar cumprimentos de despedida, em virtude da sua passagem à reserva.

Esta noite, na messe de Monsanto realiza-se um jantar em honra de Melo Egídio. Estarão presentes diversos membros do Governo, bem como os ministros da República para as Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores, os chefes de Estado Maior dos três ramos das Forças Armadas e outras individualidades militares.



Melo Egídio presidiu ontem, pela última vez, ao Conselho de chefes de Estado-Maior. Foram as despedidas



SINDICATO DOS TRABALHADORES TÊXTEIS, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO CENTRO

Sede: Rua Dias Ferreira, 64-3.º - Telefone 23714 - Coimbra

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os associados do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Centro, para uma Assembleia Geral Ordinária, a realizar nos termos do n.º 2, do artigo 25 dos Estatutos, nos dias, horas e locais seguintes:

- Dia 24/2/84** — 14 horas em Alcobaça na Delegação deste Sindicato.
- Dia 24/2/84** — 17,30 horas em Avelar na Delegação deste Sindicato.
- Dia 25/2/84** — 18 horas em Castanheira de Pêra na Delegação deste Sindicato.
- Dia 25/2/84** — 15 horas em Coimbra na Sede deste Sindicato.
- Dia 25/2/84** — 17 horas na Lousã na Delegação do Sindicato dos Gráficos e Papeleiros.
- Dia 25/2/84** — 18 horas em Mira de Aire na Delegação deste Sindicato.
- Dia 26/2/84** — 15 horas na Figueira da Foz na Delegação deste Sindicato.

SERÁ A SEGUINTE A ORDEM DE TRABALHOS:

- 1.º Aprovação do Relatório e Contas da Direcção, relativo ao ano de 1983.
- 2.º Orçamento para o ano de 1984.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Luís Maria Kalidás Costa Barreto

MOÇÃO

Em face dos lamentáveis acontecimentos ocorridos no dia 9 do corrente, da inteira responsabilidade do Governo Mário Soares/Mota Pinto, que através das forças da GNR agride à bastonada trabalhadores indefesos do sector naval, nomeadamente das Empresas Lisnave, Setenave, CCP, SRN e Parry & Son, que se manifestavam junto à Ponte 25 de Abril, exigindo tão-só o cumprimento das garantias expressas na Constituição da República, tais como o pagamento dos salários e direito ao trabalho; resultando destes confrontos cerca de 30 trabalhadores feridos, um deles em estado grave.

A Assembleia Municipal de Grândola, reunida em Plenário no dia 10/02/84, decidiu repudiar esta política, esta tão original e apreçoada «Concertação Social», do Governo, em que recusa o diálogo com os trabalhadores e tem como resposta a repressão, a violência, tentando calar a voz daqueles que vendo recusado o seu único meio de subsistência; a retribuição do seu trabalho, clamam por justiça.

— Não é assim que no Portugal Democrático, dez anos após o 25 de Abril se responde a quem legitimamente luta pelos seus direitos.

- Pelo pagamento dos salários em atraso.
- Pelo direito ao trabalho.
- O 25 de Abril VENCERÁ!

Grândola, 10 de Fevereiro de 1984

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE GRÂNDOLA

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DO PLANO

COMANDO GERAL DA GUARDA FISCAL
CONSELHO ADMINISTRATIVO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE «MOBILIÁRIO METÁLICO, ARMÁRIOS VESTIÁRIOS E MESAS DE CABECEIRA». — PROCESSO N.º 51/84

1. Faz-se público que está aberto concurso público para o fornecimento à Guarda Fiscal de «MOBILIÁRIO METÁLICO, ARMÁRIOS VESTIÁRIOS E MESAS DE CABECEIRA».
2. Serão recebidas propostas até às 17.30 h do dia 19 de Março de 1984, procedendo-se à abertura às 10.00 h do dia imediato, 20 de Março de 1984.
3. O Caderno de Encargos está patente no Conselho Administrativo do Comando Geral da Guarda Fiscal à Rua da Cruz de Santa Apolónia, 2 — 1100 LISBOA, durante as horas normais de expediente, podendo ser fornecido ao preço de 30\$00 cada exemplar.
4. A caução provisória a prestar será de 150.000\$00.

GRUPO DE CAMPOLIDE

1383
de VIRGÍLIO MARTINHO
encenação JOAQUIM BENITE

LOTAÇÕES ESAGOTADAS
Reserve o seu bilhete
Dia 19 às 21.30
Dias 20, 21, 22 às 18 e 21.30
Dia 25 às 21.30 — Dia 26 às 16 e 21.30
Teatro da academia almadense
Tel. 2752175

Dia 18 às 16h
100.ª representação de
«A MENINA O GATO E O ROBOT»
de J. BENITE
TEATRO PARA A INFÂNCIA

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
ANÚNCIO

Faço saber que pela 1.ª Secção do 9.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, correm editos de vinte dias, contados da data da segunda e última publicação do anúncio citando os credores desconhecidos do executado Eduardo Franco, da Rua Sacadura Cabral, n.º 7-B Dafundo-Oelras, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na execução sumária n.º 1862 movida por Estabelecimentos Manuel Ferreira, Ld., desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 6 de Janeiro de 1984
O Juiz de Direito
a) João Augusto de Moura Ribeiro Coelho
A Escrivã Adjunta
a) Maria Josefa Andrade Piteira «D.L.» 16/2/84 - 1.ª Pub.

Forte contenção da inflação em quase toda a OCDE

Islândia, Turquia e Portugal são as excepções

Os preços no consumidor aumentaram, no ano passado, 5,3 por cento, no conjunto dos países industrializados da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), o que representa o aumento mais baixo desde 1972, indicou a Organização em comunicado. Este valor médio resulta porém de índices nacionais bastante díspares: desde os 1,9 por cento do Japão aos 25,5 por cento de Portugal ou 28,8 por cento da

Turquia, ou ainda o extremo de 86,7 por cento na Islândia.

Este resultado médio, que traz um forte abrandamento da inflação na maioria dos países da Organização internacional com sede em Paris, segue-se a subidas de 10,5 por cento em 1981 e de 7,8 por cento em 1982, e ao recorde de 13 por cento atingido em 1980, após o segundo choque petrolífero.

Entre os sete maiores países

industrializados, foi o Japão (1,9 por cento) que no ano passado registou a mais ligeira subida dos preços, seguido da RFA (3 por cento), dos Estados Unidos (3,2 por cento), da Grã-Bretanha (4,6 por cento), da França (9,6 por cento) e, por último, da Itália (14,6 por cento).

Nos outros países, há grandes diferenças entre a Suíça (3 por cento), a Holanda (2,8 por cento)

ou a Áustria (3,3 por cento) e, no outro extremo, Portugal (25,5 por cento), a Turquia (28,8 por cento) e a Islândia (86,7 por cento).

Ligeiramente superiores à média foram os valores registados na Bélgica (7,7 por cento) ou no Luxemburgo (8 por cento). No conjunto dos dez países da Comunidade Económica Europeia a subida média atingiu 7,3 por cento.

Maioria do bacalhau virá do Canadá

Portugal importará do Canadá metade das suas compras anuais de bacalhau salgado, revelou Pierre de Bane, ministro da Pesca de regresso duma visita ao nosso país.

Assim em 1984 serão vendidas a Portugal 25 000 toneladas de bacalhau verde salgado e 2000 de bacalhau seco.

Em contrapartida, Portugal poderá pescar 8000 toneladas de bacalhau no interior da zona das 200 milhas marítimas canadenses assim como mil toneladas deste peixe nas águas ao largo da costa norte do Labrador...

Além disso, os barcos portugueses serão autorizados a fornecer este ano 2000 toneladas suplementares de bacalhau as fábricas canadenses de transformação de peixe.

Comércio com a Espanha também melhorou

As exportações portuguesas para Espanha aumentaram em 1983 cerca de 33 por cento em relação ao ano anterior atingindo 24 625 milhões de pesetas, enquanto as importações portuguesas (54.286 milhões de pesetas) — diminuíram cerca de 17 por cento em relação a 1982.

A redução das exportações espanholas para Portugal explica-se sobretudo pelas restrições e barreiras administrativas levantadas pelas autoridades portuguesas, principalmente nos primeiros meses do ano.

O Governo português pretende conseguir um maior equilíbrio nos intercâmbios comerciais.

Fontes oficiais informaram que este objectivo esteve e estará presente nas negociações já iniciadas e que continuarão nos dias 9 e 10 de Fevereiro entre as autoridades dos dois países para chegar a acordo sobre relações comerciais.

Muita gente à cata dos minérios da Guiné

Quatro companhias petrolíferas ocidentais assinaram na quinta-feira um acordo para pesquisas petrolíferas nas águas da Guiné-Bissau — disse uma fonte oficial.

Trata-se da Elf-Aquitaine (França), que lidera o consórcio Texaco (Estados Unidos), BP (Grã-Bretanha) e Winterhall (Alemanha Federal).

O acordo de prospecção segue-se aos levantamentos sísmicos efectuados na plataforma continental guineense, mediante financiamento do Banco Mundial.

Economistas guineenses admitem que a exploração de jazigos de petróleo e de fosfatos, além de outros, virá a constituir uma importante componente da economia deste país, hoje em dia essencialmente agrícola.

Segundo os responsáveis pelo Plano, o sector mineiro guineense apresenta potencialidades para ser um dos mais atraentes para o investimento estrangeiro.

Câmara do Comércio e Indústria Luso-Moçambicana

Está em fase adiantada de organização e lançamento a Câmara do Comércio e Indústria Luso-Moçambicana, através da qual várias empresas portuguesas visam coordenar e impulsionar as vendas e exportações para a República Popular de Moçambique.

Para tratar das questões da instalação da CCILM esteve em Lisboa entre 6 e 10 do corrente o presidente da Câmara do Comércio de Moçambique, Américo Magaia, que teve durante esses dias várias reuniões com os industriais portugueses interessados.

Fazem parte da Comissão Organizadora da CCILM as empresas portuguesas Agência Star, FNAC — Tepclima, Difusão — Publicidade e Marketing, Quimigal, Etei, Sismet, Construções Técnicas, CDL, Somafel, Mabor, Banco Borges e Irmão e Riopele.



Imagem de uma das reuniões entre o presidente da Câmara do Comércio de Moçambique e os homens de negócios interessados no lançamento da Câmara do Comércio Luso-Moçambicana

INDÚSTRIA DO CIMENTO

Produções e saídas para o mercado interno
JANEIRO 1984

	VALORES PARCIAIS			VALORES ACUMULADOS		
	TONELADAS		Variação 84/83 (%)	TONELADAS		Variação 84/83 (%)
	1984	1983		1984	1983	
	PRODUÇÕES					
JANEIRO	501 505	490 612	+ 2,2	501 505	490 612	+ 2,2
	CONSUMO INTERNO					
JANEIRO	477 707	515 397	- 7,3	477 707	515 397	- 7,3

NOTAS:

PRODUÇÕES — Em Janeiro, a produção de cimento foi superior em 2,2% à verificada no mesmo mês do ano anterior.

CONSUMO INTERNO — Em Janeiro, as saídas de cimento para o mercado interno foram inferiores em 7,3% às verificadas no mesmo mês do ano anterior.

IMPORTAÇÃO — (valor acumulado do ano)

EXPORTAÇÃO — 604 toneladas (valor acumulado do ano)

Estes valores incluem as produções e as saídas para o mercado interno das empresas:

CIMPOR — Cimentos de Portugal, EP

SECIL — Companhia Geral de Cal e Cimento, SARL

EIL — Entreprisa Industrial das Ilhas, SARL

e englobam todos os tipos de cimento.

o jornal

O semanário dos que preferem
a independência e a qualidade

Esta semana em «O Jornal»

Sondagem — A maioria dos portugueses quer
serviço militar mais curto e extensivo às mu-
lheres.

Chernenko: uma nova era de quantos meses?
— Tudo sobre a sucessão na URSS.

Carlos Gomes — O maior da baliza passa ao
ataque.

o jornal — o seu semanário à sexta-feira

de ontem para hoje

Convenção franco-portuguesa para protecção de menores

O ministro francês das Relações Externas, Claude Cheysson, apresentou ontem em Conselho de Ministros em Paris um projecto de lei que autoriza a ratificação da Convenção Franco-Portuguesa para a protecção de menores. Esta Convenção, assinada em 20 de Julho de 1983, tem em vista resolver, no interesse dos filhos, as dificuldades da aplicação das decisões judiciais relativas ao divórcio ou à separação dos pais, residentes respectivamente em França e em Portugal.

A morte do forçado Nuno Neto

O caso da morte do jovem engenheiro técnico agrícola e forçado, Nuno Francisco Moraes Neto, de 24 anos, morto à porta da sua casa na Rua Castilho em Lisboa, por agentes à paisana da PSP, irá ser reconstituído por ordem do Tribunal de Instrução Criminal de Lisboa. Nuno Neto foi morto por elementos de uma patrulha da chamada «Brigada Especial» da PSP, após, refere o auto de notícia, ter ultrapassado um dos sinais vermelhos da Avenida da Liberdade, não acatando depois as ordens para parar. Refira-se, no entanto, que os agentes policiais seguiam num pequeno «Honda» desprovido de qualquer referência à sua condição de veículo da PSP. A reconstituição



será efectuada em meados do próximo mês de Março.

Queda fatal na zona de Carriche

Em circunstâncias ainda por apurar um indivíduo de 45 anos, António Ferreira Campizes, morreu ao cair do quinto andar da sua casa na Quinta das Lavadeiras, na zona de Carriche, em Lisboa. António Campizes ainda foi transportado ao Hospital de Santa Maria onde deu entrada já cadáver.

Protesto contra batidas aos lobos

O Núcleo Português de Estudo e Protecção da Vida Selvagem (NPEPVS), do Porto, manifestou ontem o seu protesto contra as batidas aos lobos que se anunciam para os próximos dias. Em comunica-

do o NPEPVS sublinha que «pela informação disponível, com credibilidade científica, o lobo é uma espécie extremamente rara no nosso território e, portanto, a sua captura conduzirá fatalmente à extinção».

Vereador socialista alvejado a tiro

Um vereador socialista da Câmara Municipal de Pombal, Armindo Lopes Carolino, foi atingido com um tiro de pistola na cabeça ao surpreender um assaltante na sua casa localizada naquela vila. Armindo Carolino já livre de perigo no Hospital de Covões, conseguiu identificar o assaltante que neste momento está a ser procurado pela Polícia Judiciária de Coimbra.

Irmão de Laura Diogo em apuros

Um cadastrado, que ultimamente «colaborava» com as autoridades policiais, foi abatido a tiro, na Cruz de Pau (Almada), por agentes da PSP que o surpreenderam a assaltar um automóvel. António Monteiro Rodrigues, de 22 anos, empunhava, ao ser alvejado, uma pistola de gás adaptada para balas de calibre 6.35. As autoridades procuram agora localizar o indivíduo que ac-

tuava com a vítima, Valdemar Vieira Diogo, irmão de Laura Diogo, do grupo «As Doce», em liberdade após ter sido absolvido no Tribunal do Seixal no processo do assalto à mão armada às bombas de gasolina de Azeitão. Registe-se que Valdemar Vieira Diogo tinha sido agredido à facada e denunciado a GNR pelo próprio António Monteiro Rodrigues com quem agora actuava.

Tinha estado a beber na discoteca

Junto a um pequeno bote, no cais de abrigo de Lagos, apareceu morto o alemão federal Dieter Plonka, de 35 anos, que há vários meses habitava naquela cidade, num iate, propriedade de um inglês ultimamente ausente no seu país. Dieter Plonka, que tinha estado numa discoteca local, onde bebeu uns copos a mais, teria escorregado e embatido com a cabeça numa pedra, encontrada junto ao cadáver, ao pretender entrar para o bote. As autoridades policiais aguardam, no entanto, os resultados da autópsia para só então se pronunciarem sobre as causas da morte.

Ferimentos levantaram suspeitas

A Polícia Judiciária aguarda os resultados da autópsia para se pronunciar sobre as causas que motivaram a morte de Raul Raiano encontrado já sem vida numa das casas de banho da CIAL (Centro de Línguas), na Avenida da República, em Lisboa, empresa onde era chefe dos serviços administrativos. Junto ao corpo, que apresenta-

va vários ferimentos, estava um frasco de comprimidos completamente vazio. Raul Raiano deixou uma carta endereçada à sua filha, na qual manifestava o seu desejo de suicidar-se, mas a existência dos ferimentos no cadáver levantaram suspeitas aos investigadores da PJ.

Recluso do Linho em greve de fome

Um recluso da cadeia do Linho, José da Silva Fonseca, entrou em greve de fome, como forma de protesto pelo facto de continuar a trabalhar como artesão. Um caso a merecer, sem dúvida, uma atenção muito particular.

Civismo/profissionalismo responsável

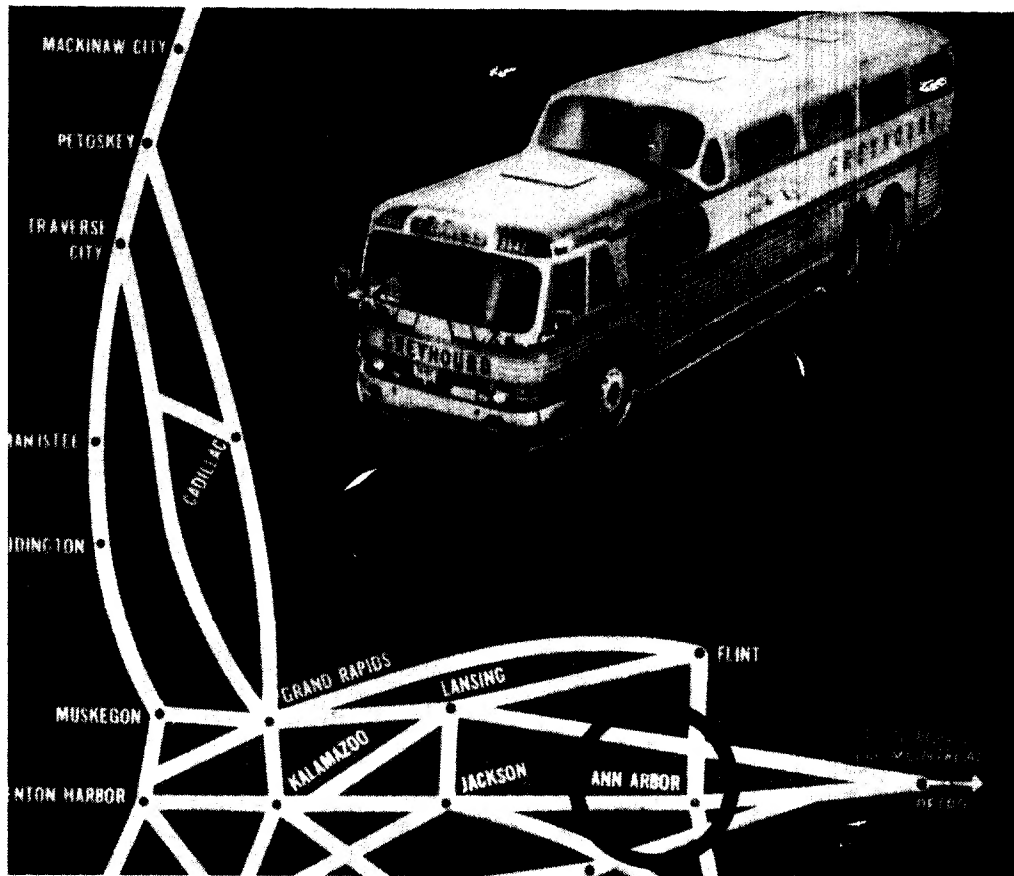
Os autocarros 'laranja' e os 'acidentes'

Preocupa-nos, de certa maneira, não pouco como se verá, o comportamento (cívico, diga-se) de alguns passageiros de autocarros (cujo número nos parece que cresce, tornando-se hábito) que dentro de autocarros, e quando isso é possível, se acercam do motorista e durante todo o percurso, de que se aproveitam, conseguem manter, prolongadamente, conversa aturada com aquele, certamente diligente e atento condutor, profissional consciente, na grande maioria dos casos, se não na totalidade.

Há dias, no n.º 2072, da carreira 44, entre as 12.30 h e 12.45 h, certo passageiro, com quem partilhávamos a viagem desde a Av. do Rio de Janeiro até Entrecampos, chegou ao ponto extremo de «obsequiar» o motorista com a leitura, algo extensa e nunca interrompida, da notícia de um jornal, recortado em coluna, que empunhava. De outra vez (14.Fev.), do Rossio para Entrecampos, autocarro n.º 2135 pelas 9.30/10 h, carreira 44, uma mulher conseguiu à entrada do autocarro, encostada ao poste do «tabique» que separa a cabina do motorista, bem próxima dele, portanto, conseguiu dizíamos, relatar certo episódio familiar ou íntimo, que nós, junto à portas de saída do autocarro (e, provavelmente, muitos outros passageiros, no relativo silêncio da deslocação do veículo público) ouvíamos distintamente; pormenorizada descrição pronuncia pausada e em voz alta, firme e clara, para, talvez, toda a gente poder ouvir e, certamente para, familiar e intimamente, podermos todos tomar parte nesse episódio, pelo seu interesse, pelo anedótico ou pelo escandaloso da ocorrência desenvolvidamente relatada. Essa mulher, apeou-se em Entrecampos, justamente quando havia completado, no «timing» previsto o seu relato. O motorista, este, pouco lhe respondia, seguramente por se sentir em apuros de não desejar ser considerado malcriado não atendendo pessoa certamente do seu conhecimento.

Para terminarmos, comparável incidente deu-se conosco, às 5 h da manhã, em uma carreira de autocarro «Greyhound» (bancos reclináveis, ar condicionado, lavabos ao fim do corredor central) Nova Iorque/Chicago, que havia partilhado daquela cidade (no mesmo dia em que às 13.45 h saímos de Lisboa) cerca das 11 h da noite da véspera do acontecimento que desejamos relatar, em complemento dos anteriores.

Aquela hora (5 da manhã) todos os passageiros dormiam re-



Ann Arbor, Michigan, USA — cidade universitária do nosso destino. Em Toledo (Ohio) fizemos transbordo. Mapa de circulação local — Sul e Noroeste de Michigan, Norte de Indiana e Chicago no Illinois. New York/Ann Arbor, ida e volta, em 1966, se bem nos recorda, cerca de cem dólares (1/28\$60). No regresso, pelas cataratas do Niagara, em boleia de automóvel de Joe Huber, fomos reembolsado, dois meses depois, em New York, Rua 42, Port Authority, estação central de camionagem — de cerca de 40 dólares. Bastou para tanto que apresentássemos a parte do bilhete não utilizada

galadamente, menos nós que viajávamos à frente, do lado direito, bem próximo do motorista, e com uma rapariga mulata sentada a nosso lado. E a quem numa paragem para uma primeira refeição num «spot» (ponto) da viagem, convidáramos a vir connosco. Respondeu-nos que não sairia do autocarro. Na rede da bagagem por cima de si, levava um gravador e de uma outra vez em que saíra do autocarro algo lhe haviam roubado, de modo que, naquela ocasião ficaria ali sentada à espera de prosseguir viagem. É claro que nós, com bagagem no porão do autocarro, levámos a de mão toda conosco, lá indo, sem receio de roubos, tomar, então, qualquer coisa quente. E para espantarmos um pouco como prevenção de longa viagem (de 15 horas ao todo). Mas, na calma da madrugada, às 5 da manhã, como dissemos, com todos os passageiros a dormir incluindo-se a nossa companheira do duplo de banco da frente, decidimo-nos,

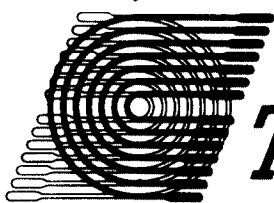
não, mesmo pelo vagar da ocasião, a discutir com o motorista «O Problema de Sócrates» ou «A Lenda Platónica» (que nos perdoe o gracejo do doutor Vasco de Magalhães Vilhena), mas a fazer-lhe uma pergunta. A qual não exigia resposta pensada, mas simples, como «sim», «não», «já», «ainda» ou «talvez». No entanto, o motorista respondeu-nos, inesperadamente, com uma longa frase, concebida sem hesitações, nestes mesmos termos (que ainda temos no ouvido): I regret sir. But we do not talk to passengers whilst driving on a highway. O que traduzido, para quem sabe melhor o russo ou o konkanim, por exemplo, do que o inglês, quer dizer: Lamento, senhor. Mas nós não falamos com os passageiros enquanto conduzimos numa via rápida!!! Ficámos sem resposta até hoje. Mas, a moral da história (se a tiver!) é que nos parece que interessa.

Desde já, pois, da recôndita fundura da nossa pequenez, ape-

lamos daqui para quem de direito, que nos tenha lido, para que aproveite da melhor maneira o que relatámos. Quanto a «acidentes», mais de 99% «dos» que ocorrem nas estradas, com motoretas inclusive, são «apenas» desastres. Acidentes, na verdadeira acepção do termo, têm sempre causas imprevisíveis e insuspeitas. E não ocorrem, afinal, senão «acidentalmente», isto é em menos de 1% de todos os casos.

Por associação de ideias, lembramos um aviso que se lia nos carros eléctricos, em Lisboa: «Quem conversa com os guardas-freios torna-se moralmente responsável pelos desastres motivados por distração». Porque se não diz aqui «acidentes»? Que alguém nos responda, nomeadamente os peritos de viação e trânsito, da GNR ou de outro departamento ou instituição pública ou privada.

R. Toulson A. Leite



Telemática

CONSULTORES DE
TELECOMUNICAÇÕES E INFORMÁTICA, LDA.

A TELEMÁTICA - CONSULTORES DE TELECOMUNICAÇÕES na sequência da colaboração que desde 1981 vem desenvolvendo com a DIGITAL, tem o prazer de informar a formalização de um contrato de OEM, com início em 1 de Janeiro de 1984, com a DIGITAL EQUIPMENT PORTUGAL, LDA.

Este acordo permite à TELEMÁTICA a integração de equipamento e software da DIGITAL no desenvolvimento e comercialização de soluções informáticas integradas.



CONSULTORES DE TELECOMUNICAÇÕES E INFORMÁTICA, LDA.
Rua Castilho, 39 - 12.º andar — Letra G 1200 LISBOA

digital

Digital Equipment Portugal, Lda.

Prosseguindo a colaboração desenvolvida entre a DIGITAL e a TELEMÁTICA desde 1981, a DIGITAL EQUIPMENT PORTUGAL, LDA. tem o prazer de informar que formalizou com a TELEMÁTICA - CONSULTORES DE TELECOMUNICAÇÕES E INFORMÁTICA, LDA. um contrato de OEM, com início em 1 de Janeiro de 1984.

Este acordo permite à TELEMÁTICA a integração de equipamento e software da DIGITAL no desenvolvimento e comercialização de soluções informáticas integradas.

digital

Av. José Malhoa, Lt. 1674-2.º, 1000 LISBOA
Telefs: 72 54 97, 72 54 02 Telex: 64629

comunicação social

Balanço: adesão à greve da ANOP foi quase total

A greve dos jornalistas da ANOP teve um índice de adesão quase total na sede. Assim, apenas trabalharam em Lisboa, quatro jornalistas, três da parte da manhã e um de tarde. Nas delegações não aderiu à greve nenhum dos jornalistas do Porto nem da Madeira. Todos os restantes cumpriram a greve.

Entretanto, o Sindicato dos Jornalistas exigiu ao secretário de Estado Anselmo Rodrigues a substituição do actual Conselho de Gerência da ANOP, por uma comissão de gestão até à constituição do novo Conselho Geral previsto no futuro estatuto da agência.

Em «telex» enviado a Anselmo Rodrigues, o SJ entende que aquela comissão poderia integrar os directores de Informação (uma vez reposta a legalidade neste sector), pessoal administrativo e técnico e desta forma a ANOP chegar à tomada de posse do já referido Conselho Geral, já «liberta da situação de conflito permanente que a corrói».

No comunicado em que faz referência ao «telex» dirigido ao secretário de Estado, o Sindicato condena a actuação de quatro jornalistas que não aderiram à greve na sede da agência, pelo facto de não se terem limitado a fazer o seu «trabalho habitual, mas terem-se empenhado na execução de serviços normal-

mente assegurados por outros jornalistas.

«Comportando-se desta maneira, aqueles jornalistas desprestigiaram-se perante os seus camaradas de trabalho e violaram flagrantemente a Lei da Greve» — comenta o Sindicato.

O SJ chama a atenção para o facto de dois dos jornalistas que não acataram a greve (Belmiro Vieira e Cartaxo e Trindade) não possuírem o título profissional. Por ser assim, o Sindicato vai solicitar de imediato a intervenção urgente da Inspeção do Trabalho na Redacção da ANOP para sanar esta irregularidade.

Conselho de Informação

O Conselho de Informação para a ANOP enviou, por seu turno, uma carta ao Conselho de Gerência na qual considera imperativa a «imediata cessação de funções de director interino, exercidas por Maximino Correia, (um dos profissionais, aliás, que furou a greve).

Afirma aquele Conselho que a nomeação de um director interino apenas se justifica «em caso de urgência» e enquanto se aguarda parecer do órgão competente sobre a respectiva nomeação.

Recorda a propósito, que o Conselho de Gerência não fundamentou o carácter urgente da nomeação como director interino

de Maximino Correia, enquanto aguardava parecer sobre a proposta de exoneração do director de Informação Carlos Veiga Pereira.

Acrescenta que as hipóteses legais de manutenção da indigestão de Maximino Correia cessaram a partir da aprovação por unanimidade do parecer em que o Conselho de Informação se manifestava contrário à exoneração de Veiga Pereira.

O Conselho solicita informação urgente sobre se o CG vai revogar a sua decisão de exoneração de Veiga Pereira ou vai pedir parecer sobre a nomeação de Maximino Correia ou de qualquer outro jornalista para director de Informação.

Conselho de Imprensa

Por outro lado, a demissão do director de Informação da ANOP «foi ilegal» e «a sua substituição é ilegítima e agrava as ilegalidades cometidas pelo conselho de gerência da agência» — afirma, por outro lado, um parecer do Conselho de Imprensa ontem divulgado.

O texto, elaborado por aquele órgão da Assembleia da República, declara que a exoneração do jornalista Carlos Veiga Pereira do cargo de director de informação da ANOP «não deverá produzir quaisquer efeitos», por se encontrar «ferida de ilegali-

dade».

O parecer do Conselho de Imprensa, comunicado ao CG da agência, sustenta que o Conselho de Informação para a ANOP deveria ter sido previamente ouvido sobre a demissão do director de informação, que esta «formalidade é, indubitavelmente, essencial» e que «a sua não observância determina a nulidade do acto viciado».

O texto sublinha que tal decorre da Lei do Conselho da Comunicação Social e das disposições que atribuem aos conselhos de informação as funções daquele órgão, no período que media até à sua constituição.

A inexistência do Conselho de Comunicação Social — prossegue o parecer — «não cria qualquer vazio legal, uma vez que o legislador cometeu transitoriamente as funções ao actual Conselho de Informação para a ANOP», o qual «tem de pronunciar-se prévia e publicamente sobre a demissão do director».

«Ora — afirma o Conselho de Imprensa — o conselho de informação não foi devidamente ouvido, como aquele próprio órgão tornou público, pelo que a exoneração de Carlos Veiga Pereira se fez com a preterição de uma formalidade essencial».

Solidariedade

Neste meio tempo, as Comissões de Trabalhadores da

ANOP, EPNC e EPDP decidiram, também, reivindicar que seja suspensa a aplicação das medidas em curso naquelas empresas públicas de Comunicação Social.

Segundo um comunicado emitido após uma reunião daquelas estruturas da ANOP, da EPNC e da EPDP e Governo e os respectivos conselhos de gerência «devem negociar seriamente com as organizações representativas dos trabalhadores a viabilização das empresas».

Os trabalhadores afirmam ter propostas alternativas, «capazes não só de diminuir os custos de funcionamento das empresas, como de aumentar o grau de aproveitamento dos recursos existentes e produzir uma informação melhor».

Eleito novo CR

A Lista «B» candidata ao Conselho de Redacção da ANOP venceu as eleições para este órgão.

A lista vencedora obteve 38 votos (cerca de 80 por cento) e registaram-se seis votos brancos e quatro nulos.

O Conselho de Redacção da ANOP passa a ser constituído pelos jornalistas Rui Camacho, Manuel Moura George, João Manha, Hélder Guerra e Roby Amorim (efectivos) e Filipe Ramalho e Raul Malaquias Marques (suplentes).

Jogava no casino à custa do patrão

No banco dos réus do 2.º Juízo Criminal do Porto sentou-se ontem, à tarde, o vendedor-viajante Francisco da Conceição Reis, de 37 anos, residente antes de preso (há 7 meses) na Rua de Gonçalo Cristóvão, 244-2.º B, acusado de ter emitido um cheque sem provisão no montante de 857 628 escudos.

No decorrer do julgamento, presidido pelo juiz dr. Mário Cruz, verificou-se que o caso tinha uma história por detrás. O réu havia trabalhado na firma Maia, Campos e Machado, Lda., da Rua do Bonjardim, 1160, nesta cidade, durante 12 anos e um dia foi-lhe dada a oportunidade de passar de simples empregado de balcão a viajante, com carro, comissões e ordenado superior.

Nessas novas funções, porém, o réu começou a gastar em proveito próprio algumas das importâncias cobradas aos clientes e que se destinavam à firma. Quando se foi a ver já o desvio ultrapassava os 850 contos. Na sequência de uma longa conversa então travada com o sócio-gerente da firma, o vendedor comprometeu-se a repor a importância desviada até 31 de Março do ano passado e emitiu um cheque na importância referida.

Apesar do seu passo em falso,

o viajante continuou a trabalhar na firma, com todas as regalias dos restantes colegas de ofício. Foi uma oportunidade que o referido sócio-gerente resolveu dar-lhe, na convicção de que estava a «dar a mão a um elemento válido», conforme fez questão de salientar durante o julgamento.

Antes de 31 de Março, porém, o réu cobrou um recibo de 190 contos num cliente de Vila do Conde e, em vez de o entregar, como era seu dever, foi meter-se no Casino de Espinho, onde o gastou no jogo, durante uma tarde. O sócio-gerente da firma foi quem deu com ele na jogatina, e ontem não escondia a sua frustração por ver que, afinal, se enganara em relação a Francisco Reis.

O réu, que é casado e tem dois filhos menores, não dispõe de dinheiro para pagar a dívida, e a firma, por seu turno, está a pagar impostos às finanças sobre uma verba que não recebeu. Só a decisão do tribunal pode alterar este condicionalismo, pese embora o facto de a lei prever pesada punição para a emissão de cheques sem cobertura, mormente quando se trata de elevado montante, como é o caso. Aguardemos a sentença, marcada para as 14 horas do próximo dia 2 de Março.

Carreira de assaltante acabou numa serralharia

Após ter realizado com êxito oito assaltos, Joaquim Orlando Sanfins dos Santos, morador na Rua de S. João da Foz, naquela cidade, acabou por ser detido pela Polícia Judiciária numa serralharia. As investigações levadas a efeito revelaram que Joaquim dos Santos saltou, por duas vezes a discoteca «Twins», na Rua do Passaio alegre, «visitou» três barracas no Mercado da Foz, entrou numa oficina de reparação de bicicletas na Rua Candido Sá de Albergaria e completou a «ronda» em três

serralharias da área da sua residência.

O montante dos roubos ascende a várias centenas de contos. Num dos «golpes», Joaquim Santos «trabalhou» com outro indivíduo que ainda não foi identificado pela P.J. Uma parte dos artigos roubados já foi recuperada e o processo respectivo deu entrada ontem à tarde, no Tribunal de Instrução Criminal, enquanto o delicto foi transferido para as prisões privativas da P.J. para Custódias.

A foto do dia



Atravancado Bairro Alto: e de vez em quando, o reboque policial... O estorvo das cargas e descargas a desoras, o excesso de sentidos duplos e os estacionamento em locais inteiramente inacreditáveis darão, um dia, lugar a um bairro só para peões, e devidamente restaurado? (Foto José Tavares)

Casal de burlões preso pela Judiciária

Um casal de burlões (de etnia cigana) foi ontem capturado pelas brigadas externas da Polícia Judiciária do Porto quando se preparava para arrecadar mais 50 contos a uma senhora que, desesperada por ver o marido sem emprego, há vários anos, confiara nas promessas do referido casal.

A situação vinha a arrastar-se há já algum tempo e, pelos vis-

tos, à custa das tais promessas, a senhora já tinha desembolsado 75 contos, verba que o casal exigiu para poder «garantir um emprego compatível».

Entretanto, o caso chegou ao conhecimento da Judiciária e, ontem, de manhã, quando a senhora foi ao banco levantar o que lhe restava das suas economias (50 contos), agentes da P.J. seguiram-na até que a senhora se dirigiu para um automóvel, no

qual se encontrava o casal.

A captura ocorreu no Campo 24 de Agosto e foi feita em flagrante delito. O casal não reagiu e foi conduzido no próprio automóvel para a directoria da Polícia Judiciária, recolhendo às prisões privativas, donde sairá hoje, a fim de ser ouvido por um magistrado dos juízos de instrução criminal. Ele dá pelo nome de João e ela pelo apelido de Neiva.

Três anos de cadeia para ardina do Porto

Três anos e 10 meses de cadeia, e 180 dias de multa à taxa diária de 60\$00 ou, em alternativa desta, mais 120 dias de prisão, foi a pena aplicada no 1.º Juízo Criminal do Porto, ao ardina Carlos Alberto Caetano de Sousa, de 23 anos, morador no Bairro

dos CTT, naquela cidade, que estava acusado de ter furtado um casaco e uma carteira com documentos, que se encontravam no interior de um automóvel.

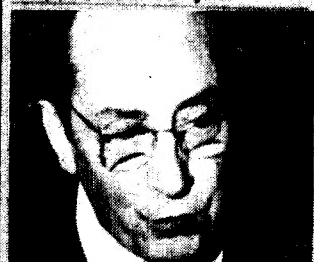
Os factos ocorreram já em 6 de Julho de 1980, na Avenida Dr. An-

tunes Guimarães, onde o vendedor Pedro Leitão havia deixado a sua viatura estacionada. O lesado viria, entretanto, a descobrir o seu casaco de pele no corpo do ardina, logo o denunciando às autoridades.

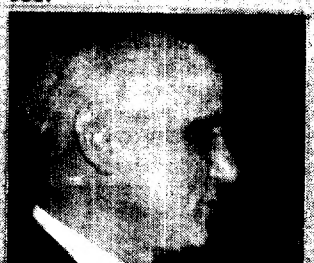
De caras



SÓNIA BRAGA, a popular «Gárgula» da telenovela baseada num romance de Jorge Amado, estará de férias em Portugal durante o mês de Março logo após o Carnaval, que passa com o marido, José Joaquim Sales, em Nova Iorque.



PAMPLONA CORTE-REAL, Provedor de Justiça, organizou durante o ano passado 2631 processos, a maioria dos quais com base em queixas apresentadas por cidadãos. Lisboa detém o recorde de queixas: 1057. O Porto vem em segundo lugar, a grande distância: 336.



MANUEL CARGALEIRO recebeu das mãos do embaixador da França em Lisboa as insígnias de «Officier des Arts et des Lettres». Manuel de Oliveira e João Bénard da Costa são os outros dois portugueses já agraciados com esta condecoração.



OLGA RORIZ é a coreógrafa de «O livro dos seres imaginários», o balletado inspirado na obra de Jorge Luís Borges que ontem se estreou, com grande êxito, no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian. Palmes para Olga Roriz e para Nuno Corte-Real, o cenógrafo.



RAUL JUNQUEIRO, secretário de Estado das Comunicações e Anselmo Rodrigues, do ministério de Estado, assinaram um despacho sobre actividade de televisão em Portugal, e uma proposta de regulamentação sobre transmissão privada. A notícia nesta edição.

24 horas

Manifestação em Buenos Aires

Sectores político, juvenil e sindical do Partido Radical, no Governo argentino, manifestaram-se hoje em Buenos Aires a favor do projecto de lei de reorganização sindical que hoje será debatido no Senado. A iniciativa da lei partiu do presidente argentino, Raul Alfonsín e pretende a «democratização dos sindicatos pelo voto directo dos sindicalizados e com a participação de todos os sectores».

Ching-Kuo reconduzido

O Partido Nacionalista da Formosa (Kuomintang) reconduziu quarta-feira no cargo o presidente Ching-Kuo, para um segundo mandato de seis anos — informa a ANOP. Ching-Kuo, 73 anos, foi eleito candidato pelo Kuo-

mintang para optar por um segundo mandato, e, dado que não se apresentaram outros candidatos — a oposição está declarada ilegal pela lei marcial a sua reeleição está garantida para uma sessão da assembleia a realizar no próximo mês.

Eleições na Nicarágua

A lei para as eleições de 1985 na Nicarágua será aprovada em meados de Março próximo, anunciou quarta-feira à noite o presidente do Conselho de Estado, Carlos Nuñez, informa a ANOP. O dirigente sandinista disse que a Lei de Emergência Nacional, vigente desde Março de 1982, perderá o efeito assim que se iniciar a campanha eleitoral. No próximo dia 21 de Fevereiro, o Governo sandinista anunciará em Manágua a data da realização das eleições.

Enforcamentos no Irão

Dezanove traficantes de droga foram enforcados 3.ª feira de madrugada numa das prisões de Teerão — anunciou 4.ª feira os jornais da capi-

tal iraniana. Três dos traficantes eram de nacionalidade afgã, acrescentam os jornais, sem fornecerem mais nenhum dado.

Dirigente do MDP chileno na cadeia

Manuel Almeyda, presidente do Movimento Democrático Popular do Chile (MDP, coligação da oposição de esquerda) e membro do Partido Socialista, foi preso em Santiago, soube-se ontem de fonte oficial na capital chilena. Almeyda, que se pronunciou recentemente a favor da greve geral para acelerar o regresso da democracia ao Chile e à instauração de um governo provisório, é acusado pelo governo do general Augusto Pinochet de promover acções contrárias à segurança nacional.

«Montoneros»

Um dos dirigentes do movimento «Montonero» da Argentina, Fernando Vaca Narvaja, que se encontra refugiado no Brasil vive na clandestinidade e não se entregará à Polícia brasileira, afirmou ontem, no Rio de Janeiro, o advogado argentino Fernando Torres. A posição de Narvaja, que é acusado de

uma série de delitos perpetrados entre 1973 e 1976, nomeadamente de ter conduzido um ataque contra o Regimento de Formosa, é por isso mais delicada que a de Mario Eduardo Firmenich, outro chefe «Montonero» preso no passado dia 13 de Janeiro no Rio, pela Polícia Federal, brasileira.

Explosão em Madrid

Uma bomba de 1,5 quilogramas de nitramita explodiu hoje de manhã nas instalações do Serviço de Emprego, Madrid, não provocando vítimas mas causando importantes prejuízos materiais — informou a ANOP. Crê-se que o atentado se relaciona com o achado, quatro horas mais tarde, de uma bandeira republicana e um cartaz dos grupos de Resistência antifascista Primeiro de Outubro (GRAPO) numa passagem sobre a auto-estrada de circunvalação de Madrid.

Missão anulada

A missão que o Vaivém espacial americano deveria efectuar em Julho próximo foi anulada, por a Força Aérea Americana ter renunciado a colocar a bordo uma carga militar secreta, anunciou a NASA na terça-feira. Um porta-voz da Agência Espacial Americana, John Lawrence, decla-

rou no Centro Espacial de Houston (Texas) que a decisão de anular essa missão foi tomada pelo Departamento da Defesa. Um porta-voz da Força Aérea recusou fornecer pormenores sobre a carga secreta em causa ou explicar a razão da anulação.

Arafat em Moscovo

Uma fonte palestina informada indicou que Yasser Arafat, presidente da Comissão Executiva da OLP, continuava ontem à noite em Moscovo, onde assistiu na véspera ao funeral de Iuri Andropov. O chefe da OLP teve na terça-feira um primeiro e breve contacto com o novo número um soviético, Constantino Tchernenko a quem apresentou condolências.

Leamon Hunt morreu

Atentado de Roma marca ressurgimento das BV

— segundo observadores

A ala militar das «Brigadas Vermelhas» é aparentemente responsável pelo atentado em que Leamon R. Hunt morreu, na quarta-feira à noite, em Roma, realçam os observadores — escreve Richard Henze da A.F.P.

A reivindicação emanada do «Partido Comunista Combatente», feita pouco após o atentado para a «Rádio Popular», rádio milanese de extrema esquerda, foi considerada «digna de crédito» à noite, pela Polícia italiana.

O «Partido Comunista Combatente» ao que parece, sucedeu no ano passado à ala militar das BV, a facção mais dura da organização terrorista italiana, dada como desmantelada em 1982 em todo o país. A organização tinha-se manifestado em Maio passado em Roma, ferindo um professor de Direito do Trabalho de certa nomeada, Giovanni Giuno.

O atentado vem dar, «a posteriori», razão ao ministro italiano

do interior, Oscar Luigi Scalfaro, que tinha denunciado, no início de Fevereiro, um recrudesimento da actividade de elementos terroristas na capital italiana.

Segundo Scalfaro «havia, à época, indícios preocupantes» do relançamento de uma organização das BV em Roma. O terrorismo, disse então, «aperfeiçoou» as suas ligações às redes de crime organizado.

Um terrorista «arrepentido» célebre, Roberto Sandalo, tinha, na mesma altura, repercutido as declarações do ministro, afirmando que certas colunas das BV estavam ainda em parte activas, «nomeadamente em Roma, Florença e Nápoles».

Na sua reivindicação, o interlocutor que se reclamou do «Partido Comunista Combatente» indicou claramente a natureza «anti-imperialista» do atentado: «Matámos Hunt, garante dos acordos do Sinai. As forças imperialistas fora do Líbano. Itália fora da NATO. Não aos mis-

seis (de cruzeiro) em Comiso», disse.

Hunt, diplomata de carreira, de 57 anos, director-geral da Força Multinacional e de Observadores do Sinai (MFO), colocado em Roma desde o início de 1983, foi mortalmente ferido no seu automóvel blindado, quando deixava o edifício do bairro de Eur (Bairro administrativo nos arrabaldes sul de Roma) onde a força está instalada.

Os agressores, em número de três, ao que parece, abriram fogo com armas automáticas sobre o automóvel, um «Alfa 6» de grande cilindrada, quando este transpunha o portão do edifício às 17h30 tmG, hora a que caía já a noite.

Uma série de balas de grande calibre pulverizaram o vidro traseiro do automóvel e uma delas atingiu o representante americano no crânio, provocando um grave ferimento que viria a causar a morte da vítima pouco depois.

Conferência de Lusaca

Shultz preocupado com a credibilidade dos EUA

Os Estados Unidos não são «os polícias da África», mas Washington continuará a opor-se à «ingerência soviético-cubana sem precedentes» no continente africano, disse o secretário de Estado americano, George Shultz, procurando dar o tom à conferência tripartida (Angola-África do Sul-Estados Unidos) que decorre na capital da Zâmbia.

«Não somos os polícias da África, mas ficar de braços cruzados quando Estados negros (sic) são ameaçados pelos nossos próprios adversários, poderia atentar contra a nossa credibilidade enquanto muralha contra agressão em África e em outros sítios», sublinhou o secretário de Estado, ontem à noite, num discurso pronunciado no «World Affairs Council» de Boston (Massachusetts), uma organização privada de estudos internacionais, onde ficou sem resposta uma tentativa de pergunta sobre a invasão de Granada.

George Shultz, que fazia a sua primeira alocução consagrada exclusivamente à política dos Es-

tados Unidos em África, acusou, por outro lado, a União Soviética de «procurar explorar a instabilidade» criada pelas dificuldades económicas dos Estados africanos.

A reunião tripartida de Lusaca foi anunciada simultaneamente em Joanesburgo pelo Ministério sul-africano dos Negócios Estrangeiros, cujo ministro, Roelof Botha, chefia a delegação de Pretória e por fontes diplomáticas dos Estados Unidos, país que se fará representar pelo seu subsecretário de Estado, Chester Crocker.

O encontro de Lusaca, que culmina numa intensa actividade diplomática, poderá desbloquear as negociações sobre a independência da Namíbia, se bem que o comunicado de Pretória apenas aluda ao plano de cessar-fogo anunciado unilateralmente em Janeiro pela África do Sul.

O cessar-fogo «continua a ser frágil e a situação é complexa, mas a nossa tarefa consiste agora em o consolidar». O secretário

de Estado americano reafirmou, por outro lado, que a política de «apartheid» praticada pela África do Sul continua a ser «repugnante» para o governo americano e contribui para as tensões e para a instabilidade na região.

«São os próprios sul-africanos que devem encontrar uma fórmula de substituição para o 'apartheid', mas os Estados Unidos têm o direito de sublinhar que uma mudança nesse sistema é uma coisa imperativa», concluiu, definitivamente, Shultz.

Mais uma advertência à Líbia

As «tentativas de desestabilização libias tornaram-se, infelizmente, uma realidade para a África (...). Isto é inaceitável e continuaremos a ajudar os países africanos a fazer face às agressões e à «subversão» libia, disse também o chefe da diplomacia americana, que falava sobre a conferência de Lusaca.

Mais uma vez o «nuclear» em causa na Grã-Bretanha

Dois relatórios governamentais difundidos ontem põem de novo em dúvida a segurança na fábrica de tratamento de detritos nucleares de Sellafield (ex-Windscale), onde foram assinaladas fugas radioactivas em Novembro do ano passado.

Os inspectores encarregados dos dois relatórios censuram a «British Nuclear Fuels Limited» (BNFL), a empresa de Estado que explora a fábrica de Sellafield (nordeste da Inglaterra), de dispor de instrumentos insuficientes para o controlo das operações e denunciam uma ausência de informações concretas nos órgãos de Comunicação Social.

Segundo estes relatórios, a BNFL também forneceu informações «inadequadas» ao Governo, quando as praias próximas de Sellafield, no mar da Irlanda, atingiram um nível de contaminação cem vezes mais e, em certos locais, mais de mil vezes superior ao nível considerado normal.

Especialistas do Governo assinalam também que, das 38 pessoas examinadas após a descoberta da fuga de Novembro último, oito tinham sido contaminadas por substâncias radioactivas.

«Certas pessoas que deveriam estar mais ao corrente dos factos cometeram erros», disse o director da BNFL, Con Alday, que anunciou uma reorganização da equipa dirigente e sanções a aplicar a certos empregados.

Con Alday anunciou, por outro lado, que o programa de melhoria do processo de tratamento dos detritos ia ser acelerado.

Desde os incidentes de Novembro passado que as praias próximas da central — frente às quais a fábrica lança certos detritos radioactivos — estão interditas ao público.

O ministro do Meio Ambiente, Patrick Jenkin, não quis comprometer-se a confirmar, perante a Câmara dos Comuns, se estas praias seriam reabertas ou não

no próximo Verão. Acrescentou que a fábrica funcionava de novo normalmente.

Os relatórios de especialistas do Governo aparecem depois de uma longa controvérsia, o ano passado, sobre a segurança da fábrica, situada junto a uma região turística.

A organização ecológica «Greenpeace» tinha sido a primeira a denunciar a poluição das praias perto de Sellafield, e tentara bloquear as canalizações que serviam para lançar os detritos para o mar.

A «Greenpeace» tinha sido condenada, em Dezembro passado, a uma multa de 50 mil libras em consequência dessa acção.

O debate sobre o grau de perigo das radiações nucleares tinha sido lançado um mês antes, durante a difusão, na televisão, de um inquérito que verificava uma frequência anormal de casos de leucemia perto da fábrica.

Contra aument

As posições do Governo em crise libanesa estão cada vez mais confusas que reflecte, aos olhos diplomáticos, citados pelos objectivos contraditórios do Reagan. Como sucede diariamente Reagan anunciou, há oito dias, a progressiva dos «marines» na quadra, a Casa Branca, o Depa e o Pentágono continuam a forçar explicações vagas e sinuosas perseguidos pelos Estados Unidos meios escolhidos para os atingir.

Após a habitual série de declarações do presidente, do secretário de Estado, George Shultz e dos seus porta-vozes, continuava a ser bastante difícil saber o que se passava com o reposicionamento dos «marines», se Washington é favorável à substituição da Força Multinacional por uma força das Nações Unidas, ou ainda se Washington já tinha aceite que o presidente Amine Gemayel revogue o acordo estabelecido em 17 de Maio

Nos encontros com dir

Tcherneni

Konstantin Tchernenko, novo chefe do PC soviético, ocupou-se imediatamente das questões de política mundial pronunciando-se a favor da «détente», palavra que tinha desaparecido do vocabulário do seu predecessor, notam os especialistas em Moscovo, citados por Pierre Bocren da A.F.P.

A insistência do novo secretário-geral na ideia de «détente», de que evocou «várias vezes», a necessidade, foi referida pelo primeiro-ministro canadiano, Pierre Trudeau, no final do seu encontro de meia hora com Tchernenko.

Durante a manhã, o sucessor de Andropov, eleito 48 horas antes, recebeu o líder cubano Fidel Castro, o coordenador da Junta Sandinista, Daniel Ortega Saavedra, e o chefe do Estado vietnamita Truong Chinh. Deste modo, concedeu um conjunto de audiências duas vezes mais importante do que o número de personalidades estrangeiras que Yuri Andropov tinha recebido quando ascendeu ao poder, em Novembro de 82.

Tchernenko recebeu, para além do primeiro-ministro francês Pierre Mauroy, os representantes de todos os países relacionados com a instalação dos euromisséis: o vice-presidente dos Estados Unidos, George Bush, o chanceler oeste-alemão, Helmut Kohl, o presidente italiano, Sa...

Sindicatos

Os sindicatos franceses, CGT (próximo do Partido Comunista) à frente, lançaram esta semana a via das lutas por ramos, para a defesa do emprego e do poder de compra, após um período de «estado de graça» que se seguiu à chegada da esquerda ao poder — escreve a A.F.P.

Com efeito, toda a gente diz que 1984 será o cabo mais difícil que a França terá de passar, com as ameaças que pesam sobre os empregos, devido aos projectos governamentais de reestruturação e mutações industriais e a continuação do rigor que afecta os rendimentos de inúmeras ca-

Tradições de Reagan têm confusão no Líbano

governo americano sobre a da vez mais rodeadas de te, aos olhos dos observadores pela France Presse, os do presidente Ronald diariamente, desde que o dias, a concentração nos navios da 6.ª Es- Departamento de Estado na fornecer aos jornalistas usas sobre os objectivos os Unidos no Líbano e os atingir.

passado com Israel.

A concentração dos «marines» nos navios continuará, em princípio, até final do mês?

Os «marines» que forem levados para os navios americanos continuarão a fazer parte da Força Multinacional, deixarão de fazer parte dela, ou as duas coisas ao mesmo tempo?

Os navios da Sexta Esquadra continuarão perto da costa libanesa até que os objectivos americanos (quaisquer que

sejam) sejam alcançados, até que deixe de haver esperança de os alcançar, ou até que o Governo libanês (qualquer que ele seja) peça a sua retirada?

Reagan admitiu ontem num encontro com um pequeno grupo de jornalistas que o caso libanês é bastante complicado: «As coisas parecem mexer, disse, mas nem sempre da forma que desejariamos».

«É evidentemente bastante difícil convencer os eleitores americanos de que os Estados Unidos não vão envolver-se na guerra do Líbano, e convencer ao mesmo tempo a Síria de que os Estados Unidos não vão abandonar o Líbano», observou um diplomata europeu.

Eis algumas outras questões cujas respostas variam segundo os dias ou quem responde:

— Os Estados Unidos continuam a intervir militarmente no Líbano para apoiar o presidente Gemayel, para apoiar um qualquer governo libanês constitucionalmente constituído

do, para proteger a Força Multinacional ou para proteger os cidadãos americanos.

— Os canhões dos navios da Sexta Esquadra dispararam sobre as posições pró-sírias em resposta aos disparos contra o Exército do governo libanês, aos disparos contra um qualquer contingente da Força Multinacional ou aos disparos contra os «marines» americanos.

Saída diplomática para Gemayel?

O presidente Amin Gemayel iniciou consultas que poderiam «orientar-se no sentido de uma revogação do acordo israelo-libanês de 17 de Maio de 83», indicou a Rádio Líbano (oficial), no dia seguinte à vitória das milícias drusas de Walid Jumblatt sobre o Exército libanês, na montanha ao Sul de Beirute.

O chefe do Estado deverá tomar «uma decisão capital», acrescentou a estação.

Entretanto, parece que a oposição e, nomeadamente, para Walid Jumblatt (cujas tropas retomaram a quase totalidade da montanha), a revogação do acordo não chega.

O chefe druso pediu de novo a demissão do presidente Gemayel, porque se mostra «sempre atrasado a tomar iniciativas. Não é possível perdoar aos que cometeram crimes contra os povos libanês e palestino», disse Jumblatt numa conferência de imprensa em Damasco.

Nabih Berri, chefe do movimento chiita Amal, deseja também a partida do chefe do Estado mas pelas vias constitucionais. Repetiu-o ontem ao embaixador dos Estados Unidos em Beirute, Reginald Bartholomew que o foi visitar. Esta atitude, diz-se de fonte próxima do Amal, diverge da dos americanos, que desejam manter Gemayel no poder, estando todavia dispostos a fazer importantes concessões à oposição.

Primaz da Polónia criticado pela oposição

O cardeal primaz Josef Glomp, chefe da Igreja polaca, está a ser vivamente atacado pela imprensa clandestina da oposição que o acusa de se mostrar «demasiado submisso» ao regime do general Wojciech Jaruzelski ao prosseguir uma «política de paz (social) por qualquer preço» — escreve a AFP.

Os últimos números de vários boletins clandestinos do sindicato dissolvido «Solidariedade» para a região de Varsóvia, designadamente o «Tygodnik Wujek» e «Solidarnosc», recebidos pelos correspondentes da imprensa ocidental, transcrevem a carta aberta dirigida por um sacerdote ao primaz da Polónia.

Neste documento, o eclesiástico que utiliza o pseudónimo de padre Olaf, critica mons. Glomp

por na sua carta pastoral do Ano Novo ter proibido formalmente os sacerdotes de fazerem política e de assumirem a defesa do «Solidariedade».

O autor da carta aberta exorta, a concluir, mons. Glomp a não trilhar «o caminho do patriarca Pimen da Igreja Ortodoxa Russa».

É a primeira vez — notam os observadores — que a imprensa da oposição transcreve um documento particularmente crítico em relação a mons. Jozef Glomp, cuja linha de actuação suscita profundas reservas não apenas entre muitos sindicalistas mas também por parte do clero, designadamente nas paróquias dos grandes centros urbanos.

Inquérito na RFA contra a «Rheinmetall»

Três inquéritos judiciais sobre exportação ilegal de armas foram abertos pelo ministério público de Dusseldorf, contra dirigentes da sociedade de fabrico de armamentos «Rheinmetall», indicou um porta-voz da justiça, confirmando informações publicadas no magazine de Hamburgo, «Stern».

Um lote de mais ou menos um milhão de metralhadoras teria sido vendido à Arábia Saudita, provavelmente depois de ter transitado por Espanha, enquanto que canhões de 20 mm chegavam, também ilegalmente, a Marrocos e munições eram exportadas para ao Egipto através de Itália.

Um porta-voz da «Rheinmetall» declarou que estas vendas tinham sido autorizadas pelo governo e, desse modo, em caso

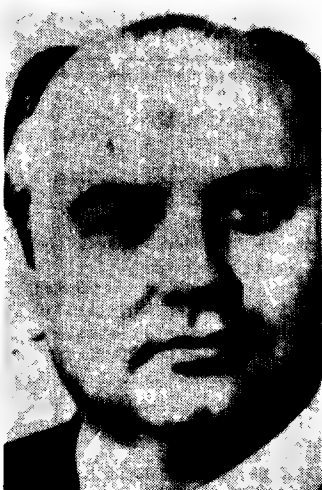
algun se poderia colocar a questão de «exportações ilegais».

Três directores e um antigo colaborador de «Rheinmetall», dados como inculcados, aguardam julgamento por outros factos idênticos. A justiça acusa-os de terem vendido armas à África do Sul, Arábia Saudita e Argentina, depois de as terem feito passar, respectivamente, por Espanha, Itália e Paraguai. Presos em Agosto último, eles tinham sido libertados contra o pagamento de uma fiança «record» de 23 milhões de marcos (cerca de um milhão e trezentos mil contos).

A lei alemã federal, recorde-se, proíbe a exportação de armas para «focos de tensão» e contém uma cláusula de interdição aos países compradores a revenda de material a terceiros.

dirigentes ocidentais

Tchernenko discutiu desanuviamento



Gorbachev: nome cada vez mais apontado pelos observadores como número 2 da URSS

tendo em conta o tempo dos tradutores, não poderia ter-se tratado de conversações exaustivas sobre problemas de fundo.

Ignora-se quanto tempo Tchernenko dedicou aos seus parceiros do Pacto de Varsóvia que recebeu colectivamente ao fim da tarde de 3.ª-feira. Deverá realizar-se em breve uma «cimeira» do Pacto de Varsóvia (URSS, Bulgária, Hungria, RDA, Polónia, Roménia e Checoslováquia), dizia 4.ª-feira uma fonte leste-europeia, certamente para examinar as perspectivas da retomada do diálogo com o Ocidente.

Tchernenko não recebeu o chefe da delegação chinesa, Wan Li, dado que Moscovo e Pequim não têm contactos ao nível de partidos. Em todo o caso, Wan Li esteve com o vice-primeiro-ministro Gueidar Aliev, seu homólogo. O mesmo protocolo tinha de resto sido cumprido há quinze meses, quando Gromyko recebeu Huang Hua.

Toda uma série de indícios leva por agora a admitir que Tchernenko não detém de facto, o poder absoluto. Os analistas argumentam nomeadamente, como «prova», a confidência feita por um alto responsável soviético a um membro de uma delegação ocidental: segundo esta fonte, o papel do «Número Dois» do PC poderia vir a ser confiado a Mikhail

Gorbachev, de 52 anos, o mais importante economista do Partido e que esteve na linha de partida para o cargo supremo.

Cidade em autêntico estado de sítio durante os quatro dias de luto oficial, Moscovo vai retomando o ar de todos os dias.

A circunscrição onde se devia apresentar como candidato Yuri Andropov para as legislativas de 4 de Março viu o problema resolvido: a candidatura da sr.ª Nina Motova, uma operária de 45 anos, foi afixada quarta-feira nos quadros da secção de voto do distrito moscovita Proletarski.

Reagan quer avistar-se com Tchernenko

O presidente norte-americano mostrou-se, quarta-feira, disposto a reunir-se com o novo líder soviético, Konstantin Tchernenko, que considerou, por seu lado disposto a explorar vias de promoção de um diálogo mais útil bilateral.

Ronald Reagan disse que partilha da ideia do vice-presidente, George Bush, que se reuniu com Tchernenko na terça-feira em Moscovo de que o sucessor de Yuri Andropov parece disposto a situar as nossas relações sobre uma base mais construtiva.

A Administração norte-americana insiste em que uma cimeira entre os líderes das duas maiores potências mundiais não deve realizar-se sem preparativos cuidadosos que permitam obter resultados substanciais.

Reagan parece ter preterido o parecer dos seus conselheiros diplomáticos, quanto a tentar uma cimeira com Tchernenko somente depois de ter garantido a sua reeleição para novo mandato de quatro anos na Presidência dos Estados Unidos.

Remodelação governamental

Alexandre Tokarev, ministro da Construção Industrial soviético, reformou-se e «foi libertado das suas funções», indicou quarta-feira Rádio Moscovo.

Tokarev, de 63 anos, ocupava este posto desde 1967.

Eleito para o Comité Central do PCUS em 1966, tinha sido condecorado com a Ordem do Lenin em Novembro de 1981 por ocasião do seu sexagésimo aniversário.

O nome do seu sucessor não foi comunicado pela Rádio Soviética.

Por outro lado, a TASS anuncia quarta-feira a passagem à reforma de Vladimir Blinov, ministro da Justiça da Federação da Rússia. Blinov ocupava este posto desde 1970.



George Bush recebido por João Paulo II

O Papa João Paulo II recebeu ontem em audiência particular o vice-presidente americano, George Bush, que fez escala em Roma, de regresso de Moscovo onde assistiu aos funerais de Yuri Andropov, conforme a A.F.P.

O encontro, que decorreu na biblioteca privada da Papa, durou cerca de uma hora, incidindo essencialmente — indicam de fonte americana — nas relações Leste-Oeste.

O vice-presidente dos Estados Unidos encontrava-se acompanhado do subsecretário para as questões europeias, Richard Burt. Bush avistou-se seguidamente com o cardeal secretário de estado, Mons. Agostino Casaroli. Ao chegar a Roma,



o vice-presidente norte-americano já tinha conferenciado com o presidente do conselho italiano, Bettino Craxi.

Bush declarou, ontem em Paris, por ocasião de uma paragem de meio-dia em França, que Constantine Tchernenko, novo secretário-geral do Partido Comunista da URSS, lhe tinha parecido «em plena forma física», quando da sua entrevista, 3.ª-feira, em Moscovo.

Dando uma conferência de imprensa após ter conversado sucessivamente com o primeiro-ministro francês Pierre Mauroy e o presidente François Mitterrand, Bush acrescentou que Tchernenko se encontrava «na posse dos seus meios e pleno de confiança em si».

Os franceses acabam trégua com governo

categorias de trabalhadores.

Assim vários milhões de trabalhadores foram convidados a participarem em paralisações, em particular na metalurgia e nos serviços públicos, que serão outros tantos testes para os sindicatos acerca da mobilização desses sectores.

Na metalurgia, onde dezenas de milhares de postos de trabalho se encontram ameaçados a curto prazo, tanto na indústria automóvel como na siderurgia e na construção naval, a CGT organizou 4.ª-feira nas grandes empresas paralisações de 2 a 24 horas.

A CGT tenciona essencialmente pressionar o governo, que admitiu publicamente a existência de importantes excessos de efectivos nessas indústrias. A CGT actua isolada neste ramo, pois os outros sindicatos recusam pronunciar-se sobre o princípio das supressões de postos de trabalho.

A acção da CGT surge a seguir à notícia de um plano de 3500 supressões de postos de trabalho nas fábricas de automóveis Citroën (grupo Peugeot-Talbot-Citroën), e algumas semanas depois do episódio pouco satisfatório

para os sindicatos do conflito Talbot, em que cerca de dois mil trabalhadores foram despedidos.

A situação apresenta-se também sob auspícios sombrios para o gigante nacionalizado Renault, onde o excesso de efectivos atinge actualmente dez mil pessoas, segundo os militantes socialistas da empresa, e 20 mil segundo o sindicato cristão CFTC, para um total de 160 mil trabalhadores.

A direcção da Renault, que se contenta por ora em evocar um «abaixamento» inevitável dos efectivos, lançou uma consulta aos trabalhadores imigrados sus-

ceptíveis de aceitarem o regresso aos seus países de origem, em troca de diversas compensações.

Hoje, paralisações e manifestações estão previstas nos serviços públicos, em particular nos sectores da saúde, dos correios, na Air-France, e nos arsenais do Estado, no seguimento de um apelo de todos os sindicatos, menos a poderosa Federação do Ensino (FEN). Este movimento destina-se à defesa do poder de compra dos funcionários, cujos rendimentos baixaram 4000 francos em média em dois anos, segundo a CGT — conclui a A.F.P.

AMPLAMOX 1 GRAMA

AVISA-SE A EXM.ª CLASSE MÉDICA QUE ESTÁ NO MERCADO ESTA NOVA APRESENTAÇÃO DE AMPLAMOX ÚNICA AMOXICILINA ORAL DE 1 G COMERCIALIZADA EM PORTUGAL.

A TECNIFAR



Greve de 24 horas na "António Arroio"

Os alunos da Escola Secundária António Arroio cumprem hoje uma greve de 24 horas como forma de protesto pelo abandono a que o Ministério da Educação votou a escola.

Hoje, às 18 horas, promovem um cortejo de pintura, acompanhada de distribuição de panfletos à população.

Esta escola e as suas congéneres de Coimbra, «Avelar Brotero» e do Porto, «Soares dos Reis», passaram de escolas de «Artes Decorativas» a escolas secundárias, tendo-lhes sido retirada simultaneamente a capacidade de conferir habilitação própria. Os seus cursos carecem de ser reestruturados e a sua situação definida.

Em consequência, e ao fim de uma longa espera em que alunos e professores apresentaram as suas sugestões de reestruturação, os estudantes lutam pela reestruturação dos cursos e devolução da habilitação própria.

Na Escola António Arroio existe uma terceira reivindicação: a abertura do bar que teve de ser encerrado por falta de pessoal auxiliar.

A luta conjunta dos alunos das três escolas prossegue no dia 24, às 19 horas, com uma concentração junto ao Ministério da Educação e desfile de Carnaval de protesto, com passagem pelo M.E., aberto à participação de estudantes de outras escolas.

Descrédito do ME chega a França

«A imagem deste Ministério em França é a de um absoluto descrédito e chegam a ser chocantes os comentários públicos que sobre ele se tecem», comenta a Federação Nacional dos Professores a propósito do comportamento do Ministério da Educação relativamente aos professores portugueses que naquele país trabalham com os filhos dos imigrantes seus compatriotas.

Em França se concentra, como é do domínio público, o maior contingente de trabalhadores imigrantes portugueses, a nível europeu. A essa numerosa colónia corresponde o maior contingente de professores de Português. Por diversas vezes estes docentes cumpriram a fim de serem atualizados os seus salários, que deveriam ter sido aumentados, automaticamente, em Janeiro de 83 e de novo em Janeiro último.

Em França «(...) a permanente luta dos professores portugueses vem ganhando a admiração e o respeito, tanto das autoridades oficiais e sindicatos franceses de professores, como das comunidades de emigrantes que vêm, contudo, com justificada preocupação um desfecho incerto para o presente ano lectivo e, consequentemente, para o aproveitamento escolar dos seus filhos», comenta ainda Fenprof.

O próprio Ministério das Finanças informou aqueles professores de que a verba para a actualização dos seus vencimentos estava já autorizada e na posse do ME que, todavia, não dava andamento à questão. Porquê?

«Na origem desta nova fraude e tal como a Fenprof denunciou em devido tempo», prossegue aquela estrutura sindical, «está o desvio praticado pelo próprio ministro Seabra, que abusivamente e à revelia das mais elementares regras de utilização dos dinheiros públicos, reforçou o orçamento da Universidade do Porto com as verbas destinadas aos salários dos professores. De resto, foi o próprio ministro Seabra quem ignorou essa mesma Universidade quando da elaboração do orçamento de Estado».

Em vez de aumentos, subsídios requeridos individualmente

Para tentar sanar a questão dos professores na Europa, Seabra negociou um acordo com os Sindicatos dos Professores da Zona Norte, Zona Centro e Sudeste (estrutura paralela). O texto desse acordo, adianta a Fenprof — que dele foi informada em Paris pelo embaixador português e no passado dia 8 foi convocada pela secretária de Estado adjunta do

ministro da Educação em Lisboa para assinar o mesmo texto e assim se «encerrar o assunto» — «em nada obriga ao pagamento do que quer seja referente aos aumentos salariais de 1983 e constitui uma ambiguidade e um expediente que a «ninguém compromete».

«No texto do acordo apenas é referido que em 1984 os professores receberão um subsídio especial, não de verbas destinadas ao «apoio pedagógico às comunidades», sendo esse subsídio pago por fases, processando-se a primeira a partir de fins de Março de 1984. Nada se diz quanto ao montante do subsídio, nem quanto ao número de fases em que seria pago.

Mas o inaceitável, do ponto de vista dos professores, não fica por aqui. Segundo o ME, cada professor individualmente teria que requerê-lo, usando como justificação a frequência de acções de formação e de actualização pedagógica, acções «que na verdade não vêm existir» conclui a Fenprof.

A Federação Nacional dos Professores rejeita este acordo e «exige uma negociação clara que garanta não só o pagamento integral da dívida como estabeleça, sem ambiguidades, um correcto modo de liquidação aos professores na Europa (...)»

Relação escola-meio e o ensino da História

Um grupo de professores de História da escola secundária de Santiago do Cacém promove este mês, Março e Abril na referida escola, jornadas sobre a relação escola-meio e o ensino da História.

Destinadas a professores do ensino preparatório e secundário, vereadores da cultura, animadores culturais e técnicos autárquicos, as jornadas obedecem ao seguinte calendário: 15 de Fevereiro, «História local e ensino da história», por Cláudio Torres, da Faculdade de Letras de Lisboa; dia 17, às 16 e 30, «Intervenção e conservação do património documental», por José Mariz, também da FLL; dia 21, às 15, no salão nobre da Câmara Municipal de Santiago do Cacém, «Defesa do património cultural e ensino da história», por Rui Parreira arqueólogo do Museu Nacional de Arqueologia.

Nos meses de Março e Abril, em data e local a anunciar, estão previstas as seguintes sessões: «Ensino da História e Formação Integral do Aluno, por Arlindo Caldeira, professor do ensino secundário; «Pré-História da área de Sines», por Carlos Tavares da Silva, arqueólogo responsável pelo grupo de trabalho de arqueologia do Gabinete da Área de Sines; «Ruínas Romanas de Miraflores, por José Oliveira Caetano, assistente da Universidade de Évora; «Presença árabe no Sul de Portugal», por António Borges Coelho, professor extraordinário da Faculdade de Letras de Lisboa e «As Ordens Militares de Leão e a sua influência em Portugal», por Luís Krus, da Universidade Nova de Lisboa.

Colaboram nesta iniciativa as Câmaras Municipais de Sines e Santiago do Cacém e ainda o Gabinete da Área de Sines.

Soares na Universidade do Minho

Comemora-se amanhã o Dia da Universidade do Minho, que este ano recai sobre o décimo aniversário da instituição.

A sessão solene prevista para as 15 horas, no salão medieval da Universidade, será presidida pelo primeiro-ministro, devendo estar presentes igualmente o ministro da Educação, o secretário de Estado, director-geral e sub-director-geral do Ensino Superior, os reitores das universidades portuguesas e outras autoridades académicas, civis, militares e religiosas, além de público em geral.

Na sessão, que será antecedi-

da de cortejo académico, serão entregues diplomas aos novos licenciados da UM e farão intervenções os profs. Carlos Lloyd Braga e J. Barbosa Romero. O reitor da UM apresentará o relatório de actividades, estando o encerramento a cargo do primeiro-ministro.

No dia 18 as comemorações prosseguem em Guimarães com uma sessão às 10 e 30, no palácio de Vila-Flor, presidido pelo ministro da Educação; visita às instalações actuais e futuras da UM em Guimarães e almoço oferecido pelo presidente do município vimaranense.

Encontro Nacional de Trabalhadores Estudantes

O III Encontro Nacional de Trabalhadores Estudantes foi marcado para o dia 10 de Março próximo, no Porto.

A data do encontro foi decidida em plenário recente realizado em Lisboa e nele foi estabelecido

que os trabalhadores estudantes darão especial ênfase às questões da organização e participação da juventude na actividade sindical.

Foi igualmente decidido que será dado todo o apoio às co-

memorações do Dia da Juventude, a 28 de Março do Dia do Estudante, a 24 de Março. De 24 a 31 de Março decorrerá uma semana preenchida por iniciativas que assinalarão o Dia da Juventude.

DÉCIMO QUINTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Avenida Duque de Loulé, 104

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 26 de Janeiro do corrente ano, lavrada neste Cartório a fls. 78, v.º do Livro n.º 354-C, foi constituída entre: Carlos Alberto Correia da Silva Cruz e MEDIMAGE-SOCIEDADE PRODUTORA DE FILMES LD., uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos a seguir fotocopiados em cinco laudas, na parte que, para aquele efeito interessa.

PRIMEIRO — A sociedade adopta a denominação de GRIFILMES - ACTIVIDADES CINEMATOGRAFICAS, LIMITADA, e fica com a sua sede na Rua das Terras, número dois, primeiro andar, freguesia de Santa Maria de Belém, em Lisboa.

SEGUNDO — A sociedade poderá estabelecer ou extinguir no território nacional, delegações, escritórios, agências ou qualquer outra forma de representação, quando e onde for resolvido pela assembleia geral.

TERCEIRO — A sua duração é por tempo indeterminado, a contar da data da sua constituição.

QUARTO — A sociedade tem por objecto a produção cinematográfica e prestação de serviços ligados a essa actividade.

QUINTO — O capital social é de quinhentos mil escudos, integralmente realizado em dinheiro e correspondente à soma de duas quotas, de duzentos e cinquenta mil escudos cada uma, pertencentes uma, ao sócio Carlos Alberto Correia da Silva Cruz, e outra, ao sócio Medimage - Sociedade Produtora de Filmes, Limitada.

SEXTO — Qualquer sócio poderá fazer à sociedade os suprimentos que ela necessitar, desde que sejam acordados com a sociedade nas condições em que tal se fará, nomeadamente quanto a prazo, remunerações e condições de reembolso.

SÉTIMO — Um — É livre entre os sócios a divisão, venda, cedência ou transmissão de quotas, a qualquer título, dependendo a cessão a estranhos do consentimento prévio da sociedade, mediante deliberação da assembleia geral.

Dois — Além do precatório no número anterior, na cessão a estranhos é reservado à sociedade em primeiro lugar, e aos sócios, em segundo, o direito de preferência na aquisição da quota alienanda.

OITAVO — Um — A sociedade poderá amortizar a quota do sócio que a ceda a estranhos sem o prévio consentimento da sociedade ou ainda alguma quota que for arrematada, penhorada, arrolada ou por qualquer forma apreendida em processo judicial por decisão transitada em julgado e ainda a do sócio que deixar de prestar serviços na sociedade.

Dois — A amortização pode igualmente efectivar-se por acordo dos sócios.

Três — A sociedade poderá proceder à amortização da quota dos sócios falecidos.

Quatro — A quota considerará-se amortizada com o pagamento da primeira prestação ou, em caso de recusa, com o seu depósito na Caixa Geral de Depósitos.

Cinco — A amortização deverá ser decidida e realizada no prazo de noventa dias a contar da data em que, se for esse o caso, a sociedade tiver conhecimento do facto que lhe der causa.

Seis — Na falta de acordo, o preço da amortização será o valor da quota segundo o último balanço aprovado.

Sete — O pagamento do preço da amortização será feito na sede social em quatro prestações iguais e semestrais, vencendo-se a primeira nos dez dias após a assembleia geral que decidir a amortização.

Oito — A sociedade tem sempre o direito de antecipar, como entender, o vencimento das prestações.

Nono — As prestações em dívida vencem um juro de quinze por cento ao ano.

NONO — Um — A administração da sociedade, bem como a sua representação em juízo ou fora dele, activa e passivamente, será exercida pela gerência, composta de dois ou mais membros.

Dois — Os gerentes são designados em assembleia geral para o efeito convocada, podendo ser sócios ou não sócios.

Três — A sociedade e a gerência podem nomear ou exonerar directores e constituir mandatários, nos termos e para os efeitos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial ou para quaisquer outros fins, fixando-lhes sempre a duração e o âmbito do mandato.

DÉCIMO — Um — Para obrigar validamente a sociedade é necessária a assinatura de dois gerentes.

Dois — Os actos de mero expediente poderão ser praticados por um gerente. Não são considerados actos de mero expediente, entre outros, a celebração, alteração e rescisão de contratos e a emissão ou intervenção, a qualquer título, em cheques, letras e livranças.

Três — Fica expressamente vedado a qualquer dos gerentes, individual ou conjuntamente, obrigar a sociedade em quaisquer actos ou contratos estranhos ao seu fim social, nomeadamente em abonações, avales e fianças.

DÉCIMO PRIMEIRO — As assembleias gerais, salvo os casos para que a lei exige outra forma, serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios, com a antecedência mínima de dez dias, indicando-se sempre o seu objecto.

DÉCIMO SEGUNDO — O ano social coincide com o ano civil.

É certidão de narrativa e fotocópia de teor parcial, que esta conforme o original, nada havendo que restrinja, amplie, modifique ou condicione a parte transcrita.

Lisboa, um de Fevereiro de mil novecentos e oitenta e quatro.

A Adjuncto,
Maria Celeste Soares Pais Basilio

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 7.º JUÍZO ANÚNCIO

O doutor João Rolando Viana Queiroz Chaves, Juiz de Direito da 3.ª Secção do 7.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa

Faz saber que por esta Secção e Tribunal, nos autos de Execução Sumária registados sob o n.º 396/80, que o Executado, Banco Pinto & Sotto Mayor, EP, moveu C/ os Executantes: Futurauto-Com. de Automóveis, Ld. e Outro, aquela com última sede conhecida na Rua de Arroios, n.º 248-A, em Lisboa, correu editos de 30 dias, citando a Executada Futurauto, para no prazo de 5 dias, findo o dos editos, deduzir oposição, pagar ao Executado ou não considerar devolvido ao Executado o direito de nomeação de bens à penhora.

A dívida que deu origem a esta execução, é proveniente do endosso e operação de desconto praticado no exercício do Enxaquenta de 1 letra de 28 034\$00 e 11 letras de 215\$000 cada uma, emitidas todas em 18/10/74, vencidas a 1.º em 2/11/75 e as restantes mensais e sucessivamente de 2/1/76 a 2/11/76, saques da 1.ª Executada, e acíto do 2.º Executado José Maria Pinto da Cunha.

No caso de não vir a ser deduzida qualquer oposição, será alçada a Executada condenada nas custas e procuradoria condignas.

Qualquer oposição, deverá dar entrada na Secretaria deste Tribunal, instalado no 5.º Piso do Palácio da Justiça de Lisboa, onde se encontra o duplicado desta execução e que poderá ser levantado pela Executada ou por quem a represente.

Para constar, se lavraram: um anúncio e três editais de igual teor, que vão ser legalmente publicados e afixados respectivamente.

Lisboa: 7 de Fevereiro de 1984. — O Juiz de Direito, a) João Rolando Viana Queiroz Chaves. — O Escriv. Judicial, a) Joaquim Vinasque Mantalvas. D.L. 16/2/84 — 2.º Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 14.º JUÍZO ANÚNCIO

FAZ-SE SABER QUE neste 14.º Juízo Cível de Lisboa e 3.ª Secção nos autos de Execução Ordinária n.º 1799 que SOCIEDADE DE REPRESENTAÇÕES BELTA, LDA, com sede na Rua Ilha de Porto Santo, 10-A, Loures, move contra JOSÉ ANTÓNIO DOS SANTOS FREIRE, residente na Praceta à Rua Tomás da Anunciação, 40-1.º - Esq.º — Odivelas, e no próximo dia 9 de Março, pelas 10.00 horas, serão de ser postos em praça para serem arrematados ao maior lance oferecido acima do valor indicado no processo diversos bens móveis.

LISBOA, 8 de Fevereiro de 1984

O Juiz de Direito

João Henrique Martins Ramires

O Escrivão-Adjunto

António Dinis Fernandes dos Santos

«D.L.»-16/2/84 — 1.º Pub.

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA 2.º JUÍZO ANÚNCIO

Proc. n.º 3830 1.ª Secção

Por este Tribunal correm editos de trinta dias, que comecem a contar-se da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando o rito a ser seguido em parte incerta e com última residência conhecida em R. Vale de Santo António, 225-2.º Dt.º em Lisboa, para no prazo de VINTE dias, findo o dos editos, contestar querendo, e o pedido da autora que consiste em vir a ser decretado o divórcio litigioso entre eles com o fundamento do disposto no artigo 1779.º do Código Civil.

Acção DIVÓRCIO LITIGIOSO, n.º 3830 1.ª Secção. O duplicado da Petição inicial encontra-se na 1.ª Secção deste Tribunal à disposição da ré REOLINDA RODRIGUES MOTA.

Lisboa, 7 de Fevereiro de 1984

O Juiz de Direito,

a) J. Abreu Martins

O Escrivão de Direito

(legível)

«D.L.»-16/2/84 — 2.º Pub.

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA 2.º JUÍZO ANÚNCIO

Proc.º 4025

FAZ-SE SABER que por este 2.º Juízo do Tribunal de Família de Lisboa 1.ª secção, e, na Acção de Divórcio Litigioso n.º 4025/82, em que é autor Domingos Dias Martins, residente na Rua das Gáveas, 42-3.º - Lisboa, move contra a R. MARIA BENTA FERNANDES PATACA DA CUNHA, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua das Gáveas, 42 - 3.º andar - Lisboa, correm editos de trinta dias, a contar da data da segunda e última publicação deste anúncio, citando-se a Ré, para no prazo de VINTE dias, findo o dos editos, contestar, querendo, e o pedido da autora que consiste em vir a ser decretado o divórcio litigioso entre eles com o fundamento do disposto no artigo 1779.º do Código Civil.

O duplicado da petição inicial, encontra-se na 1.ª secção deste Tribunal à disposição do rito.

Lisboa, 3 de Fevereiro de 1984

O Juiz de Direito

José Correia da Oliveira Abreu Martins

A Escrivã-Adj.

Gracinda Maria Martins do Couto

Venâncio

«D.L.»-16/2/84 — 1.º Pub.

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para a exploração em Portugal da patente de invenção n.º 71 099, para «PROCESSO DE AFINAÇÃO DE UM BANHO METÁLICO CONTENDO MATERIAS SÓLIDAS QUE PROVOCAM O ARRE-FECIMENTO».

Trata:

CLARKE, MOET & C.ª

Patentes e Marcas

Rua Castilho, 201-3.º Esq.

1000 LISBOA

VENDE-SE OU TRESPASSA-SE

Café em Lisboa

com grande área

Bem situado

T. 31 14 40

DESPORTO

Estoril, 1-Rio Ave, 1

Coração apostado na roleta

Extremamente apaixonante, contagiando de fio a pavio, o jogo na Amoreira revestiu-se de um cunho que, em certos momentos, chegou a roçar o dramatismo: porque o Estoril Praia, senhor e dono de meia dúzia de soberanas oportunidades para golo de consolidação no êxito, acabou por resvalar para o nulo e, num ápice, esteve tão perto da degola que muito boa gente está a estas horas sem acreditar no que seus olhos viram, especialmente quando, à porta do silvo final e em desespero de causa Manuel Abrantes (guarda-redes) foi lá à frente tentar recolher de cabeça um pontapé de canto e, falhando o sonho, deixou todo um meio-campo livre e rasgado para a progressão de N'Habola que, deslumbrado com a benesse, atirou desgaradamente, perante o quase KO da plateia estorilista. Em muitos e longos anos de futebol, nunca tinha visto um guarda-redes sair do seu meio-campo para tentar, lá na meta contrária, fazer golo decisivo: mas também é verdade que, numa situação daquelas, com o Rio Ave metido na portaria, até um santo de estar no altar perdia as estribeiras e, perante a falta de pontaria dos colegas, iria tentar ficar para a história. Só que o Diabo tece malhas vi-perinas: e o tiro ia saindo pela culatra, ao bom desse excelente guardião que é Manuel Abrantes.

Bem: digamos que, em termos de correcção e entusiasmos, o jogo foi bonito, passado que foi o período de estudo mútuo que chegou a ser desconsolo para o pagode. O Rio Ave parecia acantonado na defensiva e só pensando nisso: então, David Byrne abriu o livro e tornou-se (apenas e só) no melhor futebolista estrangeiro que veio para Portugal nos últimos tempos. Um nome que pode estar dentro de semanas no topo da cobiça, se é que não foi já arregimentado para mudar de ares. Um espectáculo fascinante: de entrega à luta, de condução de bola, de domínio táctico e técnico, apenas espantando como é que os grandes colossos do nosso futebol andam para ali esbanjando o tutú e não sabiam que existia este britânico com coração latino e jogo de rei.

Num lance de laboratório, congeminado na oficina de Mário Wilson, Vieira abriu o activo: livre na ponta da área, endosse de José Pedro e tirão fulgurante do prolongador de uma figura grávida do futebol luso. Jogava-se havia 15 minu-



Amoreira: mais um lance ganho por David Byrne, a grande vedeta da turma estorilista

tos: e eram tantas as «chances» do Estoril aumentar o poderio que ninguém (excepto, certamente, Mourinho e seus moços) apostaria noutra carta, até porque Amílcar, no dia em que completava 30 anos, era um festival de bem dominar toda a concorrência, especialmente quando daquele centroremate de Carvalho que Abrantes não cortou e, aos pulinhos sobre o risco fatal, foi disparado da área em lance de esforço supremo pelo número quatro dos canarinhos. Só um jogador com toda a intuição e em plena posse dos reflexos físicos e psíquicos conseguiria evitar esse empate vila-condense.

E a primeira parte ofereceu-nos um Estoril que entrava com facilidade no reduto contrário, que tinha usufruído de três boas hipóteses para golo mas que, apanhado em contrapé, ficava ao alcance de Carvalho e Pires, sustentados por Brito e Sérgio que foram os reis da turma do campo da Avenida Baltasar do Couto.

Os artistas vieram do repouso com outro sentido: estorilistas como que a segurarem o marcador e vila-condenses atirados mais afoitamente para a primeira trincheira. A entrada

Magnífica arbitragem de Raul Nazaré (Setúbal) que foi bem ajudado por Lopes Galrinho mas duas vezes enrolado pelo fiscal António Jorge, que à frente da bancada levantou despropositadamente a bandeira em momentos de ataque perfeitos e legais. As equipas:

Estoril: Abrantes; Vieira, Barros, Amílcar e Teixeira; Luís Fernando (Cansado, 83); José Pedro, Garcêz (Rantanen, 58) e Tião; Vítor Madeira e David Byrne.

Rio Ave: Alfredo; Sérgio, Brito, Santana (Antero, 28) e Duarte; Carvalho, Adérito, Pires e Quim (Carlos Manuel, na 2.ª parte); N'Habola e Casaca.

Golos: Vieira (15 minutos) e Carvalho (86). Cartão amarelo para Duarte e Byrne, por contestarem decisões arbitrais.

desse carregador de pianos que é o finlandês Rantanen (que teima em não mostrar qualquer talento para ombrear com intérpretes como David Byrne) foi o erro inicial de Wilson: o rapagão, a quem a bola atrapalha que só visto, mesmo que não tenha essa vontade cai em cima das pessoas, empurra-as, arreda-as. E provocou um «livre» em zona tão perigosa que Carvalho não perdeu: corria-se o minuto 86 e o Rio Ave (depois de Luís Fernando, Vítor Madeira e José Pedro terem falhado mais «chances») ganhava o direito a prolongamento, tudo voltando ao princípio, ao nascer do mundo.

Vítor Madeira, perfeitamente a fazer ofício de corpo presente, a coxear que até um cegui-nho notava, bem pedia para ser substituído: mas o técnico mandou entrar Cansado, preferindo defender a todo o transe o golo de Vieira, só que o empate é que não estava nas suas cogitações e aí (erro 2), com um festival de golos perdidos, onde aconteceu nova mão cheia de momentos para pânico ou entusiasmo, não deixando de ser sintomático que, embora perdendo golos em série, o público estorilista tivesse aplaudido Byrne e seus pares,

especialmente a partir do instante em que Amílcar já funcionava como avançado-centro e Manuel Abrantes descobria vocação para ponta-de-lança...

Em termos emocionais, ninguém pode exigir mais: pelos vistos, aquela rapaziada não gosta de perder nem a feições. Tião e José Pedro, Teixeira e Vieira iam (igualmente) equiparando o seu cartaz ao quadrunvirato vila-condense já destacado. Mas, seria Byrne, depois seguido pelo aniversariante Amílcar, o «astro» do espectáculo, o caso muito sério para qualquer contrário e uma certeza de que, quem comprar bilhete para ver o Estoril, não deve perder pitada do que faz aquele demoníaco camisola oito.

Enfim: tudo para resolver em Vila do Conde, foi o prémio mais justo para a tenacidade dos alunos do correctíssimo e competente Félix Mourinho. Que, valha a verdade invocar-se, também não merecia sair reprovado deste exame perante uma equipa que, se não tem arriscado cedo de mais nas substituições e com outro galo cantando na altura do disparo fatal, estaria a esta hora ao sol estorilista sonhando com a «reprise» de 43-44, de quando foi finalista taceiro. Porém, está bem o que acaba bem: já pensaram, amigos da Costa do Sol, o que tinha acontecido se N'Habola copiasse Pelé no México?

NEVES DE SOUSA



Vieira: golo-esperança e um mar de abraços



Torres Vedras: Frasco e Bobó sob as vistas de Azevedo Duarte

“Taça”: Porto suou para passar

Disputaram-se três jogos referentes aos quartos-de-final da Taça de Portugal e um embate que conta ainda para a eliminação anterior (Elvas - Vizela) que definirá o próximo adversário do Sporting, a 6 de Março.

Apenas o Guimarães - Paços de Ferreira ficou esclarecido no tempo regulamentar: 1-0, tento de Eldon, aos 58 minutos. Em Torres Vedras, o Porto foi obrigado a prolongamento: só então Vermelhinho (94 minutos) obteve o tento das Antas. No Estoril, após um nulo (1-1) nos 90 minutos, a meia hora extra nada esclareceu: pelo que em Vila do Conde, na próxima 4.ª-feira tem lugar o desempate.

Recordemos as equipas de três partidas:

Elvas: Tozé; José Carlos, Manuel Correia, João e Ribeiro; Agatão, Alvaro e Canan (Beto, aos 45m); Marinho, Libânio (Carapinha, aos 105m) e José Fernando.

Vizela: Sérgio; Toni, Teixeira, Miguel e Berto; Perrichon (Roque, aos 115m), Faria e Baltasar; Cartucho, Pita, Maurício (Rochinha, aos 84m).

Arbitro: Veiga Trigo, de Beja, que esteve muito bem. Cartão amarelo a Baltasar, aos 71m. Beto, aos 77m. Alvaro, aos 63m. Perrichon, aos 103m e Ribeiro, aos 114. Cartão vermelho a Baltasar, aos 78m.

Eriksson e Toni estiveram a «espia» o vizelense Pita, mas saíram desgostosos com o nível de jogo apresentado pela turma nortenha, quase sempre remetida à defesa.

Torriense: Jorge; Toni (Toinha, aos 98m), Mário João, António Augusto e Armando; Rolão, Tozé, Braz e Mário; Arnaldo Silva (Diallo, aos 62m) e Alvaro.

F. C. do Porto: Ze Beto; João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Eduardo Luis (Costa, no início do prolongamento); Frasco, Rodolfo e Jaime Pacheco; Sousa, Bobó (Jaime Magalhães, aos 62m) e Vermelhinho.

Marcador: Vermelhinho (aos 94 m). Arbitro: Azevedo Duarte (Aveiro) que esteve bem.

Ação disciplinar: cartão amarelo a Braz (aos 60m).

Saliência muito especial para as exibições de Tozé, Jorge e Mário João (Torriense), Costa, Sousa e Vermelhinho (Porto).

Guimarães: Jesus; Gregório Freixo, Tozé, Murça I e Laureta; Paquito, Nivaldo e Dimas (Murça II, aos 45m); Fonseca, Eldon e Flávio.

Paços de Ferreira: Jacinto João; Dinis, José Manuel, Cerqueira e Casimiro; Carlos Alberto, Alves (Cremildo, aos 62m), Rogério (Barrigana, aos 76m) e Jorge; Xavier e Daniel.

Santos Ruivo (Santarém) rubricou uma boa actuação.

Uma falha de Cerqueira permitiu o solitário golo de Eldon.

Estoril visita Vila do Conde a 22 do corrente, jogando pelas 15 horas. As meias-finais terão lugar a 28 de Março, com encontro a sortear publicamente (no

programa «Domingo Desportivo», da RTP).

Castigos

O Rio Ave foi multado em 10 mil escudos («comportamento incorrecto por parte do público») e 19 futebolistas sofreram suspensões por um jogo: Futre (Sporting), Teixeira (Estoril), Jorge Gomes e Vando (Braga), Salgado (Espinho), Constantino, Carlos Ribeiro e Jorginho (Salgueiros), Eldon (Guimarães), Bruno, Coelho e Carlinhos (Boavista), Ferreira da Costa (Pena-fiel), Alfredo, Pires e Adérito (Rio Ave), Simão e César (Aguada) e João Pinto (F. C. do Porto).

Calendário muda

O jogo Boavista-Sporting, da 18.ª jornada do NACIONAL da 1.ª Divisão, foi antecipado para sábado, às 15 horas, no Estádio do Bessa. Também no sábado, às 15 horas, temos os seguintes encontros da 3.ª Divisão: Moreirense-Monção, Vilanovense-Marco, Tires-Santa Clara e Canaviais-Quimigal.

No domingo, foram alterados os jogos da 3.ª Divisão: Mirandela-Felgueiras, em Macedo de Cavaleiros, e Benfica Aguiar Short-Sintrense, enquanto o Mangualde-Sourense, em atraso, se realiza a 25 de Abril, às 16 horas. Os jogos de juniores entre o 2.º classificado da série «B» e o Braga e o Guimarães e o 1.º classificado da mesma série ainda não têm data marcada.

Futebol silencioso

Anote, leitor; pelas 15 e 30 do próximo dia 18, no campo J. Pimenta (Reboleira) efectua-se o II Portugal-Espanha em futebol silencioso.



Di Pace: homenagem

Miguel Di Pace: aquele que foi um dos maiores dominadores da bola que desfilaram pelo futebol português e, no Belenenses, implantou um estilo e venceu uma classe impar, veio até ao nosso país com a sua mulher (portuguesa) matar saudades dos amigos que deixou ao longo de uma carreira brilhantíssima. O maestro argentino é homenageado no sábado (pelas 20 horas) com um jantar no Restaurante Pátio Alfacinha (Rua do Guarda-Jóias, 44, à Ajuda, Lisboa) pretexto para reunir um belo bloco de intérpretes do futebol que deixaram em Belém um rasto de admiração.

TOTO BOLA

jogue conosco

Concurso n.º 7

Espinho-FC Porto	2
Boavista-Sporting	X
Sp. Braga-Aguada	X
Farense-Rio Ave	1
Penafiel-V. Setúbal	1
Varzim-Portimonense	1
Salgueiros-V. Guimarães	X
Famalicão-Leixões	X
Valdevez-Chaves	X
Beira-Mar-Académico	X
Amora-Olhansense	1
Sesimbra-Marítimo	X
Oliv. Moscardide-Belenenses	2

Portugal: juniores fazem espectáculo

Portimão assistiu a uma óptima actuação da turma de futebolistas juniores de Portugal, que bateram a Bélgica por 4-0 e abriram as mais risonhas perspectivas para (entre 25 de Maio e 3 de Junho) estarem na fase final do campeonato europeu, que vai ocorrer na URSS. Há ainda que efectuar o jogo da 2.ª mão da eliminatória (na Bélgica) mas as mais risonhas hipóteses estão ao nosso alcance dado o rotundo êxito dos pupilos de José Augusto sob o sol algarvio.

Ontem, houve rapazes que mereceram 20 valores: Futre, Eugé-

nio, Carlos Manuel, Litos, Mitó, Ferrinho, Júlio Sérgio, Seca e Samuel. A garantia de que está já fora do embrião a futura selecção portuguesa de seniores.

PORTUGAL: Sérgio; Eugénio, Germano, Carvalho e Carlos Manuel; Mitó, Ferrinho (Samuel, aos 61 m.), Caetano e Futre; Litos e Júlio Sérgio (Seca, aos 40 m.).

Marcadores: Mitó (aos 14 m.), Litos (aos 45 m.), Eugénio (aos 56 m.) e Futre (aos 66 m.).

BÉLGICA: Bergibont; Marchoul, Demol, De Groot e Dubus; Verdonck (M'Muyuy, aos 73 m.), Machiels, Varrichio (Emmers, aos 61 m.) e Vereycken; Wittebol e De Grijse.

Arbitro: Sanchez Armínio (Espanha) que teve actuação excelente. Foi acompanhado por Francisco Silva e Fernando Mendes.

Cartão amarelo a Marchoul (aos 54 m.), cartão vermelho a Demol (aos 58 m.), por agressão a Seca.



DESPORTO

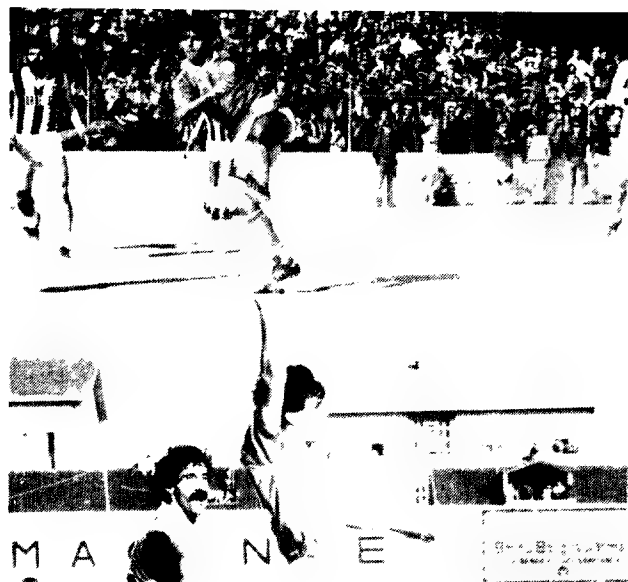
ponta esquerda

Seleção vai ter livro

No maior sigilo, assim a modos que para fazer grande surpresa ao pagode, a Federação de Futebol está a preparar um livro onde, em prosas bonitas, vão ficar registadas todas as etapas do «team» que defenderá o luso-pontapé na bola em terras francesas. Ontem, aproveitando a estadia dos jogadores portistas em Torres Vedras, foram até lá benfiquistas e «leões» para fotos comandadas pelo nosso competente colega Nuno Ferrari. Aliás, outro elemento do prezado camarada «A Bola» (Bruno Santos) anda em grande azáfama, tratando das estadias, treinos e viagens dos portugueses no país tricolor.

Amadora: público foi árbitro

Continua fértil em casos insólitos o nosso futebol. Agora, aconteceu no jogo (oficial) de reservas entre o Estrela da Amadora e o Olivais e Moscavide (4-1): o trio de arbitragem foi constituído por simples espectadores que se ofereceram para o desempenho da tarefa. Os nomes para a história: Fernando Gomes, Vítor Paiva e Fernando Ribeiro.



Diamantino: golo e festa

Fisco belga implacável para clubes e jogadores

O escândalo financeiro em que se encontram envolvidos o presidente do Antuérpia (Eddy Wauters) e o ex-futebolista Jeff Jurion, obrigaram à intervenção do presidente da Federação Belga de Futebol. Louis Wauters, afirmou que irão ser tomadas todas as precauções possíveis para evitar negócios sujos, controlando ao máximo as transferências de jogadores.

Eddy Wauters e Jeff Jurion, presos há cerca de uma semana acusados de evasão fiscal em várias transferências de futebolistas. Provou-se já que Wauters e Jurion, presos preventivamente por um mês, utilizavam as suas contas pessoais no Liechtenstein e na Suíça as quais escapam ao controlo do fisco belga. O circuito do dinheiro paralelo, para fuga aos impostos, é facto conhecido na sociedade belga, pelo que não surpreende que apareça também no futebol.

Inglaterra: Liverpool finalista da Taça da Liga

O Liverpool qualificou-se para a final da Taça da Liga de Inglaterra ao vencer a equipa do Wall-sall, da 3.ª Divisão, por 2-0. No jogo da primeira «mão», as equipas tinham empatado a duas bolas em Liverpool.

Interessa a Portugal

Em jogo de carácter particular, a RFA (que será um dos adversários de Portugal no Campeonato da Europa) venceu ontem a Bulgária por 3-2. O encontro realizou-se em Varna e os alemães foram os primeiros a marcar, por Stielike (aos dois minutos) tendo Rudi Voeller feito o 2-0 (aos 51 minutos) para Stielike.

de novo (aos 74) chegar aos 3-0, marcando os búlgaros por intermédio de Iskenov (aos 77 e 79 minutos).

Restelo com finlandeses

Para apresentação do brasileiro Sousa, o Belenenses defronta, a 23 do corrente (21 horas), no Restelo, os finlandeses do Haka.

Sparta em Alvalade

Pelas 21 horas de 22 do cor-

rente, em jogo particular, o Sparta de Praga actua em Alvalade, perante o Sporting.

Atenção, Porto!

O clube soviético Chaktor Donetsk, adversário do FC Porto nos próximos dias 7 e 21 de Março (nos 4.ªs de final da Taça dos Vencedores de Taças) derrotou, em Leverkusen, em jogo particular o Bayer Leverkusen, por 1-0.

Madeira: mais estrangeiros

O Nacional da Madeira continua a reforçar o seu «team»: ontem, para o Funchal, voaram um futebolista inglês e outro brasileiro, recrutados por intermédios do empresário Zubaída.

Bingo nas colectividades

Na mira está o lucro no alvo mora a ruína

Governantes de recente passagem por S. Bento e alguns dos deputados que por lá continuam (raras vezes a assumir a defesa do geral interesse da população) aprovaram, em tempo recente, a legislação da exploração, por certas entidades (ditas de «utilidades públicas»), do jogo do bingo. Uma decisão com duplo objectivo: recolher de certos bolsos mais umas notas para o débil cofre do Banco de Portugal e acorrer à desesperada situação financeira de umas tantas colectividades, nem sempre administradas de harmonia com os princípios de gestão, e raros serão os casos, em que a técnica económica se sobrepõe ao empirismo.

O bingo (que é, na sua essência, um jogo de azar) estava restrito a área dos casinos, ainda que, à revelia da lei, por aí se jogasse na esfera da clandestinidade. Consta-se que essa actividade era o suporte económico de certas colectividades desportivas, o que significava a ausência do Estado nos seus deveres de apoiar a educação física e, em muitas circunstâncias, fazia esconder a insuficiência de dirigentes clubistas quanto aos fundamentos e função social da agremiação do seu emblema.

Bingo que surge com lucro na

mira: mas que (pressentimos) tem a ruína como alvo. Haverá compensação para o risco? Decididamente, para nós, não. A legalização do bingo é, socialmente, bem mais grave de que a despenalização do aborto: e se esta gera por aí estéril confusão, a outra apenas mereceu contestação dos sensatos e bons zeladores do bem público.

Sendo certo que os clubes de desporto vão embolsar alguns lucros pela via do «jogo de mesa» é inevitável de que irão surgir algumas desgraças pessoais, muitas convulsões familiares e imprevisíveis consequências de ordem socioprofissional sendo (infelizmente) bem co-

nhecido o estado calamitoso da nossa vida económica, fácil é constatar que o jogo de azar é a bóia de salvação a que muitos grudam a sua desesperada ilusão. A lotaria esgota e o totobola cresce de apostadores. É esse o barómetro mais fiel da miséria dum povo. E porque assim é, venha o bingo!

As colectividades irão continuar a viver com o costumeado pavor e muitas serão as famílias com menos pão (o consumo começou a diminuir e o preço vai subir) e mais degradação. Oxalá aqui tenha expressado um qualquer equívoco.

Alves Henriques

Badminton: Portugal-Espanha

Cinco representantes do Badminton Clube de Portugal estão seleccionados para o encontro Portugal - Espanha (em badminton) a realizar, sábado, no Pavilhão do Estrela Vigorosa Sport (Porto).

O encontro é de carácter particular e disputa-se nas categorias de juniores e seniores para ambos os sexos.

Na equipa júnior eis os selec-

cionados: femininos: Paula Sousa (Clube Recreativo Estrela Avenida), Flor Silva (CDUL), Helena Franco (Clube Stella Maris) e Elsa Viana (Clube Stella Maris). Masculinos: Arménio Lopes (Clube Stella Maris), Vítor Lapa (Clube Stella Maris), António Canhoto (Clube Recreativo Popular Encarnação), Jorge Santos (A. A. Coimbra), Ricardo Melo (Clube Galitos Aveiro) e Manuel Machel (Clube Badminton Gali-

tos).

Os seniores femininos seleccionados são: Ana Monteiro, Catarina Batista, Rosário Cavaca (todas do Badminton Club Portugal) e Filipa Nesbitt (CDUL). Masculinos: Jorge Cruz e José Brandão (Badminton Clube Portugal), António Crespo e António Moura (Clube Recreativo Estrela Avenida), Jorge Azevedo e Diamantino Pereira (Estrela Vigorosa Sport).

Placard

Sarajevo: medalhas

O quadro de medalhas do XIV Jogos Olímpicos de Inverno, após as finais disputadas na 8.ª jornada é o seguinte:

País	Ou.	Pr.	Br.	T.
RDA	7	7	5	19
URSS	3	7	7	17
Noruega	3	1	3	7
Finlândia	2	3	4	9
RFA	2	1	—	3
Suécia	2	—	1	3
EUA	1	2	—	3
Canadá	1	—	1	2
Grã-Bretanha	1	—	—	1
Itália	1	—	—	1
Suíça	1	—	—	1
Checoslováquia	—	1	1	2
Japão	—	1	—	1
Jugoslávia	—	1	—	1
França	—	—	1	1
Liechtenstein	—	—	1	1

Máximos

Natação

O soviético Sergei Zabolotnov bateu (em Moscovo) o recorde da Europa dos 200 metros costas, fazendo 2 min. 00 seg. e 39 centésimos, durante os campeonatos da URSS. Anterior recorde: 2 min 00seg. 42 cent. que pertencia a ele próprio desde 4 de Julho último, em Edmonton, Canadá). É a seguinte a cronologia do recorde 2.01.87: Roland Matthes (RDA) 06/09/1973 Belgrado (Jugoslávia); 2.01.78: Sándor Wladar (Hung) 13/03-1980 Budapeste (Hungria); 2.01.72: Sándor Wladar (Hung) 28/06/1980 Budapeste (Hungria); 2.00.80: Sándor Wladar (Hung) 12/09/1981 Split (Jugoslávia); 2.00.65: Vladimir Shemetov (URSS) 81/03/1983 Kharkov (URSS) 2.00.42: Serguei Zabolotnov (URSS) 04/07/1983 Edmonton (Canadá); 2.0.39: Serguei Zabolotnov (URSS) 15-02/1984 Moscovo (URSS).

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 7 DE 19 FEVEREIRO 84

Gazeta de Felgueiras: 2X1 111 XXX X1X2; Cardeal Saraiva: 221 121 XXX X1X2; Real Totobola: 2X1 1XX 122 X122; O Distrito de Setúbal: 221 12X 12X XX22; O Diário: 2X1 1X1 1XX 2, 12; Correio de Coimbra: 2X1 1X1 1XX 2122; Correio do Vouga: 221 1XX X2X 11X2; Defesa de Espinho: 1X1 11X 2X2 X122; Jornal a Defesa: 2X1 1X1 XX1 X122; Ecos do Cacia: 221 1X1 X2X X112; Jornal Estrela da Manhã: 2X1 XX1 X1X 2122; Eu Sei Tudo: 211 1X1 112 X222; Folha do Domingo: 2X1 1X1 11X 21X2; Jornal da Beira: 2X1 111 X12 2122; O Jornal da Lixa: 221 1X1 XXX X1X2; Jornal de Sintra: 2X1 11X X1X 2X22; Jornal Linhas de Elvas: 121 121 1XX 2X12; Manchete Desportiva: 111 111 11X X211; Maria da Fonte: 211 1X1 1XX 2XX2; Notícias de Chaves: 2X1 X11 X1X X122; Notícias de Felgueiras: 2X1 1X1 XXX 1XXX; Notícias de Gouveia: 2X1 1XX X12 2122; Notícias de Guimarães: 2X2 XX1 X2X 112X; Penalti: 111 111 112 2X11; Rádio Alentejo: 2X1 1X1 2XX

122; Reconquista: 2X1 121 1X2 2122; RDP/Secção Desportiva: 221 11X XX2 2122; Jornal «A Voz das Beiras»: 221 2X1 122 2X22; A Voz do Domingo: 2X1 1X1 1XX 22X2; Voz de Lamego: 211 111 X12 11X2; RDP/Tempo de Desporto: 2X1 1X1 11X X122; Música e Não Só: 211 11X X12 2122; Jornal do Sul: 221 112 2XX 1122; RDP/Ponto de Encontro: 221 XX2 X1X 22X2; O Jornal de Amarante: 211 111 XXX 2122; RDP/Reportagens Exteriores: 221 111 X1X 21X2; RDP/Clube da Manhã: 2X1 1X1 X11 2122; RDP/Manhã Manhã: 2X1 1XX 112 X122; O País: 221 12X X11 2XX2; RDP/Programa da Manhã: 2X1 X1X 2X1 11X1; A Cor do Som: 2X1 221 X1X 2X21; Pontapé de Canto: 221 XX1 XX2 212X; A Comarca de Arganil: 2X1 1X1 X1X 2X22; Diário de Viseu: XX1 111 XX2 2X22; Notícias do Douro: 211 1X1 1X2 X122; Notícias de Évora: 221 1X1 XXX X1X2; RDP/Centro-Desporto em Análise: 2X1 XX1 X1X 2X2X; Jornal a Voz de Palmela: 11X 22X 21X 2122; O

Mensageiro: 2X1 1X1 X22 X222; Notícias de Viseu: 221 X11 XXX X12X; Rodapé: 211 121 1X2 2XX2; «Diário de Lisboa»: 2X1 X11 XXX X1X2; O Emigrante: 2X1 1XX X21 22XX; Bão Repórter: 221 1X1 12X X122; Jornal «1X2»: 2X1 111 1XX 21XX; Alvo Desportivo: 2X1 1X1 111 11XX; O Comércio de Leixões: 2X1 1X1 X2X XXX2; Estúdio 64: 221 111 2X1 X1X1; Jornal de Gaia: 2X1 X11 XXX X2X2; Jornal da Graça: 221 122 212 2X12; Jornal de Notícias: 221 XX1 1XX X1X2; Jornal O Porto: 211 1XX X1X 2X22; O Primeiro de Janeiro: 221 1X1 21X 21X2; Quadrante Norte: 211 111 XXX 11X2; Rádio Alvo: 211 X1X X1X 2X21; Rádio Placard: 111 111 111 1111; Rádio Sports: 211 111 X1X XXX2; Repórter do Dia: 2X1 111 XX1 21X2; Resenha Desportiva: 2X1 1X1 122 XX12; A Voz dos Ridículos: 211 111 112 2122; Voz do Ave: 211 XX1 112 2222; Jornal Vento Norte: 211 1X1 XXX 2122; Alvo: 2X1 1XX 112 111X; Alvo Suplemento: 2X1 XX1 XXX X1X2; A Ordem: 211 XX1 22X X122.

assim vai o

totobola

	R	E	S	U	M	O	B	O	L	A	S
	1	X	2	1	X	2	a)				
1. ESPINHO - PORTO	6	2	66	1	1	10					
2. BOAVISTA - SPORTING	19	34	21	3	6	3					
3. BRAGA - ÁGUEDA	72	1	1	10	1	1					
4. FARENSE - RIO AVE	57	14	3	9	2	1					
5. PENAFIEL - SETÚBAL	25	40	9	4	6	2					
6. VARZIM - PORTIMONENSE	55	16	3	9	2	1					
7. SALGUEIROS - GUIMARÃES	26	39	9	4	6	2					
8. FAMILICÃO - LEIXÕES	32	30	12	5	5	2					
9. VALDEVEZ - CHAVES	9	43	12	2	7	3					
10. BEIRA-MAR - ACADÉMICO	11	28	35	2	4	6					
11. AMORA - OLHANENSE	46	19	9	7	3	2					
12. SESIMBRA - MARÍTIMO	11	27	36	2	4	6					
13. O. MOSCAVIDE - BELENENSES	7	9	58	1	2	9					

a) - NOS TERMOS DO ART.º 14.º, DO REGULAMENTO GERAL DOS CONCURSOS, SE HOVER NECESSIDADE DE SORTEAR O RESULTADO DOS JOGOS NÃO REALIZADOS NA DATA DO CONCURSO AS BOLAS ENTRARÃO NA ESFERA DO SORTEIO NAS QUANTIDADES DO PRESENTE MAPA.-

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
2X1 1X1 X1X 2122

Se os jovens pudessem...



JAIME SIMÕES
16 anos
empregado de escritório

“Pagamos o mal que outros fizeram”

- Concorda que a RTP seja a única estação de televisão autorizada em Portugal?
- Não. Eu acho que devia haver maior diversidade.
- E o que ganhávamos com isso?
- Bem, como a RTP transmite sempre as mesmas coisas, sempre podíamos escolher...
- Sabe que a carne está mais cara e o dinheiro não chega para ela. Vamos comer o quê?
- Parece-me que não se pode passar sem comer carne....
- A este preço?...
- Pois é, a este preço...
- Então como resolve este problema?
- Olhe, era pôr a carne mais barata e as outras coisas também.
- É uma alimentação sem carne ou peixe é solução?
- O vegetarianismo? Para mim, não é solução.
- Não gosta de arroz e vegetais?
- Gosto, mas comer sempre arroz e hortaliça era de mais.
- E comer sempre carne?
- Tem que se variar na alimentação...
- A inflação atingiu um novo recorde em Portugal. Qual é a sua opinião sobre isso?
- A situação é muito má, e nós devemos muito dinheiro ao estrangeiro. Ainda havemos de pagar o mal que outros fizeram...
- E isso não está já a acontecer?
- Lá isso é verdade...
- Se você mandasse, qual era a sua solução?
- Não sei o que havia de fazer para mudar as coisas...
- Você concorda com o casamento?
- Concordo. E espero casar.
- Mas, acha que, para duas pessoas viverem, é necessário formalizar essa relação pelo casamento?
- Eu ponho a possibilidade de viver com uma pessoa sem ser pelo casamento.
- O que acha do divórcio?
- Pode ser uma maneira de resolver os problemas entre as pessoas.
- Gosta de viver na cidade?
- Gosto.
- Era capaz de viver na província ou no campo?
- Era capaz de passar uns tempos no campo, mas tinha de voltar à cidade.
- Porquê?
- É um ambiente a que estou habituado. Nasci aqui. Além disso, tenho aqui as minhas amizades...
- Concorda com o serviço militar obrigatório?
- Concordo. Acho que todos deviam fazer a tropa.
- Mas há quem seja contra a violência e o uso de armas...
- Só por se andar na tropa e ter armas, não quer dizer que haja violência. E, lá por haver guerras por aí não quer dizer que a tropa faça as pessoas violentas.

C. P.

Uma aventura de Valerian... e Laureline

METRO CHATELET, DIRECÇÃO CASSIOPEIA

Mezieres
Christin

6

ESTRANHO, PENSAR QUE ESSES POBRES IDIOTAS, INCONSCIENTES DO QUE OS AMEAÇA, CAVALGANDO PARA O METRO MATINAL...



... SÃO NOSSOS ANTEPASSADOS ...



EI-LO QUE CHEGA, E ACHO QUE, POR UMA VEZ, O ALBERT TRAZ UM AR EXTREMAMENTE POSITIVO...



DITO ISTO TENHO A IMPRESSÃO DE PATINAR E OS MÉTODOS BIZARROS DE ALBERT APENAS ME INSPIRAM UMA CONFIANÇA MITIGADA. AH, MAS...



AGORA É PRECISO QUE NOS DESFASEMOS, MINHA LAURELINE. SABES QUE ME CUSTA...



SEI, DESFASAMENTO. TOMA CUIDADO CONTIGO, PEQUENO...



ENTÃO, ESTÁ COM UM AR TODO COISO, SENHOR VALÉRIAN...

QUER DIZER, ESTAVA EM FASE COM...



AH, SIM, PERFEITO. E COMO ESTÁ A SENHORA? BEM? ENFIM, COMO EU DIGO SEMPRE, A CADA UM AS SUAS COISINHAS. MMM?



HÁ NOVIDADE, SENHOR VALÉRIAN...

ESTOU ANSIOSO POR SABER...

Copyright Dargaud/Meribérica

CONTINUA

Centro de Comunicação Social no Porto

O Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP) e o Centro de Formação de Jornalistas (CFJ) do Porto acabam de assinar, naquela cidade, um acordo de cooperação no âmbito da formação profissional de técnicos de Comunicação Social. Nos termos do acordo, o CFJ «propõe-se realizar um conjunto de acções destinadas quer a profissionais, quer a candidatos à profissão de jornalista», compreendendo, entre outros, cursos de reciclagem e actualização, técnicos de Comunicação Social, iniciação à comunicação social e seminários sobre técnicas de Comunicação Social.

Concurso internacional de violino

O Concurso Internacional de Interpretação Instrumental Rainha Isabel da Bélgica, reservado desta vez a violinistas, volta a realizar-se em Bruxelas, de 6 de Maio a 1 de Junho de 1985. Trata-se de uma manifestação do mais alto nível artístico, à qual podem concorrer violinistas de todas as nacionalidades, com a idade mínima de 17 anos e máxima de 31. Os pedidos de inscrição devem ser feitos pelo próprio candidato ou pelas entidades governamentais ou académicas do respectivo país e endereçadas até 15 de Janeiro de 85 ao Secretariat du Concours Musical International Reine Elisabeth - Rue aux Laines, 20-1000 Bruxelas - Bélgica. Os boletins de inscrição deverão ser pedidos, directamente, ao referido Secretariado do concurso, em Bruxelas. De acordo com a organização, «sendo acima de tudo uma verdadeira consagração musical, a admissão a este concurso interessa, ainda, pelo alto valor monetário dos seus prémios».

Barcelos sede de Turismo

A Câmara Municipal de Barcelos é uma das dez autarquias candidatas a sede da futura Comissão Regional de Turismo - soube-se junto de uma fonte municipal. A edilidade barcelense apresentou a sua candidatura no decorrer de uma reunião cujo objectivo era decidir questões fundamentais da futura CRT e que contou com a presença das autarquias de Amares, Barcelos, Braga, Terra do Bouro, Fafe, Guimarães, Póvoa de Lanhoso, Vieira do Minho, Vila Nova de Famalicão e Vila Verde. No decorrer do encontro, realizado no Governo Civil, o escultor Paulo Pina, da Direcção-Geral de Turismo, fez uma exposição acerca do nome «Verde Norte» e sobre este assunto os

autarcas presentes decidiram reexaminar este dossier. Entretanto constituiram um grupo de trabalho para apresentar proposta sobre a sede e aprovaram a composição da Comissão Regional (órgãos da região de turismo), constituída por oito elementos de vários organismos, associações e direcções-gerais. O regulamento para o funcionamento da comissão instaladora da futura Comissão Regional de Turismo foi também aprovado pelos participantes. À tarde, participou numa outra reunião, cuja ordem de trabalhos, alargada a todas as câmaras do distrito de Braga, teve três pontos essenciais: as comemorações do décimo aniversário do 25 de Abril, poluição do Rio Cávado e política florestal.

«Escrevi e revi a obra várias vezes. AGNES OF GOD via a luz da ribalta em várias capitais do mundo na temporada 80-81.

A história de AGNES OF GOD é como uma espécie de viagem empreendida por três mulheres. E pelo público também.

Viagem começada antes pelo autor e para a qual é necessária a ajuda e a companhia de todos, além duma inteligente compreensão. Como todas as viagens importantes é uma viagem difícil, inquietante, em que, como em todas as viagens que se iniciam com ilusão e fé, a nossa própria esperança nos conduzirá a um final feliz.

Viagem que é por si só um autêntico milagre».

John Pielmeier

Agnus Dei de Pielmeier continua no Trindade

Continua em exibição no Teatro da Trindade a peça americana de John Pielmeier, «Agnus Dei».

Alina Vaz, Alma Flora e Leonor Poeira são as intérpretes, a encenação é de Bento Martins e a realização plástica de Jorge Rocha.

Esta equipa conseguiu montar, num notável esforço, um es-

pectáculo pleno de emoção e beleza, conseguindo que o público se mantenha até final na maior expectativa.

Quem vencerá depois daquela longa e terrível discussão? A Igreja ou a Ciência? Quem matou aquela criança? Porque acontecem estas coisas?

A resposta talvez esteja em «Agnus Dei».



Leonor Poeira, Alma Flora e Alina Vaz

Teatro infantil em Almada: sábado à tarde é de borla

No próximo sábado, pelas 16 horas, na sala da Academia Almadense, o Grupo de Campolide vai abrir as suas portas livremente a todos os que quiserem ver «A Menina, o Gato e o Robot», de Joaquim Benite.

Esta foi a maneira como o Grupo de Campolide decidiu marcar a 100.ª representação deste seu espectáculo para a infância, velho de um ano, e que deu já 99 representações, das quais 43 no concelho de Almada,

já viajou por terras de Loures, Seixal, Lisboa e muitas outras. 37 500 meninos já se maravilharam com esta história de rainhas más e robots.

«A Menina, o Gato e o Robot» parte de uma história de Joaquim Benite que nos fala do «reino do não apetece», onde já não apetece mesmo viver. A única pessoa que lá havia para trabalhar era um lenhador, mas esse já nada podia fazer, pois estava muito velho. Na verdade, tam-

bém lá havia um gato, mas detestava estar a horas onde quer que fosse. Donde, o rei e a rainha não terem outro remédio senão mandar vir o robot da América.

«A Menina, o Gato e o Robot» é apenas uma das três criações para a infância que o Grupo de Campolide tem neste momento em cena. As outras duas, «1383 zinho» e «Fernão, sim ou não?» são ambas textos de Virgílio Martinho sobre temas históricos

e foram estreados no passado mês de Novembro.

«Fernão, sim ou não?», terá percorrido todas as escolas do concelho de Almada, quando terminar o presente período escolar. Para além de familiarizar a criança com uma figura histórica, o seu principal objectivo é despertar nela capacidades de expressão e dramática, em jogos que lhe são propostos.

Embora não sendo um Grupo exclusivamente virado para o

trabalho para a infância, a actividade do Grupo de Campolide neste campo quase que iguala o trabalho para o público adulto. A preocupação da continuidade na apresentação nas escolas de Almada é permanente. Qualquer criança de Almada assiste, pelo menos, a dois espectáculos por ano, só por iniciativa do Grupo de Campolide.

Dia 18 vamos então à Academia Almadense, ver «A Menina,

o Gato e o Robot». Desta vez não se paga nada, pode-se levar os amigos todos, mesmo os adultos, que com certeza não serão os primeiros a ficarem presos à cadeira, de olhos muito abertos.

«A Menina, o Gato e o Robot», apresentar-se-á depois, na sala do Grupo Desportivo dos trabalhadores do BESCL, na Rua D. Luís I, nos dias 23, 24 e 25, pelas 11 h e 16 h, para as crianças de Lisboa.

EXITO!EXITO!EXITO!

AQUI, NINGUEM É DONO DE SI MESMO!



A SELVA DE CIMENTO

(THE CONCRETE JUNGLE)

ALGO DE ESPANTOSO!

JILL ST. JOHN • TRACY BREGMAN
BARBARA LUNA • JUNE BARRETT
Realização de TOM DE SIMONE

3.ª SEMANA VOX

MUNDIAL FILMES MAIORES DE 18 ANOS

TEATRO ABERTO

novo grupo

APRESENTA

HOJE

ÀS 21,30



SUB. M.C. (12 anos)

A BOA PESSOA de SETZUAN
BERTOLT BRECHT

HORÁRIO

DE 3.ª FEIRA A SÁBADO ÀS 21,30
DOMINGOS - MATINÉE ÀS 16 H

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

HOJE ÀS 21.30

A SOBRINHA DO MARQUEZ

Comédia em três actos de

ALMEIDA GARRETT

Direcção e Encenação de
FERNANDA ALVES

com

**RUI de CARVALHO - VARELA SILVA -
CURADO RIBEIRO - CATARINA AVELAR
VIRGÍLIO CASTELO**

**VICTOR RIBEIRO - ANTÓNIO ANJOS - MANUEL
COELHO - MARIA AMÉLIA MATA - PAULA MORA
Luís Bandeira - Lúcia Maria - Carlos Pimenta**

ESPECTÁCULO NÃO ACONSELHÁVEL A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª FEIRA

NA SALA EXPERIMENTAL

ESTREIA AMANHA ÀS 21,45

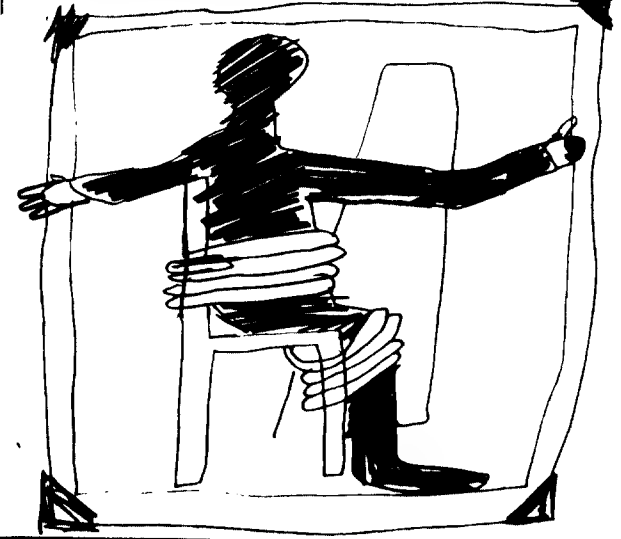
JOÃO D'ÁVILA E A POESIA

De 3.ª a sábado às 21,45 — domingo às 16,30 H
Desconto aos estudantes



TEATRO DO BAIRRO ALTO
R. Tenente Raúl Cascais 1A
1200 Lisboa
Tel: 661515,669205

teatro da Cornucopia



A MISSÃO

de

HEINER MÜLLER

ESTREIA HOJE ÀS 21,30 H

3.ª a sáb. às 21,30 h, dom. às 17 h

10.º Ano de Actividade da Companhia



SINDICATO DOS PROFESSORES

ZONA SUL

CONVOCATÓRIA

**Assembleia Geral
Extraordinária Descentralizada**

A pedido da Direcção do Sindicato dos Professores da Zona Sul, convoca-se para o dia 27 de Fevereiro de 1984 a ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DESCENTRALIZADA ao abrigo dos n.ºs 4.2.2 e 4.2.3 do Art.º III dos Estatutos, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

«Discussão e votação das formas de luta proposta pelo Secretariado da Federação Nacional de Professores».

Os locais e horas dos Plenários descentralizados são indicados posteriormente.

Evora, 10 de Fevereiro de 1984

O Presidente da Mesa da
Assembleia Geral
(Assinatura ilegível)



canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Falemos do "Pai Herói"

Dos benefícios e malefícios das telenovelas, já não paga a pena falar. Ou para resumir, segundo o que nesta crítica diária se tem dito: Telenovela diária é coisa maligna, pois é tanto mais maligna a droga quanto mais encurta o período da habituação. E neste caso tanto monta que ela seja portuguesa ou brasileira.

Claro, sendo as coisas o que são, melhor será que as telenovelas se inclinem mais para a qualidade do que para a mediocridade. Como diz a minha preclara amiga Catarina, como é que há pessoas que se drogam com haxixes, quando há drogas tão gostosas como o chocolate...

Passaram por aqui telenovelas de grande aceitação popular. Não se pode dizer o mesmo do **Pai Herói**.

E não me refiro, como matéria acusatória, àquele ou a este lance mais inverosímil, porque, nisto de inverosimilhanças, a vida não aceita lições de ninguém.

Aliás, a lógica de uma ficção está nela própria, não resulta, se a medirmos por um certo padrão «real». É errado dizer: «isto não presta porque na realidade nunca aconteceria».

A coisa presta ou não presta conforme atendermos à construção da história. Se eu disser **dois mais dois é igual a quatro**, a coisa presta, obedece à lógica mais simplista da história. Se eu disser **dois mais dois é igual a raiz**

quadrada de dois sessenta e quatro dividida por, também está certa, embora exija uma atenção maior, maior esforço para o encontro com a lógica interna da operação. Mas, se eu disser **dois mais dois é igual a sete, a coisa está errada** e não é porque o sete não seja um número bastante simpático, até com implicações cabalísticas. Está errada porque pura e simplesmente não obedece à lógica interna da operação.

Neste campo, repare-se que o **Pai Herói**, dentro do seu rocambolesco excessivo, se encontra perfeitamente organizado, entrelaçado, com as acções bem entrosadas. O actual desenvolvimento da acção, por exemplo, prende-se com um facto longínquo relacionado com a Valquíria. Aliás, uma personagem tão deusa, tão importante que há quem pense (decerto com bem fundadas razões) ter sido nela que Wagner se inspirou para a sua cavalcada.

Então, donde virá a incompatibilidade com o público? Melhor, donde virá a incomodidade?

A telenovela dura muito. Vários meses. **Pai Herói** vai nos oito. Habituo-me a ela. As personagens não as encontramos: convivem connosco. Tudo o que lhes acontece, acontece a alguém do nosso conhecimento. O público, em geral, pode aceitar

um «fim infeliz» nos filmes que duram hora e meia. Mas seria terrível o desgaste psicológico e emocional produzido pelo «fim infeliz» (o chamado «acabou mal») numa novela com quem convivemos durante meses.

Igualmente sucede que o público, para seu equilíbrio, precisa de saber onde estão os bons e os maus. O fenómeno do repúdio anda a par do fenómeno da simpatia. A rejeição apoia-se na aceitação. Mas quem é que o público espectador aceita nesta telenovela?

Que eu saiba ninguém. No «Pai Herói» todas ou quase todas as personagens mereciam ir parar à cadeia, por uma razão ou por outra. Façam as contas e vejam se não é

Por outro lado, as personagens centrais cometeram crimes graves que uma certa formação moral não perdoa. Carina é odiosa, cruel, e deixou que o desgraçado passasse dois anos na choça. Quem vai aceitar isto?

Quanto ao André, a decisão de viver com Ana Preta com o destino da mulher envolvido em mistério, teve todo o ar de um adultério ou, pelo menos, de uma leviandade. Apresta-se além disso com o ar de amante imaturo, o que não lhe favorece o «marketing».

E os maus? Os supostamente maus da fita? Esses, só o César (ah, que esplêndido actor, aquelas bebedei-

ras tão perfeitas, tão uísquicas! Vou procurar saber o seu nome) e mesmo assim, uma certa forma de simpatia infiltra-se sob a forma de piedade, **coltado** — ouve-se dizer — é muito bera, mas lá bom pai, isso tem de se dizer que é».

Com o Baldracci, o fenómeno assume aspectos tramados: o público simpatiza à brava com uma personagem diabólica: é um «gangster», um assassino contratado de assassínios, ladrao, vigário, desleal, carrasco, aldrabão, ridículo, safardana, mesquinho, enfim, um mostruário completo de vícios e de crimes...

Tudo porque nele há uma respiração humana, uma composição fabulosa de Paulo Autran tão dentro da personagem... que **matou** a personagem, à força de lhe dar vida. Faça ele o que fizer, os telespectadores não o rejeitam: não houve um único episódio em que ele não compa-recesse! Que o público simpatize com um criminoso é qualquer coisa de insólito, mas que o próprio público prefere cair nesse pecado mortal, a dispensá-lo.

Para as pessoas ficarem mais baralhadas, ontem, numa das cenas mais dramáticas, surgiu no topo da imagem o título «A fiscalização das taxas». Enquanto Valquíria chorava, a gente ria do desconchavo. Querem maior paradoxo? Maior mixórdia?

Hoje



Interpretado por Rock Hudson, Jack Scalia, Louis Giambalvo e Melinda Culea, exibe-se na RTP-1 mais um episódio da série policial «Devlin Connection»

Das 13.35 às 17.30 Ciclo Preparatório TV

18.02 Sumário

18.10 Janela Mágica

19.00 Teleregiões

19.30 Residência — Vila Nova de Gaia.

20.00 Telejornal

20.30 Telenovela — «Pai Herói».

21.15 «Devlin Connection» — intérpretes: Rock Hudson, Jack Scalia, Louis Giambalvo e Melinda Culea.

22.10 Panorama — NASA: 25 anos de explorações espaciais.

23.10 Últimas Notícias



19.30 Desenhos Animados

20.00 Passeios de Coimbra

— dedica-se este programa ao labor dos escultores e canteiros portugueses e estrangeiros.

20.30 Animação — nos anos 40, o estúdio da Metro Goldwyn Mayer

21.00 ... Da Música — cinco canções de Wagner.

21.30 Pierre Bonnard — este documentário do pintor Pierre Bonnard é a ilustração da narrativa daquilo que ele próprio chamou «O Diário de uma Viagem».

22.00 Telenovela — «Gabriela».

22.30 Último Jornal

A RTP-2 apresenta esta noite um documentário sobre Pierre Bonnard, a que ele chamou «O Diário de uma Viagem» (na foto, uma das suas pinturas)

Amanhã



12.00: Meio-Dia; 13.00: Jornal da Tarde; das 13.35 às 17.30: Ciclo Preparatório TV; 18.00: Sumário; 18.10: Janela Mágica; 19.00: Teleregiões; 19.30: Curso de Inglês — lições 1 e 2; 20.00: Telejornal; 20.30: «Pai Herói» — 164.º episódio; 21.15: Aplauso — com «Solid Gold/82» (1.ª parte); 22.15: Viva a Cultura; 23.00: Últimas Notícias

19.30: Desenhos Animados; 20.00: Conheça Melhor — danças indianas; 21.30: «Os Maniões da América» — 3.º episódio; 22.30: «Gabriela» — 91.º episódio; 23.00: Último Jornal

A TV dia a dia

O fascínio do cosmos nos 25 anos da NASA

Sabia que a exploração do espaço começou há 25 anos? O tempo de uma juventude somados todos os dias e anos, sucessos e fracassos da busca incessante dos segredos do Cosmos pelo homem.

Para assinalar os 25 anos de existência da NASA, a Televisão Portuguesa exibe esta noite no Primeiro Canal um «Panorama» de aniversário, a partir das 22.10: «NASA, 25 anos de explorações espaciais».

E a NASA o que é? Situado em Cabo Kennedy, nos Estados Unidos da América, constitui o principal centro da National Administration for Space and Aero-

nautica, organismo encarregado de realizar o programa espacial daquele país. Efectua ainda pesquisas sobre diferentes problemas aerodinâmicos e estudos técnicos de exigência imediata.

Desde que a «Laika» foi conhecer o espaço e avistou a Terra pelo lado de fora, muitos foram os passos dados pelo homem: grandes à nossa escala, insignificantes à dimensão cósmica.

Mas nem por isso é menos emocionante o recordar do dia em que o primeiro homem pisou a Lua. Foi a 20 de Julho de 1969, quando Armstrong e Aldrin pousaram o módulo «Eagle» no Mar

da Tranquilidade. As três horas, 56 minutos e 20 segundos do dia 21 de Julho, Armstrong pisava pela primeira vez a superfície lunar.

«Este é um pequeno passo para um homem, mas um grande salto para a Humanidade» disse. Acompanhado de Aldrin, colocou vários instrumentos científicos no local da descida e trouxe para a Terra pedras e amostras do solo lunar.

Para resolver operar esta viagem à Lua, foi necessário resolver três problemas fundamentais: imprimir a um veículo a velocidade e orientação necessárias para alcançar a superfície

lunar e regressar à Terra; dar aos veículos as características necessárias para suportar as condições invulgaes encontradas durante a viagem; e, finalmente, proteger os astronautas durante as várias fases da viagem, principalmente durante a sua estadia na Lua.

Hoje, com a utilização de naves espaciais que regressam à Terra e podem ser aproveitadas de novo, parecem longe estes tempos «pioneirísticos».

Mas todos sabemos que quase tudo continua a ser por descobrir, o fascínio do Cosmos continua a exercer o seu poder sobre nós.

Música, animação e pintura em noite «alternativa»

Música, cinema de animação e pintura, são alguns dos temas que pode hoje explorar no segundo canal.

Antes, porém, duas linhas para lhe sugerir que veja «Res Pública», um programa de investiga-

ção jornalística-sociológica, normalmente de interesse. Esta noite, a partir das 19.30, o espaço em análise no canal é a cidade de Vila Nova de Gaia.

O programa de Animação é dedicado aos anos 40 e aos estú-

dios da Metro Goldwyn Mayer. Nos tempos «heróicos» em que se procurava produzir desenhos animados bem estruturados, tanto do ponto de vista narrativo, como da capacidade técnica dos seus autores. Tudo isto e muito mais, é o que o espectador «fanático» desta linguagem narrativa poderá ver a partir das 20.30 horas, no canal 2, com os filmes «O Jardim da Vitória, de Rudolf Ising, «A Vigia do Urso», de George Gordon e «O Urso e o Feijão», de Michael Lah.

Para os amantes de Wagner, «Da Música» exibe às 21 horas «Cinco Canções de Wagner», inspiradas nos cinco poemas de

Mathilde Wesendoek, musicadas pelo compositor. A soprano é Elsa Saque e o pianista, Armando Vidal.

Meia hora depois, «Pierre Bonnard» estará em foco. Este documentário sobre o pintor Pierre Bonnard, é a ilustração da narrativa daquilo que ele próprio chamou «o diário de uma viagem, um bocadinho através da França, Bélgica, Alemanha e um bocadinho através de mim próprio».

Uma oportunidade de penetrar um pouco no mundo interior de Bonnard, e ele ver como ele reagia, desenhando aquilo que mais o tocava.

Dia 23 Lotaria especial de Fevereiro
48 000 contos apenas 3600\$00
4 000 contos apenas 300\$00
CASA VIOLA — A Sorte que «Toca»
LISBOA - BRAGA - S. JOÃO DO ESTORIL

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

«Devlin Connection» (21.15)

Pierre Bonnard (21.30)

Carina apresenta André aos seus amigos e eles tiram uma foto para uma revista. Carina diz a André que já jantou e vai ao teatro fazer uma reportagem. André janta com Angela e manda os empregados sentarem-se à mesa com ele. Carina chega a casa. E André discute com ela obrigando-a a usar o vestido e a aliança que lhe deu. No dia seguinte, Carina surpreende-se ao ver o bilhete de André pedindo a Maria que retire as suas roupas do quarto, pois ele passará a dormir no quarto ao lado do de Carina. Walkiria conta a Gustavo tudo sobre Helena. Ele dá-lhe apoio dizendo que ficará junto dela para sempre. Clara escuta Rafael dizer a Nuno que se vai embora de casa por causa do que ele e César fizeram com André e Carina.

Assistência Técnica Grundig NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Teatro

A **Cornucópia** estreia, esta noite, no Teatro do Bairro Alto, «A Missão», de Heiner Müller. Com este espectáculo a companhia marca o seu 10.º ano de actividade estreando, mais uma vez, um autor em palcos portugueses. As peças de Müller são consideradas como alta vanguarda e como uma crítica contemporânea ao teatro de Brecht. «A Missão» é traduzida por Anabela Mendes e encenada por Luís Miguel Cintra e Cristina Reis, autora também do cenário e dos figurinos. No espectáculo intervém o elenco da Cornucópia: Alda Rodrigues, Dalila Rocha, Márcia Breia, Raquel Maria, Francisco Costa, Gilberto Gonçalves, Luís Lima Barreto, Luís Miguel Cintra, Rogério Vieira, além de José Manuel Mendes.

A partir de hoje poderá ver o quarto espectáculo do **Novo Grupo**, intitulado «A Boa Pessoa de Setzuan», baseado na peça homónima de Bertold Brecht. Com encenação de João Lourenço, cenários e figurinos de António Casimiro, direcção gráfica de António Inverno, supervisão plástica de José Carlos Barros, guarda-roupa de Anahory, direcção de montagem de Manuel Vitoria, assistência de encenação de Jorge Gonçalves, luzes de António Mileu, sonoplastia de Jacinto Cardoso e António Reis, operador de luz António Marques, operador de som António Reis e assistência de palco de Agostinho Leite. A interpretação é de: Amílcar Botica, Anna Paula, António Montez, António Reis, Argentina Rocha, Artur Mendonça, Carlos Andino, Carlos Pisco, Carmen



Raquel Maria e José Manuel Mendes, num momento de ensaio de «A Missão» de Heiner Müller.

Santos, Fernanda Figueiredo, Francisco Pestana, Irene Cruz, Jorge Gonçalves, José Drummond, José Peixoto, Manuela Cassola, Mário Sargedas, Mário Viegas, Melin Teixeira, Rui Miguel, Tiago Vidigal, Vasconcelos Viana e Waldemar de Sousa. Diariamente, de terça a sexta-feira, às 21.30, e aos domingos às 16, no Teatro Aberto, à Praça de Espanha.

No auditório do **TELA** (Teatro Experimental de Leiria) poderá ver hoje, pelas 21.45, «O Mágico dos Contos», uma abordagem aos contadores e às histórias tradicionais, feito a partir de textos de Miguel António Pina, Maria Alberta Meneses, das histórias tradicionais e das «Mil e Uma Noites».

Cinema

Prossegue em Lisboa o **Ciclo de Filmes de Totó** organizado pela Cinemateca Portuguesa em colaboração com a Embaixada de Itália e

do Instituto Italiano de Cultura. Hoje, pelas 21.30, na sede da Cinemateca, à Rua Barata Salgueiro, será exibido «Totó em Apuros».

Numa organização da Frente Cultural Popular, com o apoio da Câmara Municipal de Loures, da Junta de Freguesia de Moscavide e da Direcção-Geral da Acção Cultural, será exibido esta noite na Casa da Cultura de Moscavide, R. António Maria Pais, 6-A, pelas 21.30, o filme «Sorrisos de uma Noite de Verão» de Ingmar Bergman. Entrada livre.

No Porto, o cineclube local, em colaboração com o Instituto Espanhol de Cultura, continua a apresentar uma **Retrospectiva do Cinema Espanhol**, com a projecção, pelas 21.30, de «Cristino de Vera», de Juan Gabriel Tharrats e «Un Invierno en Mallorca», de Jaime Carmino.

Ainda na cidade nortenha prossegue o Festival Internacional do Cinema Fantástico, **Fantassporto 84**, com a exibi-



Waldemar de Sousa, Carlos Pisco e Irene Cruz numa foto de ensaio de «A Boa Pessoa de Setzuan», de Bertold Brecht.

ção de «Tron», de Steven Spielberg.

Música

Manuel Pedro Nunes Santos interpreta hoje, a partir das 17.30, no Salão Nobre do Conservatório Nacional, canções de «Die Schöne Magelone», de Brahms.

No Teatro Gil Vicente, em Cascais, a **Orquestra Gulbenkian**, em colaboração com a Câmara Municipal de Cascais, leva a efeito, pelas 21.30, um concerto em que serão interpretadas obras de Mozart e Beethoven sob a direcção do maestro Manuel Teixeira. Serão solistas os jo-

vens canadianos Lara e Scott St. John.

Colóquio

Realiza-se hoje na Sociedade de Língua Portuguesa, das 18.30 às 20 horas, com entrada livre, um primeiro **Colóquio Sobre Culturas e Literaturas Africanas**, com o apoio do grupo GEAFRO do Instituto de Estudos Africanos da Faculdade de Letras de Lisboa.

Exposições

Pintura de **José Capeto** está em exposição a partir de hoje na Galeria do Diário de

Notícias, ao Largo do Chiado. Influenciado pelo seu Alentejo, após esta exposição dos seus quadros, patente até ao fim do mês, Capeto rumará para a Galeria Juana Mordó, de Madrid.

No Módulo, em Lisboa, continua patente ao público uma mostra de pintura da autoria de **Victor Costa**, num novo ciclo de exposições que pretende dar um panorama das artes plásticas do Porto.

Óleos de Jorge Duarte estão patentes ao público na Galeria Municipal de Arte, em Évora.

Charters de Almeida expõe escultura na Galeria S. Mamede, à Rua da Escola Politécnica, 167, em Lisboa.

TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA DE LISBOA
16.º JUÍZO

ANÚNCIO

Faz-se saber que por este Juízo e 3.ª Secção, correm editos de vinte dias, contados da data da publicação do segundo e último anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados António Simões da Silva e mulher Maria dos Anjos de Oliveira Simões da Silva, com última residência conhecida em Lisboa, na Rua Eduardo de Noronha, n.º 28, para no prazo de dez dias, posterior ao dos editos, deduzirem os seus direitos na execução n.º 1856 movida por Banco Português do Atlântico, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 10 de Janeiro de 1984
O Juiz de Direito (Estagiário)
(Fernando Manuel Machado de Oliveira)

O Escrivão Adjunto
(Amândio Taboada Trigo)
«DL» 16/2/84 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
6.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da afixação deste edital.

Execução sumária n.º 596, 3.ª Secção, sequestres — Technal Portuguesa-Sistema de Alumínio, Lda., execução — Divisor-Representações Lda., Rua do Campo Alegre, n.º 1142 — Porto.

Lisboa, 10 de Fevereiro de 1984

O Juiz de Direito
Regível

O Escrivão de Direito
Regível

«D.L.» 16/2/84 — 1.ª Pub.

rádio

Antena Um

17.00: ZGHIBZ; 18.30: Informativo de trânsito; 19.00: Informação e música; 20.00: Folhetim — o espaço é seu; 21.00: A viver também se aprende; 21.30: Viva a noite — Antena Um no Casino Estoril; 23.30: Último jornal. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.30: Que quer ouvir?; 17.00: Tratos e retratos; 17.40: Sinfonia em mi maior, op. 18, n.º 5, de Johann Christian Bach; 18.05: Música; 19.30: Música de todos os quadrantes; 20.10: Concertos; 21.05: Ópera comentada; 22.05: Música de bailado; 23.00: Ciclo Wagner; 01.00: Fecho. Notícias de hora em hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Musical; 20.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca (3 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora; 01.00: O passageiro da noite. Notícias de hora em hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Cinco estrelas; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto; 00.00: Dois pontos. Notícias de hora em hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do terço; 19.30: Horizonte; 20.30: Programa da LAR; 21.00: Ouvir e pensar; 22.00: Hora de música; 23.00: Diário 23; 23.40: Bola branca (3.ª edição); 23.55: Meditando. Notícias a todas as horas.

Desdobramento em FM Estéreo

22.00: Universidade na Rádio; 22.57: Boa noite; 23.00: A cor do som; 01.00: As superestrelas do FM.

Rede Sul de FM

21.00: Paju; 21.30: Pentagrama.

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13 963

HORIZONTAIS:

- 1 Apoiar. Cidade da Arábia.
- 2 Preposição. Que não abunda. Ouro (s.q.).
- 3 Pronome demonstrativo. Rezem. Rádio (s.q.). Cortarias rente.
- 4 Idem. Pedra de altar. Letra grega.
- 5 Ramada. Batráquio. Palavra grega que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses.
- 6 Platina (s.q.). Utensílio doméstico.
- 7 Tecido de linho ou algodão. Magnete natural.
- 8 Letra grega. Vidro de muito boa qualidade.
- 9 De pouca duração. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia.
- 10 Estima. Rio da Rússia. Arsénio (s.q.).

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9813

HORIZONTAIS:

- 1 Chuva miudinha. Qualidade.
- 2 Prendo. Camareiras. Solitário.
- 3 Patíbulo.
- 4 Caminhar. Níquel (s.q.). Cobalto (s.q.).
- 5 Elementanas.
- 6 O estudante mais distinto dum curso. Patrão. Letra grega.
- 7 Escavar. Ósmio (s.q.).
- 8 Reclusos. Era Cristá.
- 9 Freguesia do concelho de Guimarães. Extrair.
- 10 Pronome pessoal. Remaras para trás.
- 11 Carta de jogar. Untas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 962

HORIZONTAIS:

- 1 Jamaica. CCC.
- 2 Atormentara.
- 3 Nora. Lirios.
- 4 Ilo. Tamera.
- 5 Na. Sapo.
- 6 Arco. Tia. Se.
- 7 Rues. Nas.
- 8 Am. Pr. Coro.
- 9 Tolo. Cp. Tal.
- 10 Usa. Cassa.
- 11 Saloios.

VERTICAIS:

- 1 Jánina. Atum.
- 2 Atolaremos.
- 3 Moro. Lás.
- 4 Ará. Corpo.
- 5 Im. Ur. Cl.
- 6 Celeste. Cão.
- 7 Animais. Psi.
- 8 Trepa. Só.
- 9 Cairo. Notas.
- 10 Croa. Sara.
- 11 Cás. Resolve.

Provérbo: COMO VIVE O REI, VIVEM OS VASSALOS.

VERTICAIS:

- 1 Estar unido por aderência. Erra.
- 2 Mensalidade. Peixe do Algarve.
- 3 Consumira.
- 4 Escolha.
- 5 Nome de mulher. Calote.
- 6 Ouro (s.q.). Quebrar.
- 7 Filtrara. Um milhar.
- 8 Interjeição designativa de reprovação, ódio ou vingança.
- 9 Hospedaria oficial na China (inv.). Miriara. O mesmo que até.
- 10 Município. Cobertura.
- 11 O mesmo que uma (ant. pop. e inv.). Chinelos (prov.). Pelos de certos animais.

VERTICAIS:

- 1 Chefe entre os (indígenas) nas regiões da América. Nome de mulher.
- 2 Prender. Vantagens.
- 3 Código. Pessoas notáveis.
- 4 Caminho. Pencesas.
- 5 Associação de malfetores e de gatuos que existia na Sicília. Cidade do Japão.
- 6 Grande árvore da Índia. Clava. Distar.
- 7 Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Misturar.
- 8 Abreviatura de Santíssimo. Grande quantidade. Arara.
- 9 Dás aviso de alguma coisa em voz alta.
- 10 Ósmio (s.q.). Dinheiro (pl.).
- 11 Lentos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9812

HORIZONTAIS:

- 1 COMO. VIVE. O.
- 2 Oca. Vira. VS.
- 3 Matais. Grás.
- 4 Ma. Visasse.
- 5 Dás. Éter. Só.
- 6 Somara. As.
- 7 Alas. Me. Al.
- 8 To. Nabos.
- 9 Rn. Rs. Ocaso.
- 10 Ecoa. Or.
- 11 Ia. Sacaras.

VERTICAIS:

- 1 Com. Dra. REI.
- 2 Ocara. Lança.
- 3 Matassa.
- 4 Ostras.
- 5 VIVEM. OS.
- 6 Visitam. CC.
- 7 Ir. Sereno.
- 8 Vagara. Açor.
- 9 Rs. Abara.
- 10 VASSALOS.
- 11 Osseos. Sós.

COTAÇÕES DE NOTAS
CRÉDITO
PREDIAL
PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

ÁFRICA DO SUL (rand)	94\$80	100\$80
ALEMANHA FED (marco)	48\$90	50\$00
ÁUSTRIA (xelim)	6\$85	7\$05
BÉLGICA (franco)	2\$224	2\$424
BRASIL (cruzeiro)	\$0\$60	\$1\$10
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	105\$80	107\$80
(notas de 5 a 1000)	106\$30	108\$30
DINAMARCA (coroa)	13\$40	13\$80
ESPAÑA (peseta)	\$9\$17	\$9\$37
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	131\$85	133\$85
(notas de 5 a 1000)	132\$35	134\$35
FINLÂNDIA (marka)	22\$75	23\$35
FRANÇA (franco)	15\$85	16\$55
HOLANDA (florim)	43\$30	44\$30
INGLATERRA (libra)	190\$10	194\$10
IRLÂNDIA (libra)	151\$15	155\$15
ITALIA (lira)	\$0\$72	\$0\$82
JAPÃO (iene)	\$5\$37	\$5\$72
NORUEGIA (coroa)	17\$15	17\$65
SUÉCIA (co. se)	16\$40	17\$00
SUÍÇA (franco)	59\$70	60\$80
VENEZUELA (bolivar)	8\$15	9\$15

Observações:
1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
OS 101 DALMATAS
18.ª Semana

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92A

As 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.30
- M. 12 a.
COMÉDIA ROMÂNTICA

AVIS 547153

Av. Duque de Ávila, 45

As 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 16 a.
A ÚLTIMA VIRGEM AMERICANA

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
A FEBRE CONTINUA...
2.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
OS AVENTUREIROS DO FIM DO MUNDO

CASTIL 530194

R. Castilho

As 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 16 a.
FELIZ NATAL, MR. LAWRENCE

CINE BLOCO 556824

R. Pinheiro Chagas, 10

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO
As 24
PINK FLOYD THE WALL

CINE CAMÕES 324194

R. do Loreto, 15

As 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
OS CAMPEÕES DO RING

CINE 222 579460

Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
DIREITOS DE MÃE
c/ Amy Madigan
As 24
BULLIT

CINESTÚDIO LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

As 15.30 e 21.30 - N. ac. men. 18 a.
COMA

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2, Amadora

As 15.30 e 21.30 - M. 12 a.
O GOLPE DOS ENRASCADOS
c/ Geraldo Jugnot e Daniel Auteuil

CONDES 322573

Av. da Liberdade, 2

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
Uma história de amor e «suspense»
OS ABISMOS DA MEIA-NOITE
c/ Helena Isabel e Rui Mendes

2000 2100055

Av. B. Voluntários, lts 113/4

As 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
A NOVA DO INCRÍVEL HULK

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 12 a.
48 HORAS
3.ª Semana

ESTUDIO 555134

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
80.ª semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
8.ª Semana
O BOM CASAMENTO

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

As 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
- M. 12 a.
OS ABISMOS DA MEIA-NOITE
c/ Helena Isabel, Rui Mendes
e Canto e Castro

SALA 2

As 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45
SEM DEIXAR RASTO
- M. 12 a.

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
OS LARGOS HORIZONTES DA AVENTURA

LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

As 21.30 - N. ac. men. 13 a.
CINCO DIAS NUM VERÃO

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

As 14.15, 16.30 e 21.30
- M. 16 a.
O VIGILANTE
c/ Robert Sorster e Fred Williamson
As 24 - N. ac. men. 18 a.
PASSO DE DANÇA SOBRE UMA LÂMINA DE BARBEAR

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
ARMADILHA MORTAL

ODEON 328283/4

R. dos Condes, 12 a 20

As 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 18 a.
Um grito de angústia, de prazer e de
sadismo
A ÚLTIMA ORGIA DO III REICH

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

As 14, 16.30 e 21.30
- M. 6 a.
BATALHÃO DE COMANDOS
c/ James Ryan e Anneline Kriel
Colorido



«Alemanha no Outono» - realização colectiva de Fassbinder, Böll, Kluge, Schlöndorff e outros, em exibição no Quarteto

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Estreia às 21.30 - M. 12 a.
POLÍCIAS E LADRÕES
c/ Bud Spencer e Tomas Millan
As 15.30 e 18.30 - M. 16 a.
Últimas
A ÚLTIMA VIRGEM AMERICANA

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
O ESTRANHO MUNDO DE GARP
As 24
FEIOS, PORCOS E MAUS

SALA 2

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
48 HORAS
de Walter Hill
O DIA EM QUE O MUNDO ACABOU

SALA 3

As 14.15, 16.30, 19 e 21.15
- M. 16 a.
ALEMANHA NO OUTONO
As 23.30
UM ASSASSINO PELAS COSTAS

SALA 4

As 14.15, 16.30, 19 e 21.15
- M. 16 a.
FELIZ NATAL, MR. LAWRENCE
As 23.30

VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

As 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
CLIENTE MORTO NÃO PAGA CONTA
N. ac. men. 13 anos
As 24
A COLECCIONADORA

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Estreia às 21.30 - M. 12 a.
POLÍCIAS E LADRÕES
c/ Bud Spencer e Tomas Millan
As 15.30 e 18.30 - M. 16 a.
Últimas
A ÚLTIMA VIRGEM AMERICANA

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

As 14, 16.30, 19 e 21.30
MONTANHA ASSASSINA
c/ David Janssen e Tony Musant
Colorido

SÃO JORGE 579144/579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

As 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
COMÉDIA ROMÂNTICA

SALA 2

As 14, 16.30, 19 e 21.45
- M. 16 a.
REVELAÇÃO
2.ª Semana

SALA 3

As 14, 16.30, 19.15 e 21.45
- M. 12 a.
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA
9.ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, à E. Entre Campo, junto ao n.º 63

As 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.30
- M. 16 a.
EXPOSED, REVELAÇÃO
c/ Nastassia Kinsky e Rudolf Nureyev
Domingo às 11.15 - Para Todos
FESTIVAL PANTERA COR-DE-ROSA

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

As 15 e 18 - M. 12 a.
A VIDA É UM ROMANCE

TURIM 706666

E. de Benfica, 723-A

As 14, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
SEM DEIXAR RASTO

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, lote 879

As 15, 18.15 e 21.30
Maiores 18 anos
Ninguém é dono de si mesmo!
A SELVA DE CIMENTO
com Jill St. John e Tracy Bergman e Barbara Luna

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
AMOR E DINHEIRO
Filme de James Toback

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.45 (12 anos)
ALFA-2 - «Flashdance», às 21.15 (6 anos)
ALFA-3 - «A Febre Continua», às 21.30 (12 anos)
TIVOLI - «A Febre Continua», às 21.30 (12 anos)
OLÍMPIA - «Escravidão do Sexo», sessões permanentes (18 anos)
MUNDIAL - «A Última Virgem Americana», às 21.30 (12 anos)
TERMINAL - «Loucuras de um Casa», às 21.30 (12 anos)
RESTELO - «Reencarnações», às 21.30 (18 anos)
APOLLO 70 - «48 Hrs.», às 21.30 (12 anos)
CITY-CINE - «Feliz Natal, Mr. Lawrence», às 21.30 (16 anos)
LONDRES - «Classe», às 21.30 (16 anos)
CAPITÓLIO - «Calores de Mulheres», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA - «Totó em Apuros», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA - «A Noite Fatal», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «Mandingo 2», às 21.15 (18 anos)
OEIRAS - «Orelhas-Cine» - «Batalha de Argel», às 21.15 (13 anos)
SÃO JOÃO DO ESTORIL - «Cineclândia - «Violação», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL - «Casino» - «Os Supergé-nios», às 21.15 (12 anos)
ESTORIL - Palácio - «Medo Sobre a Cidade», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS - «Oxford» - «Flashdance», às 21.30 (6 anos)

Outra Banda

ALMADA - «Incrível» - «Firefox», às 21.15 (13 anos)
ALMADA - «Academia» - «Duelo no Missour», às 21.15 (18 anos)
TRAFARIA - «Pavilhão Jardim» - «Do-me Aqui Sr. Doutor», às 21.15 (13 anos)
ALMADA - «Cine-Estúdio» - «Poltergeist», às 21.30 (18 anos)

Linha de Sintra

CACÉM - «Cine-Estúdio Flores» - «Malandrões Caseiros», às 21.30 (16 anos)
MEM MARTINS - «Cine-Chaby» - «Grandes Combates», às 21.30 (18 anos)
SINTRA - «Carlos Manuel» - «Um Verão Indiano», às 21.30 (12 anos)

Porto

ERICEIRA - «Cineestúdio» - «O Último Herói do Apocalipse», às 21.15 (18 anos)
SÃO JOÃO - «Oficial e Cavaleiro», às 21.30 (18 anos)
RAIONE - «007, Operação Tentáculo», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT - «Os Abismos da Meia-Noite», às 21.30 (12 anos)
JULIO DINIS - «Malandrões Caseiros», às 21.30 (16 anos)
TERÇO - «100 Armas ao Sol», às 21.30 (13 anos)
BEBE - «Excessos», às 21.30 (18 anos)
PEDRO CEM - «Os Grandes Aventureiros», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO - «Auto-Stop Alucinante», às 21.30 (18 anos)
RIVOLI - «Os Abismos da Meia-Noite», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO - «A Força da Razão», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA - «As Armas», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE - «Querelle», às 21.30 (18 anos)
PASSOS MANUEL - «Nunca Digas Nunca», às 21.30 (12 anos)
FOCO - «Staying Alive», às 21.45 (12 anos)
COLISEU - «Christiane F.», às 21.30 (18 anos)
CARLOS ALBERTO - «Shinning», às 21.30 (13 anos)
LUMIERE-A - «Kru», às 21.30 (16 anos)
LUMIERE-L - «Operação Thor», às 21.45 (12 anos)
AGUIA D'OURO - «Gerações em Conflito», às 21.30 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ALTO DO PINA: Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (T. 8419121); **ALVALADE**: Roma, Av. de Roma, 85-B (T. 772466); **BAIRRO ALTO**: Labor, R. Diário de Notícias, 73-83 (T. 323428); **BENFICA**: **IGREJA** - **CEMITÉRIO**: Lisboa, R. Cláudio Nunes, 73-A (T. 703393); **CALVÁRIO** - **ALCANTARA**: Lúpi Nogueira, R. José Dias Coelho, 4 anos); **CAMPOLIDE**: Imperial, R. General Taborda, 28-30 (T. 680831); **CHELAS**: Benfica, E. de Chelas, 173-175 (T. 382241); **ESTEFÂNIA**: Universal, R. Actor Taborda, 5-7 (T. 554158); **MARQUÊS DE POMBALE**: Ribeiro & Castro, R. Braamcamp, 52-C (T. 543409); **MARTINS MONTE**: Taveres, R. da Palma, 194 (T. 863350); **OLIVAS SUL**: Higlens, R. Cidade de Vila Cabral,

teatros

Lisboa

TEATRO ABERTO - «A Boa Pessoa», às 21.30 (12 anos)
MARIA MATOS - «Annie», às 22.00 (6 anos)
BAIRRO ALTO - «Cornucópia» - «A Mis-são», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA - «Quem Me Acaba o Resto?», às 20.30 e 22.45 (16 anos)
D. MARIA II - «A Sobeirinha dos Marquês», às 21.30 (12 anos)
ABC - «Helena a Terrível», às 21.45 (13 anos)
VILLARET - «Super Silva», às 21.30 (12 anos)

PORTO

CAMPO ALEGRE - «Um Cálice de Porto», às 21.30 (13 anos)
REALEJO - «Café Teatro», às 21.45 (13 anos)
TEP - «Quase um Conto de Fadas», às 21.30 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA - «Ao que Nós Chegamos», às 21.30 (13 anos)

REFORÇO

AREIRO - **APEADERO**: Chinda, R. Agostinho Lourenço, 6-B (T. 890331); **CAMPO D'OURQUE**: Castro Fonseca, R. 4 de Infantaria, 28-A (T. 688857); **CAMPO PEQUENO** - **AVENIDA DE ROMA**: Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (T. 774920); **CARNIDE**: Leal Matos, R. Neves Costa, 33-35 (T. 780181); **IGREJA DE ARRONOS** - **CHILE**: Oriental de Lisboa, R. Alves Torgo, 2-B (T. 545079); **JERÓNIMOS**: Romêlo, R. dos Jerónimos, 14-C (T. 631699); **LUMIAR**: Patuleia, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332); **PAMPULHA** - **JANELAS VERDES**: Nazário Pinto, R. Presidente Arriaga, 39 (T. 667460); **SÃO SEBASTIÃO**: Sá da Bandeira, R. Marquês de Sá da Bandeira, 36-42 (T. 554672); **SAPADORES**: Bragança, R. dos Sapadores, 87-89 (T. 842725); **SÉ**: Santa Luzia, R. da Saudade, 2-B (T. 669831); **TIVOLI** - **RESTAURADORES**: Galénica, R. das Pretas, 12-14 (T. 322588); **BURACA** - **AMADORA**: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVASTO**: Nova, R. Açores, 11-A (T. 910305); **PONTINHA**: Cruz Correla, E. Santo Elói, 41-A (T. 992453); **PRIOR VELHO**: Matos, T. Prioras (T. 2519939).

Outra banda

ALMADA: Magalhães, R. Capitão Leirão, 8-B (T. 2750242). Permanente, **COVA DA PIEDADE**: Rainha Santa Soc. Fua Piedense, 50-A (T. 2294182). Até às 22 horas; **LARANJEIRO**: Moderna, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2293055). Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA**: Chal, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **SESIMBRA**: Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **LAVRADIO**: J.

farmácias

Linha de Sintra

AMADORA: Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 930019). Permanente; **NOVA**: R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Até às 22 horas; **DAMAIA**: Lemos, R. de Goa, 17-C (T. 971121). Permanente; **QUE-LUZ**: Pereira Dias, Monte Abraão (T. 965566). Até às 22 horas; **CAMARATE**: Nova da Charneca, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 251872). Até às 19 horas; **CACÉM**: Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T. 9240781). Permanente; **MEM MARTINS**: Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; **MERCES**: Ciano Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA**: C. de C. Lourenço, C. da Rinchoa, 38 (T. 920006). Até às 22 horas; **SINTRA**: Sines, Estetânia (T. 9230832). Permanente; **COLARES**: Abreja (T. 9290088).

MOSCAVIDE: Varela, Av. Moscavide, 44-B (T. 2518520). Permanente; **SACAVEM**: Maria, R. Salvador Alende, lote 2 (T. 2514368). Até às 22 horas; **LOURES**: Sávia, Av. da República, 29 (T. 2531240). Até às 22 horas.

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS
VILARINHA, R. da Vilarinha, 161.
LAPA, R. Antero de Quental, 211.
BONFIM, R. do Bonfim, 73.
GOMES CARNEIRO, R. de Cedofeita 348.
FERREIRA DE CARVALHO, R. do Bom Jardim, 354.

PERMANENTE

LUSO-FRANCESA, R. Sá da Bandeira 140, **SÃO JERÓNIMO**, R. de Santos Pousada, 622, **SAUDE**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 689, **CAMEIRA**, R. do Heroísmo, 90, **ALVES**, P. do Exército Libertador, 62.

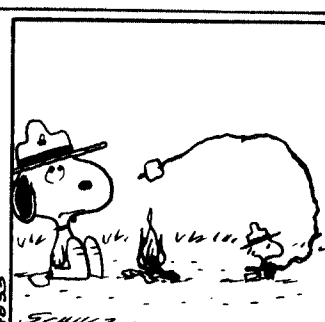
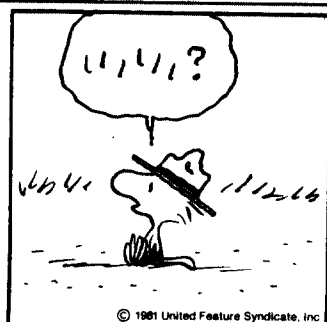
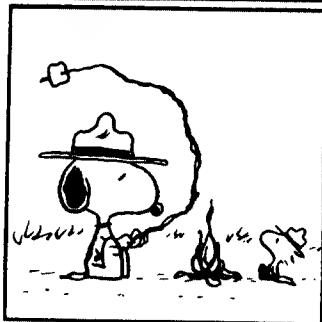
Coimbra

BATISTA, P. da República, 9 (T. 23747), **PAIVA**, P. do Comércio (T. 23231).



Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada 30-2º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição INTERPRESS
Rua do Norte 115-1º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



MARES DE HOJE			
PREIA-MAR	BAIXA-MAR		
2.30	4,2 m	8.21	0,7 m
15.00	4,1 m	20.34	0,8 m
		Dia 17	
3.16	4,4 m	9.05	0,6 m
15.44	4,2 m	21.18	0,7 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

VIANA DO CASTELO	0°
BRAGANÇA	-2°
VILA REAL	0°
PORTO	3°
COIMBRA	3°
CABO CARVOEIRO	7°
PORTALEGRE	7°
LISBOA	6°
EVORA	7°
BEJA	5°
FARO	6°
SAGRES	-
PONTA DELGADA	15°
FUNCHAL	14°

últimas

CINCO PORTUGUESES SE-QUESTRARAM uma jovem de Algeiras, de 18 anos, para a obrigá-la a casar com um deles. A mãe da jovem havia denunciado o rapto que teria sido praticado por quatro homens e uma mulher, todos de nacionalidade portuguesa, segundo lhe pareceu. A Polícia de Sevilha descobriu o automóvel utilizado e alguns ocupantes que correspondiam às características referidas pela mãe. Estão já presos um indivíduo de 40 anos, DSC com quem se encontrava sequestrada, um outro de 48 anos, RRM, que levava a espingarda usada para o rapto e uma mulher de 30 anos, DR, faltando prender o marido desta e outro português que tomou parte no crime.

EM AVEIRAS DE CIMA, perto de Vila Franca de Xira, quatro indivíduos armados de pistola e embuçados com passa-montanha, interceptaram um ourives quando este fechava o estabelecimento, se metia no automóvel para regressar a casa. Agredido e ameaçado foi forçado a voltar ao estabelecimento onde se apoderaram de mil contos de artigos em ouro. Entretanto um vizinho que veio em socorro do ourives foi também agredido bem como a sua mãe e todos sequestrados no ourivesaria até os assaltantes fugirem com o produto do roubo.

A COMISSÃO DE APOIO à construção da auto-estrada Porto-Famalicão-Braga foi recebida, ontem à tarde, pelo ministro do Equipamento Social, Rosado Correia. Foram analisadas as possibilidades de definição do traçado, a declaração de utilidade pública das áreas a expropriar e a opção quanto ao processo de concessão de exploração do empreendimento. Os elementos da comissão de apoio tomaram ainda conhecimento das alternativas mais viáveis ao empreendimento, registando-se consenso quanto à prioridade, sendo acordada nova reunião no próximo mês de Março para fixação e calendarização do empreendimento.

O NAVIO-TANQUE DINAMARQUÊS «Knud Tholstrup» teve que pagar uma caução de 6 mil contos para poder zarpar de Leixões, em consequência de ter poluído as águas do porto quando se encontrava atracado no posto do terminal de petroleiros. Amancha poluente foi detectada por uma equipa especializada no combate à poluição das águas e, desde logo, combatida e isolada. Os poluentes saíram por uma fissura existente num dos depósitos daquele navio-tanque, quando descarregava butano e propano.

UM CAMIÃO MILITAR CAPO-TOU, cerca das 6 e 30 desta manhã no 2.º Circular, tendo ido embater num poste e provocando a interdição do trânsito até às 8 e 30, entre o Campo Grande e Benfica. O condutor do veículo ficou ferido sem gravidade.

Emissora americana de Oeiras agita ondas da rádio

«A gota de água que fez transbordar o copo» chegou sob a forma de uma emissora militar norte-americana (v. «DL» de segunda-feira passada), do ponto de vista da Cooperativa de Profissionais de Rádio TSF. Por isso, Emídio Rangel e Eduardo Soares admitiram, ontem, em encontro com a Imprensa, que a TSF poderá iniciar «emissões piratas».

«Aquilo que está em causa são condições políticas de radiodifusão sonora e não condições técnicas» — afirmariam aqueles profissionais de rádio.

A «gota de água» apresenta-se-lhes como qualquer coisa de estranho, transcorridos que foram dois anos de indecisão governamental sobre o pedido que a TSF apresentou para concessão de uma frequência radioelétrica.

Em compensação, o ministro Viana Baptista viria a autorizar uma emissora em nome de al-

gumas centenas de militares da NATO que se encontram instalados em Oeiras. Mas a referida emissora acaba por atingir uma audiência potencial de quase dois milhões de habitantes (com 1 KW de potência), sendo que de facto foi transformada num meio de comunicação norte-americano. As emissões até são encerradas com o hino nacional daquele país.

A instalação legal de novas emissoras não teve como afluente único o caso desta emissora. Diriam ontem os elementos da TSF que a Rádio Renascença foi autorizada a instalar, desde 1981, 14 emissores, o que lhe proporcionou a melhor cobertura do País tanto em onda média como em frequência modulada. E não foi esgotado aqui esse tipo de autorização. Também o Rádio Clube do Centro, reconhecido como tendo ligações a personalidades do CDS, obteve permissão para dois emissores em Lisboa e no Porto.

«Não podemos permitir que as mesmas leis sirvam para negar um direito ou para concedê-lo, de acordo com preferências políticas», afirmaria Emídio Rangel.

A legalidade da decisão de Viana Baptista viria ainda a ser questionada pelos elementos da direcção da TSF. É que a competência legal para essas decisões está atribuída ao titular governamental do sector da Comunicação Social.

A possibilidade de haver corrupção neste processo ainda não foi afastada. E se existirem indícios suficientes, dizem os cooperantes, dirigir-se-ão à Alta Autoridade. Mas, para já, porão o problema no Supremo Tribunal Administrativo e provavelmente ao Provedor de Justiça.

Quanto à possibilidade de recorrer a emissões piratas, lembram os responsáveis da TSF que elas existem hoje um pouco em todo o País e até, normalmente, com o apoio dos autarcas respectivos.

O que vai ser da televisão?

O futuro da televisão é, por outro lado, a preocupação expressa pelo secretário de Estado das Comunicações em despacho recentemente formulado. Por isso, é criado um grupo de trabalho que estude «os previsíveis efeitos das novas tecnologias na área das telecomunicações, com especial incidência na actividade da radiotelevisão».

O grupo de trabalho tem três meses para apresentar a Raul Junqueiro propostas de regulamentação sobre aquela matéria, bem como o levantamento da situação existente quanto a retransmissores privados, análise respectiva e propostas de solução.

Acentuando que só a RTP, nos termos constitucionais, pode prestar serviços públicos de radiotelevisão, Raul Junqueiro salienta: «Não se pode ignorar a realidade — que hoje assume já significativas proporções — da

existência e funcionamento no País de retransmissores privados destinados a proporcionar a sectores localizados da população o acesso a programas com origem no exterior».

«É uma realidade» — acrescenta o despacho do secretário de Estado — «que, não podendo ser ignorada, teve que ser estudada em termos de conciliar o legítimo interesse das populações, por um lado, com a salvaguarda do interesse público e, sobretudo, com a defesa do Estado de Direito, que se não compadece com transigências perante situações ilegais».

Mas não termina aqui o conjunto de problemas que se põem: «A questão conexiona-se com o inevitável impacto que, já no curto prazo, vai ser sentido por força da evolução tecnológica no âmbito das telecomunicações — televisão por cabo, televisão directa por satélite».

O despacho, com data do dia 6, foi feito para entrar imediatamente em vigor.



Acidente nuclear nos EUA: 14 feridos, 2 em estado grave

Doze trabalhadores ficaram feridos e dois encontram-se em estado crítico no Hospital Memorial de Nevada do Sul em consequência de um acidente ocorrido quando se procedia a uma explosão nuclear subterrânea no

deserto do Nevada — informou a UPI. A telefoto UPI-NP mostra a entrada num hospital de Las Vegas de um dos sinistrados que não foi identificado. A plataforma onde estavam os operários caiu na cratera aberta pela explosão.

que ocorreu a 300 metros de profundidade. Um informador do Departamento de Energia dos EUA informou que os feridos não haviam sido afectados por radiações mas sofriam de traumas múltiplos e de fracturas.

A convite de Soares

Helmut Kohl visitará Lisboa

O chanceler alemão-federal Helmut Kohl, efectuará uma visita oficial a Portugal nos dias 28 e 29 de Março próximo anunciou hoje um porta-voz da chancelaria, em Bona.

Helmut Kohl, cuja visita é feita a convite de Mário Soares, também deve deslocar-se aos Estados Unidos em princípios de Março para ter conversações com o presidente Ronald Reagan, recordou o porta-voz. Março, recorda-se será também a altura em que Mário Soares se desloca aos EUA.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje na LOTARIA NACIONAL

- 1.º PRÉMIO - 13 351 - 36 000 Contos
- 2.º PRÉMIO - 29 863 - 6 000 Contos
- 3.º PRÉMIO - 62 267 - 3 000 Contos

A Sorte Grande e o 3.º Prémio foram vendidos aos Balcões da CASA DA SORTE

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - BRAGA - PORTO - AVEIRO - COIMBRA - SETUBAL - FARO

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

PRÉMIOS DE CONTOS

13.351, 29.863, 62.267, 16.520, 16.521, 16.522, 16.523, 16.524, 16.525, 16.526, 16.527, 16.528, 16.529, 16.530, 16.531, 16.532, 16.533, 16.534, 16.535, 16.536, 16.537, 16.538, 16.539, 16.540, 16.541, 16.542, 16.543, 16.544, 16.545, 16.546, 16.547, 16.548, 16.549, 16.550, 16.551, 16.552, 16.553, 16.554, 16.555, 16.556, 16.557, 16.558, 16.559, 16.560, 16.561, 16.562, 16.563, 16.564, 16.565, 16.566, 16.567, 16.568, 16.569, 16.570, 16.571, 16.572, 16.573, 16.574, 16.575, 16.576, 16.577, 16.578, 16.579, 16.580, 16.581, 16.582, 16.583, 16.584, 16.585, 16.586, 16.587, 16.588, 16.589, 16.590, 16.591, 16.592, 16.593, 16.594, 16.595, 16.596, 16.597, 16.598, 16.599, 16.600, 16.601, 16.602, 16.603, 16.604, 16.605, 16.606, 16.607, 16.608, 16.609, 16.610, 16.611, 16.612, 16.613, 16.614, 16.615, 16.616, 16.617, 16.618, 16.619, 16.620, 16.621, 16.622, 16.623, 16.624, 16.625, 16.626, 16.627, 16.628, 16.629, 16.630, 16.631, 16.632, 16.633, 16.634, 16.635, 16.636, 16.637, 16.638, 16.639, 16.640, 16.641, 16.642, 16.643, 16.644, 16.645, 16.646, 16.647, 16.648, 16.649, 16.650, 16.651, 16.652, 16.653, 16.654, 16.655, 16.656, 16.657, 16.658, 16.659, 16.660, 16.661, 16.662, 16.663, 16.664, 16.665, 16.666, 16.667, 16.668, 16.669, 16.670, 16.671, 16.672, 16.673, 16.674, 16.675, 16.676, 16.677, 16.678, 16.679, 16.680, 16.681, 16.682, 16.683, 16.684, 16.685, 16.686, 16.687, 16.688, 16.689, 16.690, 16.691, 16.692, 16.693, 16.694, 16.695, 16.696, 16.697, 16.698, 16.699, 16.700, 16.701, 16.702, 16.703, 16.704, 16.705, 16.706, 16.707, 16.708, 16.709, 16.710, 16.711, 16.712, 16.713, 16.714, 16.715, 16.716, 16.717, 16.718, 16.719, 16.720, 16.721, 16.722, 16.723, 16.724, 16.725, 16.726, 16.727, 16.728, 16.729, 16.730, 16.731, 16.732, 16.733, 16.734, 16.735, 16.736, 16.737, 16.738, 16.739, 16.740, 16.741, 16.742, 16.743, 16.744, 16.745, 16.746, 16.747, 16.748, 16.749, 16.750, 16.751, 16.752, 16.753, 16.754, 16.755, 16.756, 16.757, 16.758, 16.759, 16.760, 16.761, 16.762, 16.763, 16.764, 16.765, 16.766, 16.767, 16.768, 16.769, 16.770, 16.771, 16.772, 16.773, 16.774, 16.775, 16.776, 16.777, 16.778, 16.779, 16.780, 16.781, 16.782, 16.783, 16.784, 16.785, 16.786, 16.787, 16.788, 16.789, 16.790, 16.791, 16.792, 16.793, 16.794, 16.795, 16.796, 16.797, 16.798, 16.799, 16.800, 16.801, 16.802, 16.803, 16.804, 16.805, 16.806, 16.807, 16.808, 16.809, 16.810, 16.811, 16.812, 16.813, 16.814, 16.815, 16.816, 16.817, 16.818, 16.819, 16.820, 16.821, 16.822, 16.823, 16.824, 16.825, 16.826, 16.827, 16.828, 16.829, 16.830, 16.831, 16.832, 16.833, 16.834, 16.835, 16.836, 16.837, 16.838, 16.839, 16.840, 16.841, 16.842, 16.843, 16.844, 16.845, 16.846, 16.847, 16.848, 16.849, 16.850, 16.851, 16.852, 16.853, 16.854, 16.855, 16.856, 16.857, 16.858, 16.859, 16.860, 16.861, 16.862, 16.863, 16.864, 16.865, 16.866, 16.867, 16.868, 16.869, 16.870, 16.871, 16.872, 16.873, 16.874, 16.875, 16.876, 16.877, 16.878, 16.879, 16.880, 16.881, 16.882, 16.883, 16.884, 16.885, 16.886, 16.887, 16.888, 16.889, 16.890, 16.891, 16.892, 16.893, 16.894, 16.895, 16.896, 16.897, 16.898, 16.899, 16.900, 16.901, 16.902, 16.903, 16.904, 16.905, 16.906, 16.907, 16.908, 16.909, 16.910, 16.911, 16.912, 16.913, 16.914, 16.915, 16.916, 16.917, 16.918, 16.919, 16.920, 16.921, 16.922, 16.923, 16.924, 16.925, 16.926, 16.927, 16.928, 16.929, 16.930, 16.931, 16.932, 16.933, 16.934, 16.935, 16.936, 16.937, 16.938, 16.939, 16.940, 16.941, 16.942, 16.943, 16.944, 16.945, 16.946, 16.947, 16.948, 16.949, 16.950, 16.951, 16.952, 16.953, 16.954, 16.955, 16.956, 16.957, 16.958, 16.959, 16.960, 16.961, 16.962, 16.963, 16.964, 16.965, 16.966, 16.967, 16.968, 16.969, 16.970, 16.971, 16.972, 16.973, 16.974, 16.975, 16.976, 16.977, 16.978, 16.979, 16.980, 16.981, 16.982, 16.983, 16.984, 16.985, 16.986, 16.987, 16.988, 16.989, 16.990, 16.991, 16.992, 16.993, 16.994, 16.995, 16.996, 16.997, 16.998, 16.999, 17.000, 17.001, 17.002, 17.003, 17.004, 17.005, 17.006, 17.007, 17.008, 17.009, 17.010, 17.011, 17.012, 17.013, 17.014, 17.015, 17.016, 17.017, 17.018, 17.019, 17.020, 17.021, 17.022, 17.023, 17.024, 17.025, 17.026, 17.027, 17.028, 17.029, 17.030, 17.031, 17.032, 17.033, 17.034, 17.035, 17.036, 17.037, 17.038, 17.039, 17.040, 17.041, 17.042, 17.043, 17.044, 17.045, 17.046, 17.047, 17.048, 17.049, 17.050, 17.051, 17.052, 17.053, 17.054, 17.055, 17.056, 17.057, 17.058, 17.059, 17.060, 17.061, 17.062, 17.063, 17.064, 17.065, 17.066, 17.067, 17.068, 17.069, 17.070, 17.071, 17.072, 17.073, 17.074, 17.075, 17.076, 17.077, 17.078, 17.079, 17.080, 17.081, 17.082, 17.083, 17.084, 17.085, 17.086, 17.087, 17.088, 17.089, 17.090, 17.091, 17.092, 17.093, 17.094, 17.095, 17.096, 17.097, 17.098, 17.099, 17.100, 17.101, 17.102, 17.103, 17.104, 17.105, 17.106, 17.107, 17.108, 17.109, 17.110, 17.111, 17.112, 17.113, 17.114, 17.115, 17.116, 17.117, 17.118, 17.119, 17.120, 17.121, 17.122, 17.123, 17.124, 17.125, 17.126, 17.127, 17.128, 17.129, 17.130, 17.131, 17.132, 17.133, 17.134, 17.135, 17.136, 17.137, 17.138, 17.139, 17.140, 17.141, 17.142, 17.143, 17.144, 17.145, 17.146, 17.147, 17.148, 17.149, 17.150, 17.151, 17.152, 17.153, 17.154, 17.155, 17.156, 17.157, 17.158, 17.159, 17.160, 17.161, 17.162, 17.163, 17.164, 17.165, 17.166, 17.167, 17.168, 17.169, 17.170, 17.171, 17.172, 17.173, 17.174, 17.175, 17.176, 17.177, 17.178, 17.179, 17.180, 17.181, 17.182, 17.183, 17.184, 17.185, 17.186, 17.187, 17.188, 17.189, 17.190, 17.191, 17.192, 17.193, 17.194, 17.195, 17.196, 17.197, 17.198, 17.199, 17.200, 17.201, 17.202, 17.203, 17.204, 17.205, 17.206, 17.207, 17.208, 17.209, 17.210, 17.211, 17.212, 17.213, 17.214, 17.215, 17.216, 17.217, 17.218, 17.219, 17.220, 17.221, 17.222, 17.223, 17.224, 17.225, 17.226, 17.227, 17.228, 17.229, 17.230, 17.231, 17.232, 17.233, 17.234, 17.235, 17.236, 17.237, 17.238, 17.239, 17.240, 17.241, 17.242, 17.243, 17.244, 17.245, 17.246, 17.247, 17.248, 17.249, 17.250, 17.251, 17.252, 17.253, 17.254, 17.255, 17.256, 17.257, 17.258, 17.259, 17.260, 17.261, 17.262, 17.263, 17.264, 17.265, 17.266, 17.267, 17.268, 17.269, 17.270, 17.271, 17.272, 17.273, 17.274, 17.275, 17.276, 17.277, 17.278, 17.279, 17.280, 17.281, 17.282, 17.283, 17.284, 17.285, 17.286, 17.287, 17.288, 17.289, 17.290, 17.291, 17.292, 17.293, 17.294, 17.295, 17.296, 17.297, 17.298, 17.299, 17.300, 17.301, 17.302, 17.303, 17.304, 17.305, 17.306, 17.307, 17.308, 17.309, 17.310, 17.311, 17.312, 17.313, 17.314, 17.315, 17.316, 17.317, 17.318, 17.319, 17.320, 17.321, 17.322, 17.323, 17.324, 17.325, 17.326, 17.327, 17.328, 17.329, 17.330, 17.331, 17.332, 17.333, 17.334, 17.335, 17.336, 17.337, 17.338, 17.339, 17.340, 17.341, 17.342, 17.343, 17.344, 17.345, 17.346, 17.347, 17.348, 17.349, 17.350, 17.351, 17.352, 17.353, 17.354, 17.355, 17.356, 17.357, 17.358, 17.359, 17.360, 17.361, 17.362, 17.363, 17.364, 17.365, 17.366, 17.367, 17.368, 17.369, 17.370, 17.371, 17.372, 17.373, 17.374, 17.375, 1

“VIAGEM DE UM PAI E DE UM FILHO PELAS RUAS DA AMARGURA”

O lado esquerdo da noite ou um texto matricial

Por Joana Ruas

«Bebe nessas águas e lembra-te o que esqueceste ao nascer». Octávio Paz em «A Borboleta de Obsidiana»



Batista Bastos

O nascimento humano envolve o mistério das origens. Mas quando o sonhamos não buscamos, apenas, a explicação ou o significado desse intervalo que medeia entre a origem e o começo e a cuja intriga chamamos existência, mas também o fundamento de uma autoridade. Na relação de cada um de nós com a sua própria origem, o Pai é aquele que é reconhecido pela autoridade da palavra.

Este livro de Baptista-Bastos, «Viagem de um Pai e de um Filho pelas Ruas da Amargura», é um documento importante, posto que nos informa sobre o estado da matéria escrita e sobre a escrita como Vontade de Expressão. A matéria escrita é o declínio do Pai sob o aspecto da Fuga. Se nos reportarmos à Literatura encontramos este declínio tematizado por Balzac, Kafka, Dostoiévski e Strindberg.

Na «Viagem» de Baptista-Bastos a figura do Pai constitui o centro à roda, do qual, entre a afirmação e o apagamento, a narrativa flui e na qual o narrador se desloca, desdobra, é protagonista, espectador e Voz que narra como se se lembrasse porque o que lembra, lembra-o através do que esqueceu. O centro é, pois, móvel, porque quando a construção psicológica exigida pela função simbólica do Pai se desmorona, o pai fantasma das origens transforma-se num duplo fantasmático do «eu», num duplo narcísico.

O Velho vem do lado esquerdo da noite, atravessa (pelo poder da escrita o «écran» das páginas brancas. Há nele a inquietação de uma natureza esmagadora, fatalismo e renúncia, uma modalidade imóvel, deambulação. Vagueia numa lenta deriva pelos dias, tabernas e ruas de uma cidade, ao longo do rio sob uma luz crepuscular e opressiva. É neste quotidiano banal e monótono em que os companheiros de jogo ou simples bebedores mais não são que meras abstrações, que se nos revela a profundidade do que

é superficial e o que de trágico existe no que é vulgar. O diálogo entre Pai e Filho diz-nos de uma cultura que se estrutura fora das classes sociais e da família. Nas tabernas, praças e ruas cheias de rumores há uma cultura com os seus mitos de evasão, os seus símbolos sexuais, as suas imagens. A força corrosiva e a infinita usura contidas no anonimato humano dos que circulam no espaço fluvial e estreito das ruas, abatem-se sobre o interior das casas, sobre as famílias. Essas massas lentas e estagnadas caracterizam-se pelo ritmo repetitivo e pelo rumor, por sons de uma grande ressonância e Vozes que fazem vibrar o triângulo de pele pressionado pelo que retém ou repele e que é o símbolo da tríade familiar. É a voz do boato, da opinião que vinda da rua perturba e ameaça a família. Tudo o que caracteriza esta massa paciente e densa existe-a o Velho. Não há nele a paz que é apanágio da absoluta ignorância nem a paz da fé intelectual. Esta fé que os imobiliza numa espera sem fim estava gasta. O que lhes resta é este afã que busca a salvação na liberdade e não encontra outra satisfação que a embriaguez que aliena. A angústia que o oprime necessita do delírio patético, da desmesura, da satisfação espasmódica. Prisioneiro do Pathos a sua vontade precisa de vertigem para se erguer sobre si mesma.

O Velho quisera criar o mundo, escrever o Livro dos livros. O Filho reconhece em si os traços do Pai e com o reconhecimento surge o conflito entre a neurose do Filho como perturbação intra-edipiana e a psicose do Pai como Fuga extra-edipiana. Não estando o pai integrado na tríade estrutural, o universo afectivo do filho limita-se à relação patológica mãe/filho. Mãe que devido à ausência do pai adquire traços e qualidades viris. A família vive entre paredes com os seus mortos e recordações de mortos-vivos. Família matriarcal encarregada da função passiva de aguentar o peso da estrutura social, única realidade sólida em que se apoia

a liberdade do que parte para a investigação do seu passado, ou suporte da aventura de quem se interroga sobre os seus próprios limites. Mulheres solenes, majestosas, amargas e taciturnas. Fortes mas incapazes, frígidas e mudas. A frieza como defesa contra a violência sádica do homem e mutismo como fuga à perversão pela linguagem.

Pierre Klossowski, numa entrevista concedida ao «Nouvel Observateur», a 20 de Fevereiro de 1982, afirma: «Os dois interlocutores são virtualmente re-
fêns da sua troca de palavras. Se se enganam abandonam-se corpo e alma. A demonstração contrária é justamente o silêncio de Roberto, a sua recusa em se entregar de outro modo que pelos gestos. É o idioma corporal que entra em cena, como a guerra ou o pugilato. De facto, a linguagem é uma moeda que impede a troca. Há uma permuta moral que só se produz no silêncio.»

É o universo do sexo sem desejo pois o desejo é roubo ou dádava. Nunca é troca.

Uma primeira leitura induz-nos a analisar este pai como o anti-Édipo de Gilles Deleuze e Félix

Guatari que «não se submete à edipianização porque inventou territorialidades mais artificiais e lunares que as de Édipo». Mas de uma leitura atenta inferimos que não existe no contexto desta Viagem «uma formação de soberania capitalista que domine as produções do inconsciente e em que os órgãos e agentes da produção capitalista já não passam por uma codificação dos fluxos de aliança e filiação mas por uma axiomatica dos fluxos descodificados.»

A fuga extra-edipiana do pai é, como no-la descreve Freud em «Um souvenir d'enfance de Léonard da Vinci», fruto da melancolia. Mas quem definiu as características constitutivas do Typus Melancholicus foi Hubertus Tellenbach: «Especialmente, o melancólico agarra-se a tudo o que o rodeia e teme toda e qualquer mudança. Revela-se no mundo do trabalho como um homem de uma extrema meticulosidade; tem um sentido agudo da perfeição o que o torna, numa sociedade baseada no rendimento, apreciado. Esse perfeccionismo cria o medo de não satisfazer as exigências que ele próprio se fixa

ou que lhe são fixadas pela família. O seu «ser em sociedade» está marcado pela falta não no sentido da culpa mas da dívida».

Como na forma musical designada por Fuga, a narrativa desenvolve-se em contraponto, o antecedente e o consequente perseguindo-se e fugindo mutuamente um do outro, sendo, contudo, a figura do pai que lhe imprime o movimento. Quando se aproxima do pai o Filho parece tocar a sua realidade com o poder de fascinação e mistério que lhe são inerentes. Pai e Filho fundem-se na obscuridade interior do ser humano com as suas obsessões: a solidão, a fuga ao real, o sexo, a escolha entre o homem resignado e o homem assassinado, o medo da velhice e a celebração de uma juventude perdida. A herança paterna transmite-se através da relação complexa que é a comunicação de um imaginário que mergulha as suas raízes no colectivo urbano dos bairros ribeirinhos e no «socius» como uma instância de inscrição pois interessa marcar os corpos que são da terra e esses corpos da terra são o Corpo Feminino.

No Velho a inquietação brota do capricho e da fantasia e sobre-

tudo da perda das ilusões. Assim a nostalgia pelo tempo em que as raparigas comiam rosas, paradoxo terrível num homem que tem os dedos sagitados de um iniciador e que revela deste modo a estrutura depressiva e narcísica comum às naturezas autónomas, auto-suficientes e portanto anti-eróticas. Não nos é possível aprofundar nos diálogos o que no Velho é desilusão ou sofrimento, isto é, o que nele é Consciência!

Segundo o poeta latino Lucrécio foi o medo da morte que criou os deuses. A angústia perante a morte é aqui também angústia perante o Outro.

«Pai, ensine-me a não ter medo da morte».

«É algo que um homem não pode ensinar a outro.»

As palavras do pai deixam-no órfão. O império do pai baseia-se numa ausência e ele, o Filho é, afinal, pai de si mesmo. Empreende, então, uma viagem dentro da viagem em busca da primeira inscrição marcada no seu corpo: a filiação. O texto, doravante, sexualiza-se. Essa inscrição precisa da mediação do corpo materno que nos surge sem

Continua na pág. 2

“LA BICYCLETTE BLEUE” DE RÉGINE DEFORGES

Tudo o que é preciso para agradar

NUMA temporada em que escasseiam os livros tranquilos, eis aqui um, já prometido, que não vai provocar meningites: no máximo, dará umas insónias de alegre excitação. Muito bem feito para agradar à maioria, muito conforme com as receitas do folhetim, pouco atravancado de situações, de sentimentos e de palavras difíceis, uma coisa que há muito tempo se não via! O leitor que avalie.

Léa tem a energia de um rapaz num corpo de virgem vestido de tafetá. Tem olhos cor de violeta como a das vinhas da família que, perto de Bordeus, confinam com as dos Mauriac. No Outono de 1939, Léa faz o noivado da sua prima Camille com um herdeiro vizinho, o belo Laurent. Chama o noivo de parte para declarar que o



E tudo o vento levou

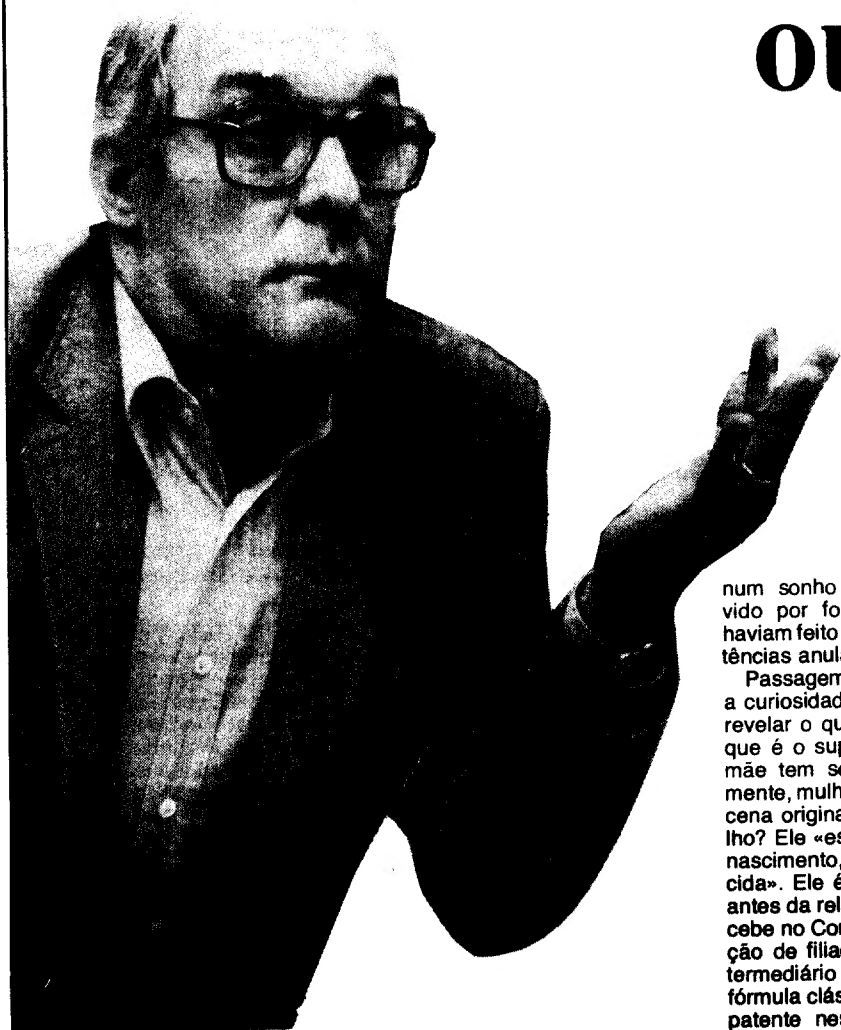
ama em segredo e que, decerto, ele lhe corresponde. Laurent concorda sem concordar. Os seus lábios tocam-se loucamente.

Estala a guerra. Os impossíveis apaixonados jantam à luz de velas em Paris. Antes de partir para a frente de combate, onde virá a ser aprisionado, Laurent encarrega Léa de olhar por sua esposa, Camille, que está grávida. Léa cumprirá esta missão com brio. Conduz a frágil prima de Paris a Bordeus viu Orléans, Montmorillon e Saint-Maixent, protege-a de arma em punho, comenta-lhe os apelos de Pétain e de de Gaulle, dá-lhe injeções, serve-lhe de parteira.

Em Bordeus, onde sua mãe morreu no bombardeamento e seu pai se transvia, onde acabam por faltar o dinheiro e os abastecimentos, Léa organiza o modo de sobrevivência do clan e a Resis-

Continua na pág. 2

O lado esquerdo da noite ou um texto matricial



Continuação da pág. 1

rosto. «É um rectângulo de alvenaria quase perfeito» e mais adiante «face de alvenaria, rectângulo quase perfeito, contido sem definição, liso e lívido e carregado de segredos indecifráveis». O rosto é uma construção de pedras sobrepostas, ligadas por segredos feitos de sedimentos oriundos da Terra.

É num «teatro privado» tendo por cenário uma praça vazia com um carrossel de animais de madeira, luzes multicores, um gira-discos, uma geradora eléctrica e uma velha hirta e abstracta que se encontram o pai e a mulher grávida. Neste cenário os objectos são comuns e familiares e emergem do mundo da infância mas mascarados e deslocados de um recanto da casa para uma praça de uma cidade morta. Envolto pela luz que banha os sonhos conservam ainda um poder de evocação tão forte que povoam a imaginação dos adultos. E afastam-se «do carrossel absurdo cuja música rouca se foi perdendo à medida que se internavam em ruas escuras». Vão, pois, para longe do lugar da infância. Troca-se a ilha do tesouro pela sexualidade cujas raízes são infantis, o mundo longínquo de ignotas terras por uma gnose pessoal e interior. Se o cenário e os objectos são familiares não deixam por isso de ser inquietantes. Em «Essais de psychanalyse appliquée» Freud escreve: «A inquietante estranheza é este nimbo de medo que se agarra às coisas há muito conhecidas e de há muito familiares». E mais adiante: «este estranhamento inquietante é a orla da antiga pátria dos filhos dos homens, o sítio onde cada um deveria ter estado. E quando alguém sonha com uma localidade ou uma paisagem e pensa sonhando — conheço isto, já aqui estive, a interpretação é autorizada a substituir este lugar pelos órgãos genitais ou o corpo materno».

Ele fala para a mulher e ela não responde. As palavras dirigem-se a nós. O espaço é agora arquitectural: escadaria de mármore a confinar com as nuvens e Atlas gigantesco e, ao fundo, uma porta que se abre suavemente. Este espaço e esta profundidade próprios dos quadros da Renascença é substituído por um espaço pictural de uma nitidez invulgar que nos é sugerida pela matéria de que é feito o mobiliário: o ferro, o mármore, uma cadeira de amplo espaldar, uma janela de guilhotina. Para compreendermos a tensão visual com que é escrita a cena original vamos ler Max Ernst: «Para pintar um quadro ou criar uma imagem preciso, em primeiro lugar, de desejar vê-la e com uma intensidade comparável à do desejo que se sente ao ver diante de nós um ser amado cuja presença física nos falta desesperadamente».

Estavam ambos desarmados, isto é, preparavam-se para uma guerra sem armas. A mulher, corpo gestual e sensual é um animal primitivo, instinto sexual, carne opulenta e sumarenta. Subjugada pelo apelo dos sentidos e do sexo, é não só espontaneidade como abandono. Enquanto nele a sexualidade é vontade, nela é oralidade. O corpo feminino submetido ao Olhar Fálico só existe na dimensão que brota da metamorfose que fragmenta. Este falomorfismo é feito através de uma liturgia lenta. O único poder que é reconhecido à mulher é o de suscitar o desejo masculino. Poder que, por um efeito boomerang, lhe é retirado, pois o corpo feminino é o campo onde se exerce o poder viril. É um corpo manipulado, passivo, isento de autonomia e transformado ao ponto de perder a sua identidade de mulher pela sonhando — conheço isto, já aqui estive, a interpretação é autorizada a substituir este lugar pelos órgãos genitais ou o corpo materno».

«Mais do que o amor fora a curiosidade que os reunira,

num sonho desconforme, movido por forças obscuras que haviam feito convergir duas existências anuladas».

Passagem elucidativa em que a curiosidade do Filho o leva a revelar o que não queria Ver e que é o supremo escândalo: a mãe tem sexo e é paradoxalmente, mulher e mãe. Mas nesta cena original onde estava o Filho? Ele «estava lá, no lugar do nascimento, na água adormecida». Ele é Aquele que existia antes da relação sexual mas recebe no Corpo a primeira inscrição de filiação tendo como intermediário o corpo maternal. A fórmula clássica 3 + 4 está bem patente neste acto: pai, mãe, filho mais o Uno do Falo Transcendente. A função do falo atesta a necessidade irredutível de uma mediação.

«A peste do sono durara longos anos». O incerto incesto é a herança paterna. No paraíso intra-uterino, móvel, mole, quente, simétrico, duplice e húmido, como o definiu Salvador Dali, ele esteve mergulhado, Filho e seu próprio Pai simultaneamente. Sai dessa matriz castradora e transforma o corpo maternal no corpo prostituído. Há nesta falomorfose necessidade de reduzir uma grandeza que o supera, um apelo do sublime que é despertado por coisas exteriores e informes e que é histerismo e medo de castração. A maternidade e o seu corolário, a prostituição é a Lei do Pai. Maria é o nome da mulher grávida e o nome da prostituta que amontoa tostões num canto escuro do quarto.

«Se foges de alguma coisa ou de alguém vais na direcção errada. Além só há o rio.»

Eis as palavras da prostituta. «Vais na direcção errada! Além só há o rio!»

Palavras enfáticas da mãe. Palavras solitárias que vão e vêm incessantemente e que não são comunicação mas moeda que liga dois mundos: a família e a rua; a maternidade e a prostituição. Estas mulheres estão ligadas pela palavra, dizem a mesma coisa em tons diferentes, falam na mesma direcção. Falam-se através de um intermediário. São palavras ou moedas, os fluxos. Palavras que ligam as mulheres através do homem e moedas que por intermédio das mulheres ligam os homens entre si. O dinheiro, lançado num canto é apenas um detalhe que simboliza o percurso do processo erótico em que o corpo feminino se carrega de uma mais-valia de desejo. Segundo Klossowski este uso do corpo feminino serve para assegurar a situação limite da permuta das mulheres tratando-as como «moeda viva».

A fruição masculina está também na autonomia do Olhar que avalia, aprecia, contabiliza. Esta capacidade do Olhar deve-se ao facto da inscrição paterna se ter apagado do corpo. Não afirma a mulher grávida ao Pai que «homem algum se deitara com ela» e que era ele o pai do filho que trazia no ventre? Esta inscrição apagada, ou não realizada, permite-lhe supor que a Lei do Pai é suspeita. Aproxima-se da Mulher espreitando-a numa relação homossexual. E tem a confirmação de uma diferença — o diálogo amoroso. A entrega mútua, a relação onde não existe violência nem submissão. O Olhar tem necessidade de ser visto. «A constelação do Touro está a ver-me?». Para que a noção de transcendência se firme, ele precisa da consciência do Outro. Então um jacto de luz alumia a narrativa; uma luz associada ao olhar e que pretende Ver o mundo com lucidez. Pensar é tentar ver claro. A narrativa perde peso e o texto ilumina-se com uma luz cinematográfica lançada sobre as palavras que reflectem um interior dilacerado por uma transcendência nocturna. Busca a serenidade e encontra a noite vasta, a sua beleza cega, o céu mudo e indiferente. Se existe a Paixão pelo Olhar de quem será esse Olhar? Não é o das mulheres cujos rostos se configuram pela arquitectura cega ou pelas pálpebras cerradas ou pelas levíssimas linhas das pálpebras. Entre o idêntico e o estranho, o interior e o exterior é a paixão do olhar do Pai pois o complexo de Édipo repousa na presença de uma ausência — o Pai.

No final, e devido à tensão passional a que foi submetida, a narrativa tende para um nihilismo especulativo. O Filho adquirirá pelo Livro um poder na medida em que a escrita é inscrição, é Vontade de Expressão. Um poder, pois cumprirá o que o pai tanto desejava: escrever o livro dos livros. Mas o filho suprimiu-se como poder (um dos poderes do Poder está em suprimir-se como poder). Contesta a Lei do Pai em que o erotismo domina sobre todos os outros valores morais e sociais. O termo «nihilismo» foi pela primeira vez usado pelo escritor Turguenev no romance «Pai e Filhos».

Esta obra foi publicada numa época de esperança no liberalismo de Alexandre II. É pois em épocas de liberalismo que o campo das práticas individuais são avaliadas e reajustadas às necessidades políticas.

Michel Foucault, em «Histoire de la Sexualité», escreve que «se a sexualidade se constituiu como domínio a conhecer foi porque as relações de poder a instituíram como objecto possível».

O Velho, sombra ou voz, caminha. Veio do lado esquerdo da noite, some-se na noite deixando o seu vulto apegado ao corpo matricial do texto.

“LA BICYCLETTE DE RÉGINE II

Tudo o que para: gi

Continuação da pág. 1

tência local com um tio dominicano.

Em missão clandestina a Paris, transmite mensagens, enfrenta os deveres de família e os deveres patrióticos; e isso sem esquecer os do seu amor contrariado por Laurent. Depois de o ter ajudado a passar para Espanha sem conseguir que ele lhe toque, volta a encontrá-lo num esconderijo de Toulouse e, desta vez, viola-o. Estamos em 1942. Segue no próximo número que já está anunciando...

Como se vê, temos todos os ingredientes: o encanto nostálgico das últimas festas, de vestidos claros, em propriedades ameaçadas; a aproximação e o desencadeamento de catástrofes colectivas, que ajudam sempre as pessoas a pertencer-se mutuamente, a guerra, que tão bem permite que se bata com os destinos em cima da mesa, como cartas de jogar, e que doseie os choros das separações com os riscos dos reencontros.

Nada faz reter o fôlego como uma paixão reprimida cuja realização se espreita e se deseja página a página. O adiamento indefinido, por motivos exteriores ou interiores, está para o romance sentimental como o sangrento «suspense» para o policial. E, enfim, que personagem melhor leva as leitoras a identificar-se e os leitores a inebriar-se que uma rapariga que acumula as fragilidades de uma adolescente intacta com a fibra de uma mulher de cabeça, de uma herdeira romântica com a violentadora de destinos, de saia arregaçada para a luta, montada no velho chavaco que dá o título ao relato das suas aventuras e que simboliza a teimosia «sexy».

E, de passagem, não são os ingredientes clássicos do género que podemos, simplesmente, reconhecer: é todo um prato, e dos mais apreciados. Pelo simples resumo de *La Bicyclette bleue*, não notou o leitor algo de interessante? O amor louco pelo noivo da prima, o encargo de olhar por esta num fundo de ruínas e de batalhas, não lhe diz nada? Vejamos outros pormenores, como nos concursos da televisão: Léa tem duas irmãs, seu pai, viúvo,

julga que a mulher ainda está viva... Então?

Mas, com os diabos, é **E tudo vento levou!** Claro que faltam escravos negros nesse Sul transformado em Sudoeste e claro que a vinha não tem posição avassaladora do algodão; mas tende a tê-la, e os camponeses falam dialecto. O descalabro de 1940 desempenha o papel da guerra da Secessão e Paris ocupa o de Atlanta em chamas.

Camille é, evidentemente, Melanie Hamilton; e Laurent é o bel Ashley. Embora um tanto ou quanto ou espreitada pela mudança de século e de continente, Léa opõe a adversidades coráveis a persistente sedução de Scarlett. Apesar de ainda não ter casado nem ter tido filhos, como a pequena O'Hara na mesma idade, podemos apostar que se prepara para isso.

Virá ela a descobrir que, e a vez de Laurent-Ashley, é Rhett Butler que ama, um Rhett Butler que aqui está ainda mal esboçado? Camille-Melanie virá a morrer? A gestão das vinhas, como a dos campos de algodão, servirá a Léa-Scarlett de refúgio perante os desgostos do coração? Está marcado o encontro, para a sua felicidade ou para a sua decapitação, com os inúmeros apaixonados do romance de Margaret Mitchell e do filme de Sidney Howard (1) com Vivian Leigh e Clark Gable.

Régine Deforges não cita a autora desse «best-seller» mundial a não ser como uma fonte entre outras. Entre essas, dominam os historiadores, escritores e parentes que ajudaram a reconstituir os anos 40.

Certamente pensou, com razão, que os empréstimos, quando são confessados a esse ponto, valem como exercícios, brincadeiras, homenagens. E nisso não faz mais que ilustrar a seu modo o acentuado gosto da nossa época pelas colheitas, declaradas ou clandestinas, feitas na história e nas obras-primas. Só neste Outono, pelo menos uma de cada duas obras de ficção cola, misturadas, deforma situações e personagens da realidade ou do imaginário célebre. Já Montaigne observava que «não fazemos outra coisa».



ETTE BLEUE" DEFORGES

é preciso gradar

sa senão glosar-nos uns aos outros». Parece que o nosso fim-de-século nunca mais acaba de revistar o património com maior ou menor referência.

Será um sinal de desgaste, uma prova de que tudo está dito, ou de que, pelo contrário, não se pode fazer mais que revirar a herança em todos os sentidos possíveis? Eis uma discussão que **La bicyclette bleue** não permite iniciar completamente. Pois, na verdade, se *Scarlett* ocupa lugar de eleição na memória universal, essa serigaita de choque não chega a ser um mito nem sequer uma figura. Não é uma Antígona nem uma Isolda nem uma Bovary; é, quanto muito, um carácter sonhado por um autor que jurou multiplicar ressaltos de acção e emoções garantidas.

E o facto é que Régine Deforges alcança os seus objectivos. Merece que os leitores de folhetins sem complicações se precipitem, juntamente com os adaptadores para grandes e pequenos ecrãs. Deve ter feito deliberadamente essa opção de não ter de corar de vergonha por se inscrever na tradição de Eugène Sue, cujos *Mystères du peuple* em tempos reeditou, e por vir juntar-se aos campeões do «nouveau romanesque» como Jacques Laurent, cuja *Caroline chérie* nos é tão recordada por Léa.

Só lamento uma coisa: é que ela respeite também tão rigorosamente a banalização que o género parece exigir para seduzir as massas. Acção, psicologias, estilo, conservam-se nos limites da convenção mais simplificada. Por vezes, dir-se-ia que é uma imitação, tanto os corações batem sob as blusas no momento próprio e como é próprio, tanto as lágrimas seguem o seu previsível trajecto em rostos enrubescidos.

A autora de *Cahier volé*, de *Les enfants de Blanche* e de *La révolution des nonnes* habituou-nos a maior ambição e maior esperteza. Muitas passagens de *La bicyclette bleue*, como os encontros com a *tout Paris* ocupada ou com a ambígua personagem de Roger Malth, claramente inspirada em Maurice Sachs, confirmam que Régine Deforges podia ter enriquecido a sua máquina romanesca, sem a fazer encravar, com desenvolvimentos menos estereotipados. No fim de contas, a *Storia* de Elsa Morante ou *Le choix de Sophie* de William Styron foram também «best-sellers».

Mas, no fundo, não é assim tão frequente um autor ficar aquém dos seus meios. Régine Deforges já ganhou os seus galões de cantora eficaz. Precisa agora de desenvolver aquilo que a ela lhe pertence e que faz desde já o encanto de *La bicyclette bleue*: um apetite de viver, uma gula dos sentimentos à maneira de Colette, uma arte, agora rara, do presente — o duplo sentido de instante e de prenda.

BERTRAND POIROT-DEL-PECH

* **LA BICYCLETTE BLEUE**, de Régine Deforges, Ramsay, 392 p., 73 f. (1) O Autor está equivocado: o filme *Gone with the Wind* (1939) tem a assinatura do realizador Victor Fleming e do produtor David Selznick. Quanto a Sidney Howard, será talvez o grande actor inglês Leslie Howard, que fazia o papel de Ashley (N.T.).

Os nossos “Penúltimos castigos”

Felix de Azua/“La Vanguardia”



Carlos Barral, um dos mais importantes poetas espanhóis da «geração dos anos 50», publicou agora o seu primeiro romance, «Penúltimos castigos», em que narra a morte do próprio autor, isto é, dele próprio..

acertado será separar as personagens e ficarmos com o ténue perfil que, ao fim e ao cabo, as distingue.

Estamos perante um romance que é um trabalho honesto, sincero, apaixonado. Os anteriores livros de memórias eram exercícios de estilo cheios de informação. Agora, não: agora que estamos perante uma obra literária. Verdadeiramente.

O modelo Kerouac

O desdobramento de «Carlos Barral» proporciona-nos o fracasso e uma visão desapiedada das leviandades, contorsões, saltos e cabriolas que um homem executa quando se encontra ferido de morte.

De um lado, o fracasso social, o fracasso dos negócios de «Carlos Barral» como editor em Bar-

celona caído nas mãos dos «fúrrões» madrilenos.

É precisamente no episódio do «afundamento» social de Carlos que aparece essa marioneta que surpreenderá uns e outros, toda a gente, enfim. Um madrileno, numa palavra, que, como «fúrrão», é bem o exemplo do homem sem pudor no campo social. O fracasso dos negócios de «Carlos» dilui-se num torvelinho de enfermidades, bebedeiras, zaragatas, delírios, misérias, etc., que acabam por deixar um corpo sem vida.

O outro fracasso é o do narrador, o qual nos conta minuciosamente o seu desastre como artista (é escultor), dissolvido por sua vez num torvelinho como o anteriormente adjectivado, mas com um pormenor estupendo: um arquipélago de senhoras, todas vagamente afins e como

que vestidas pela mesma boutique, funcionando tal um coro trágico.

Impõe-se à atenção de que ambos os fracassos, o social e o artístico, se expressem mediante um ritual idêntico, que ambos obedeam a leis autodestrutivas que procedem da I Grande Guerra: tabaco, sexo, álcool, conversas intelectuais, grandes amizades artísticas... É curioso comprovar que um modelo literário remozado, e que Kerouac pusera em marcha vinte anos atrás, nos surge aqui com todas as suas potencialidades.

Em todo o caso, as destruições de «Barral» e do narrador seguem idêntico caminho e ambas se escudam numa vaga alusão à maldade dos outros, sejam estes capitalistas madrilenos ou comerciantes catalães. Em nenhum momento há a mais

pequena introspecção sobre as faltas cometidas por aqueles que são destruídos. Ambos se esforçaram com toda a sua alma, ambos fracassaram, ambos estão desorientados por não encontrarem algo mais culpado do que a exterioridade, o mundo.

Mas isso é impossível. O mundo só destrói aquilo que se deixa destruir — e sem dúvida que em algum ponto de «Barral» e do narrador existiu certamente um hiato, uma falta, um vazio através do qual o mundo se introduziu como um cancro.

E é precisamente esse hiato, essa falta precisamente, esse vazio também que se impõem ao leitor — e fazem do romance de Carlos Barral os «Penúltimos Castigos» que, de uma maneira ou de outra, nos são impostos ao longo das páginas.

A igreja desaparecida

John C. Blood

A aldeia de Uris ficava nos confins de um litoral verdejante, bordejando porém uma larga região pantanosa que, a partir de Março, era um paraíso para os caçadores furtivos. Poiso obrigatório das aves migradoras, no seu regresso dos países do Sul em direcção ao grande Norte, aí se podia ver um catálogo zoológico das mais belas espécies, levantando voo em bandos compactos à medida que a Primavera o permitia. O Sol nascente, dissipando as névoas nocturnas como o sopro do vento arrastando flocos de algodão, alongava os seus raios pelas vastas lagoas deixando entrever cristações profundas que se transmitiam às ondulações nervosas dos juncos e canaviais a que a geada dava um brilho acobreado.

No inverno, contudo, dir-se-ia que passávamos a um outro

continente. Toda a paisagem tinha a mesma sinistra brancura, entevendo-se aqui e ali a copa enegrecida de abetos queimados pelo temporal. O céu, durante o dia, tinha a cor uniforme do aço, ameaçando a cada instante abater-se sobre o mundo; mas o breve crepúsculo transformava-o numa larga boca de catarata de onde jorravam as torrentes do dilúvio, engrossando ribeiras, outrora humildes, em correntes impetuosas que, numa avidez de precipício, corriam para as praias devastadas pelo suplício constante das marés.

Era aquele lugar uma escala obrigatória da navegação que, ladeando a Bretanha inóspita, buscava o golfo da Biscaia rumo ao oceano. Cascos comidos pelas algas e pelo sal atestavam, ao longo das falésias, o fim das incontáveis tripulações que, num último esforço, tinham tentado resistir à muralha de refúgios que o constante movimento das es-

pumas ia pondo a descoberto, roubando-lhes a esperança de um derradeiro sono em terra firme.

Coube-me, há alguns anos, na ingrata tarefa de inspector dos portos e faróis, visitar a península de Uris, precisamente em meados de Dezembro. Retido na estação de caminho-de-ferro por uma tempestade de neve que bloqueou todos os caminhos para a aldeia, só na véspera de Natal consegui chegar a Uris graças a um destemido aldeão que, não receando a intempérie, e conhecedor dos caminhos do pântano, me conduziu no seu frágil mas seguro coche, puxado por duas possantes mulas cuja respiração ofegante soltava nuvens de vapor na claridade gelada da tarde. Chegámos, já noite escura, sob uma chuva persistente que, misturando-se à neve de dias, formava uma lama esbranquiçada onde os únicos ruídos que se ouvia eram o chiar persistente das rodas junto



Procuvo uma gaivota

Procuvo uma gaivota
Que me traga
O som de todas as tempestades

Só ainda o desejo
Anima
O corpo:
A boca
A inundar a pele
A água
A perseguir a fonte

MARIA LUÍSA CAMPOS

Estudos de história contemporânea de Portugal

JOSÉ MANUEL TENGARRINHA acaba de editar, através da Caminho, na Coleção Universitária, «Estudos de História Contemporânea de Portugal». Da contracapa: «Um traço comum apresentam estes estudos: não se limitam a ser meras reinterpretações de dados conhecidos — direcção que não se afigura a mais fecunda na actual fase dos estudos sobre a nossa época contemporânea — mas visam, sobretudo, aumentar o conhecimento e abrir perspectivas de reflexão, em vários domínios, a partir de novos dados carreados pela investigação. Duas concepções igualmente dominam a generalidade dos trabalhos: por um lado, a da globalidade, no sentido de que cada estudo, embora incidindo sobre um tema particular, se articule com uma compreensão de conjunto da sociedade; por outro lado, a de que, sem esquecer as camadas superiores e os grupos «privilegiados», seja dada maior atenção do que até aqui ao conhecimento do comportamento social e das formas de mentalidade das camadas sociais mais vastas, numa perspectiva «de baixo para cima» que tem sido obviamente subalternizada nos estudos historiográficos no nosso país.

JOSÉ MANUEL TENGARRINHA

ESTUDOS DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DE PORTUGAL



A igreja desaparecida

Continuação da pág. 3

como vos referis ao sagrado uso da Missa da Meia-Noite em tais termos! Pensava que as povoações da beira-mar tinham noutra conta as tradições!

Senti-me ser olhado com sincera comiseração.

— Talvez amanhã não pense assim... se lá chegar!, disse uma voz de alguém que se esgueirou pela escada de caracol.

Uns dedos calejados pousaram-me no ombro:

— Se for homem para desafiar

os elementos, levo-o a uma Missa que jamais esquecerá.

Recém-chegado, desconhecendo os costumes da região, não ousei dar parte de fraco. Começou ali uma ventura que transformou a cor dos meus cabelos.

Quando saímos da taberna a tempestade abrandara, embora a ventania glacial me desse no rosto. Protegido por um espesso capote de marinheiro, que o dono da estalagem me emprestara, acertei o passo pelo meu guia que, indiferente à hostilidade dos elementos, avançava

pela treva. Saíramos da aldeia há bem um quarto de hora quando me chegou aos ouvidos, através do rugido do vento, um cavo toque de sinos.

— Ai estão eles... como todos os anos!, gritou o meu companheiro.

Uma luz irreal, esverdeada, surgia à nossa frente, acompanhada por um cheiro intenso ao mofo húmido que só quem entrou no porão de um velho cargueiro poderá ter experimentado. Subitamente, apercebi-me de que inúmeras sombras se moviam à nossa volta,

dirigindo-se na mesma direcção. Em breve se nos abria o portal de uma velha igreja, nascida dos lodos do pântano, onde ia entrando toda aquela gente.

Sentámo-nos no último banco. Pouco a pouco fui-me habituando à obscuridade — apercebendo-me então de que os homens que entravam e iam enchendo a nave se encontravam vestidos das formas mais inverosímeis, numa variedade de trajes e fardas marítimas que cobriam inúmeras épocas. Não distinguia os rostos nem as mãos, e duvido hoje que eles os tivessem, pelo menos na sua forma natural: mas o que não esqueço é aquela Missa rezada em pelo menos vinte línguas diferentes, num som baixo e desesperado que se aproximava do próprio ruído da ressaca, no intervalo entre o rebrantar de uma onda e a formação da seguinte, em que a ameaça se nos torna perceptível sem que nada posamos fazer para a evitar.

Quando os sinos deram o fim da Missa, apenas sei que perdi a consciência dos meus actos, vindo a encontrar-me, já de madrugada, a vaguear nas redondezas da aldeia onde alguns voluntários me procuravam com lanternas e campainhas.

Fiquei uma semana numa profunda prostração, após o que realizei a minha tarefa e pude regressar ao continente.

(*) O texto foi encontrado numa «Anthologie du Conte Merveilleux, Paris, 1915, com o título «L'église disparue». Estava incluído com mais dois contos de outros autores numa série que referenciava tradições de continentes desaparecidos: a Atlântida, o reino de Sabá, e, neste caso, a legendaria cidade de Ur, nas costas da Bretanha. Desconheço-se a que original de Blood o tradutor francês terá recorrido.

Enquanto



Ana Paula Portugal

Afastou com brusquidão o lençol e num salto atingiu o interruptor.

Uma luz forte lançou-o numa cegueira momentânea e foi com os olhos protegidos pela mão esquerda que sofregamente bebeu a água que tinha no copo.

Mais sereno, olhou em volta e meteu-se, luz acesa, na cama. Sentia-se esgotado e, para chamar o sono, deitou-se de barriga sobre o colchão.

Já o repouso se apoderava do seu corpo distendido quando a imagem que o acordara lhe surgiu majestosa.

O coração torcido, sentou-se nos lençóis. Um medo gigante secava-lhe a boca, a alma, encolhia-lhe os pés.

Gritou:

— Até quando este inferno?

— Raul, que tens? — perguntou-lhe Ana, abrindo-se na cama, roubada aos seus olhos eróticos.

— Nada... Voltaram aqueles diabólicos pesadelos em que os vejo mortos...

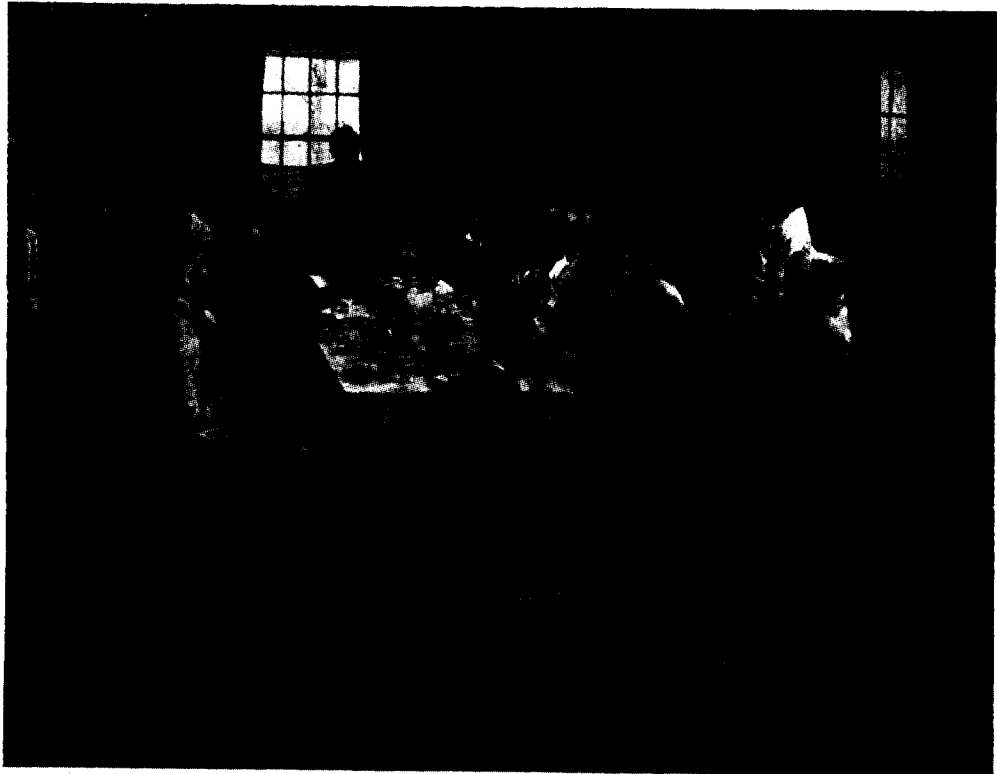
— Esquece isso, Raul. Vá... Dá-me a mão.

Raul aconchegou-se ao corpo quente de Ana:

— Ana, não é justo que partilhas da minha existência desgraçada. Não é justo que sofras por mim. Não é justo que...

— É justo, Raul, é justo. Enquanto te amar é justo...

E Ana só adormeceu quando o sentiu a dormir.



Pintura de Trustees patente na Tate Gallery